

**SÉRGIO LUIZ FERREIRA**

**O BANHO DE MAR NA  
ILHA DE SANTA CATARINA  
( 1900 - 1970 )**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
ILHA DE SANTA CATARINA**

**1994**

**SÉRGIO LUIZ FERREIRA**

**O BANHO DE MAR NA  
ILHA DE SANTA CATARINA  
( 1900 - 1970 )**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Grau de Mestre em História à Banca Examinadora da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Professora Doutora Joana Maria Pedro.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
ILHA DE SANTA CATARINA**

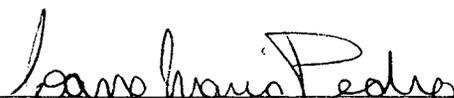
**1994**

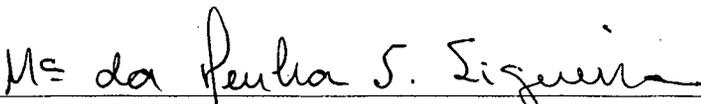
**O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina  
(1900/1970)**

**Sérgio Luiz Ferreira**

**Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de  
MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL**

**BANCA EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Joana Maria Pedro - Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria da Penha Smarzaró Siqueira

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Bernardete Ramos Flores

A todos os ilhéus de nascimento, criados de pé descalço, comendo pirão d'água e peixe frito, principalmente aos pescadores que perderam seus ranchos e casas para a especulação imobiliária; e a todos aqueles que vieram do continente e souberam respeitar o nosso jeito 'manezinho' de ser.

### **ILHA DE SANTA CATARINA**

"Ilhéu que sou, que graça e que contentamento  
Sinto eu, quando te vejo e te percorro, ó Ilha!  
És dos mares do Sul, a eterna maravilha;  
E parece que tens um certo movimento!

Embalam-te, num gozo, as carícias do vento;  
E outras vezes o vento os teus mares fervilha ...  
Pelos teus campos toda a luz do sol rastilha;  
Dá-lhes todo o vigor dum puríssimo alento!

Como te quero bem, Ilha dos meus amores!  
Com os teus laranjais, tuas vinhas e flores;  
Teus riachos de prata, abraçados em nistros ...

E tuas praias são esteiras de alvo linho,  
Que se estendem a um sol de inefável carinho,  
Palpitanes de luz, de proas e de mastros!"

Juvêncio de ARAÚJO FIGUEIREDO

## ÍNDICE

RESUMO.....	06
RESUMÉ.....	07
ABSTRACT.....	08
AGRADECIMENTOS.....	09
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - DEXTERO ENTRE AS ÁGUAS.....	20
CAPÍTULO II - A CIDADE VAI EM DIREÇÃO AO MAR: RECREIO DAS FAMÍLIAS NA ORLA MARÍTIMA .....	53
CAPÍTULO III - A PRAIA SE TORNA, DE FATO, LUGAR ELEGANTE: ESPAÇO DE SOCIABILIDADE RESTRITA .....	79
CAPÍTULO IV - O SONHO DE FAZER DA ILHA UM CENTRO DE TURISMO: O BANHO DE MAR SE POPULARIZA EM FLORIANÓPOLIS .....	109
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	135

FERREIRA, Sérgio Luiz. *O Banho de mar na Ilha de Santa Catarina (1900/1970)*. Florianópolis: UFSC. 1994. 140f./  
Dissertação de Mestrado em História/09/12/1994.

Orientadora: Joana Maria Pedro

*Análise do processo de implantação do [banho de mar] na cidade de Florianópolis e suas conseqüências, como a mudança de relação do habitante da cidade com o mar, o surgimento de um [processo civilizador] e a penetração da cidade no interior da Ilha. Demonstra a transformação da relação entre [público e privado] na orla marítima da cidade, bem como a transformação ocorrida na arquitetura, nas direções das fachadas das casas. O banho de mar ditou novas modas, novos trajes, transformou mentalidades e hábitos, calou preconceitos arraigados e suscitou outros. Os [jornais] foram a principal fonte de pesquisa utilizada.*

## RESUMÉ

Cet étude cherche à analyser comment s' est passée l' implantation du bain de mer sur l' Île de Santa Catarina. Le bain de mer est une activité sociale, de récréation et de tourisme qui en Europe a commencé à être pratiquer au XVIIIème siècle, à Rio de Janeiro à la fin du dernier siècle et à Florianópolis ce siècle seulement.

Avec son utilisation pour les bains, la mer a cessé d' être exclusivement lieu de travail ( pêche, extraction) e milieu de transport, pour devenir un space de sociabilité de l' habitant de la ville. Les rapports de l' homme avec la mer ont changé rêté pour négligeance envers le Code Moral, a atteint la primauté dans l' eau, même para rapport aux bateaux . Chose de voyou qu' il était, le bain de mer est devenu du chic, symbol de l' homme civilisé.

Il émerge, par conséquent, une question bien pertinente: c' est le rapport entre public et le privé. La plage qui autrefois servait comme fosse où on lançait les ordures ( privé), est devenu un lieu de sociabilité intense (public).

Le discours médical a joué un rôle important dans l' habitude d' être au bord de la mer, qui au premier moment s' est donnée à travers de piquenique au bord de la mer.

Le bain de mer a changé la configuration de la capitale de Santa Catarina, son aire d' expansion, a modifié l' architecture et les directions des façades des maisons, a dicté de nouvelle modes e de nouveaux costumes, a transformé mentalités et habitudes, a fait taire des prejugés et a fait susciter d' autres.

Il est entré, enfin, dans lo quotidien de la ville et est devenu sa marque registrada, en donant l' impression que Florianópolis et le bain de mer sont des frères qui marchent aux mains donnés depuis mille ans. Ils sont des amis récents, mais d' une intimité capable de faire envie à Don Quichote et son Rocinant.

## ABSTRACT

The present study seeks to analyse how the implantation of the sea bathing in the Santa Catarina Island occurred. Sea bathing is considered a social, leisure and tourist activity that started in Europe in the 1700s, in Rio de Janeiro by the end of the last century, and in Florianópolis in this century only.

With its use for bathing, the sea stopped being an exclusive place of work (fishing and extraction) and means of transportation to become a place of sociability of the inhabitant of the city. The relation between men and sea changed to such an extent that the bather, who in the last century would have been put into prison because of the Law, started to have the priority in the water, even over boats. What was considered proper of vagrants turned to be elegant, a symbol of the civilized man.

Thus, a very appropriate topic arises, that is, the relation between the public and the private. Formerly used as a dumpsite and sewage deposit (private sphere), the seashore became a place of intense socializing (a public place).

The medical discourse had a preponderant role in the popularization of the idea of being at the seashore, that in a first moment occurred through picnics at the seashore. In the divulgation of this discourse, different elements had an important role, mainly the newspapers, true "voices of the civilization".

The sea bathing changed the configuration of the capital of Santa Catarina and its area of expansion. It also modified the architecture and the direction of the facades of the houses, established new fashions for clothing, transformed mentalities and habits, silenced deeply rooted kinds of prejudice and gave rise to others.

Finally, sea bathing has become part of the day-to-day routine of the city and turned into its trade-mark, giving the impression that Florianópolis and sea bathing are brothers that have walked holding hands for millennia. They are recent friends, but they share a closeness that would make even Dom Quixote and his Rocinante envious.

## AGRADECIMENTOS

A *Emília Ferreira (Vó Miloca)*, que me transmitiu o gosto pela História. Desde pequeno eu me debruçava na soleira da janela da varanda, enquanto ela, fazendo renda de bilro, ia me contando as histórias da sua vida, de nossa gente e de nossa terra. A sua memória era algo espetacular. Sábia mulher, que nunca freqüentou os bancos escolares, e que soube conduzir a vida com dignidade, ela nos legou ensinamentos para a vida inteira.

Meu bisavô *Manoel* foi homem do mar; minha bisavó *Edvigés (Vidinha)*, pescadora; Vô *Timóteo*, marinheiro; *Timotinho*, meu pai, pescador. A todos os meus antepassados, homens e mulheres do mar, que deixaram no século XVIII os Açores para nesta ilha se estabelecerem.

A *Bertolina e Timotinho* por terem feito tantos sacrifícios para que este filho pudesse seguir o seu caminho.

Aos companheiros de banho de mar na infância, meus irmãos *Maria Emília, Adriano e Izabel*, bem como, *Laércio, Marluce, Maria dos Passos e Clóvis*.

A *Joana Maria Pedro*, orientadora e amiga, pela lucidez, competência e segurança com que me conduziu na trilha para chegar à conclusão deste mestrado.

Aos professores do Curso que tanto contribuíram para o meu mestrado. Sobretudo, *Maria Bernardete Ramos Flores, Valberto Dirksen, Carlos Humberto Corrêa, Marli Ana Fortes Bustamante Mira e Élio Cantalício Serpa*.

Aos amigos, sempre presentes, sobretudo nas festas de final de semana, que foram o combustível necessário para enfrentar esta maratona.

A *Samuel Pires*, amigo que prestou valiosa contribuição na coleta de dados nos jornais. Vez por outra, os amigos *André Wagner e Rogério Luiz de Souza* também deram o ar da graça na Biblioteca Pública.

A *Edinei da Rosa Cândido*, amigo e poliglota, que traduziu para o francês o "Resumé".

A *Cibele Bauer*, de modo especial, que com seu amor tornou mais gratificante esta caminhada, sabendo compreender as horas de ausência, pela tradução para o inglês do "abstract" e pela excelente revisão que fez neste texto.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), que através de bolsa de estudo me proporcionou ajuda financeira para a conclusão, em tempo hábil, desta dissertação.

Ao mar que esteve todo tempo aqui a me embalar enquanto escrevi esta dissertação, colírio para os meus olhos e suave melodia aos meus ouvidos.

## INTRODUÇÃO

"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.  
 Deus quis que a terra fosse toda uma,  
 Que o mar unisse, já não separasse.  
 Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,"  
 Fernando Pessoa

Como terá surgido o banho de mar na Ilha de Santa Catarina, já te perguntaste? Se tua resposta é de que sempre existiu, te enganas. O banho de mar é uma invenção social. Rastrear este processo de implantação do banho de mar nesta Ilha Capital de Santa Catarina de Alexandria é a que se propõe o presente trabalho. Não penses que encontrarás aqui a história dos biquínis, nem tampouco dos bronzeadores. O principal período de estudo deste trabalho é um pouco anterior, quando ainda não se cogitava ir à praia para efeitos de bronzeamento. Procurava-se a praia para tratamento de saúde, recreio e "refrigério contra o excessivo calor". A época mais recente, onde o bronzeamento já fazia parte do banho de mar, foi tocado só de leve. O período estudado, já que precisamos colocar balizas temporais no trabalho, é, mais ou menos, de 1900 a 1970, um pouco antes, um pouco depois.

Uma das questões que podemos suscitar era se na época o banho era considerado lazer ou não.

*"Muitos estudiosos pensam a sociedade como se não existisse a noção de lazer e intelectuais audaciosos, ao buscar novos sistemas que desejariam mais próximos da atual realidade, deixam-na de lado." <sup>1</sup>*

Esta constatação pode ser feita, sem nenhum esforço, quando se observa a produção acadêmica existente sobre a sociedade. Mas a partir de onde se pode falar em lazer? Desde quando o homem passa a fazer lazer e a considerar lazer certos atos seus?

<sup>1</sup>DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973. p. 19

Uma coisa é certa: o lazer está intimamente ligado ao trabalho. Fala-se de tempo de trabalho e de não-trabalho. Lazer é, então, o não-trabalho? E o ócio e a diversão o que são? Existe uma tendência tentadora de, ao olharmos para o passado, fazê-lo com os olhos de hoje, ou seja, com a consciência, as noções, os conhecimentos e os usos hodiernos.

Esta tentação existe ao se olhar o presente objeto de estudo - o estar à beira-mar, o banho de mar. Alguns, ao analisarem este fenômeno de os habitantes da cidade buscarem a orla marítima para seus convescotes e banhos de mar, logo o consideram lazer. Às vezes, tão imbuídos estamos dos conceitos atuais, que nem nos damos conta de perguntar se o referido conceito era conhecido na época. É o que se deu com o banho de mar. Em momento algum de minhas pesquisas, que se estenderam aos jornais de Florianópolis de 1900 a 1950, encontrei a palavra *lazer* para designar o que as pessoas faziam à beira-mar. E se não existia o uso da palavra, existiria, ao menos, a prática, mesmo sem esta designação? O que encontrei em minhas pesquisas foi o banho de mar chamado de desporto, divertimento, refrigério, gozo, etc., mas nunca a palavra *lazer*. O que era o banho de mar para as pessoas daquele tempo?

O lazer está intimamente ligado ao trabalho. Segundo Jurandir Freire Costa, ao estudar a sociedade brasileira, "*aconteceu a produção institucional de formas de diversão, de descanso, cultura e evasão, que, ao mesmo tempo em que instituem uma distinção entre práticas ociosas - negativas - em nome de práticas de lazer, procedem à criação do ócio como erro a ser corrigido pelos programas de lazer*", desta forma, tratava-se de encontrar uma "*forma de corrigir hábitos advindos de uma sociedade colonial, na qual o lazer, quando não se confundia com o trabalho, não era objeto de nenhuma codificação.*"<sup>2</sup> "*Ou seja, a diversão, o descanso e o tempo de folga cotidianos 'improvisam-se ao sabor das*

<sup>2</sup>COSTA, Jurandir Freire. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2a. edição, 1983. p. 183

*circunstâncias' e a separação ou distinção entre estas práticas era pouco visível e desnecessária para a manutenção da vida social."*<sup>3</sup>

Temos, então, um elemento importante: o lazer está ligado a práticas institucionais de formas de diversão, descanso e cultura. O lazer é diametralmente oposto ao ócio, que é um erro a ser corrigido pelos programas de lazer.

Segundo Joffre Dumazedier, a paulatina diminuição da jornada de trabalho e, por conseguinte, o aumento do tempo livre, ocorridos em diversos países industrializados desde o século passado desencadeou, no início deste, uma "inquietude" e ao mesmo tempo uma "esperança" entre os reformadores sociais, pautadas pela questão: "*o tempo liberado será utilizado para o florescimento ou para a degradação da personalidade.*"<sup>4</sup>

O ócio é considerado desregramento e o lazer "negócio" capaz de excluí-lo ou tratá-lo. Este tratamento implica em sua integração numa ordem moral, racional e economicamente útil.<sup>5</sup> Vemos, então, o lazer surgir nos países industrializados a partir do século passado, quando as jornadas de trabalho já estavam diminuindo e o tempo livre aumentando. Ora, seria um erro transportar estes acontecimentos para Nossa Senhora do Desterro na mesma época. No século passado a industrialização generalizada ainda não havia chegado ao Brasil, e nem tampouco os trabalhadores brasileiros haviam chegado ao estágio de organização e reivindicação dos trabalhadores europeus.

Se o lazer está intimamente ligado ao tempo do não-trabalho, de modo especial às férias, como poderia se dar no Brasil, onde os trabalhadores só adquiriram o direito a férias com o Decreto Federal 4982 de 21 de dezembro de 1925, que mandou conceder anualmente 15 dias de férias?<sup>6</sup> Mesmo assim, parece que o

<sup>3</sup>SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. O prazer justificado: Lazer em São Paulo (1969-1979). São Paulo: PUC, 1988, (Dissertação) Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1988. p. 15-16

<sup>4</sup>DUMAZEDIER, J. Sociologia empírica do lazer. p. 21. Apud. SANT'ANNA, D. B. Op. cit. p. 12

<sup>5</sup>SANT'ANNA, D. B. Op. cit. p. 13

<sup>6</sup>Os operários de Florianópolis e a lei de férias. O Estado. 15.01.1931. p. 6

decreto custou a ser implantado, tanto é que em 1931 o Jornal O Estado publicou um artigo que contava que os operários de Florianópolis haviam procurado o Dr. Henrique Fontes, juiz federal em exercício, para consultá-lo sobre a lei de férias, que já estava em vigor, mas que aqui nunca tinha sido observada. O Trabalho só virou "Ministério" no governo Getúlio Vargas, em 1930. A luta dos trabalhadores brasileiros por seus direitos já se iniciara nos grandes centros na década de 1920, mas em Florianópolis foi somente mais tarde. Dessa forma, como se podia falar de lazer numa terra onde as férias ainda não tinham sido instituídas e a jornada diária de trabalho ainda era de 12 horas? Como pensar em lazer se o tempo de folga ainda era tão escasso? Parece-me que em Florianópolis, nessa época, a diversão, o descanso e o tempo de folga ainda "se improvisavam ao sabor das circunstâncias", sem que fosse institucionalizado.

Na Ilha de Santa Catarina a diversão estava imbricada no calendário litúrgico, na sazonalidade e no cotidiano das pessoas. Embora ainda não fosse institucionalizada a diversão acontecia de forma espontânea.

É elucidativo o conceito de lazer que Joffre Dumazedier concebeu:

*"O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais."*<sup>7</sup>

Supõe-se que se atentarmos para o conceito de Joffre Dumazedier, poderemos ver que o banho de mar na Ilha de Santa Catarina foi praticado em nome

---

<sup>7</sup>DUMAZEDIER. J. Op. cit p. 34.

de cuidados com a saúde, normalmente em família. Ainda não se cogitava ir à praia para praticar lazer.

Nicolau Sevcenko, ao analisar a sociedade e a cultura nos anos 20 em São Paulo, na sua obra Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20, diz que o antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Era preciso ir para a rua, onde estava a ação. Não era mais descansando que se deveria preparar para a semana vindoura, era recarregando as energias, tonificando, os nervos, exercitando os músculos, excitando o espírito. Por diversão se entendia toda uma nova série de hábitos físicos, sensoriais e mentais que passaram a ser arduamente exercitados, concentradamente nos fins de semana...<sup>8</sup>

Em Florianópolis, também a imprensa tentava fazer com que os habitantes da cidade deixassem de ficar em casa nos finais de semana. Um artigo de 1919, do jornal Terra Livre, que noticiava o convescote que "*alguns moços empregados no nosso comércio e muitas moças*" realizariam em Canasvieiras, conclamava as famílias a que imitassem o exemplo, "*deixando o calor escaldante da cidade, aos domingos, para saírem em demanda das lindas praias da encantadora e pitoresca Canasvieiras*". Percebemos, desta forma, que a não ocupação do tempo livre para atividades ao ar livre, tais como as atividades lúdicas, de diversão e de entretenimento, começava a incomodar. Era preciso ocupar o tempo livre, de preferência com atividades que colocassem a pessoa em contato com a natureza. A Ilha de Santa Catarina sempre teve a natureza exuberante, e nela sempre fez calor, mas os habitantes da cidade não se ocupavam da natureza para atividades lúdicas ou de diversão. Foi só a partir desta época, década de 1910, que os olhos se voltaram

---

<sup>8</sup>Ver SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 1992. p. 39

para a natureza e passaram a percebê-la como lugar de atividades lúdicas, de diversão e de recreio.

Joffre Dumazedier diz que a necessidade de lazer cresce com a urbanização. Esta observação, bastante pertinente, se pode fazer em relação à nossa cidade pesquisada, Florianópolis. Ela passou por um reajustamento urbano que se iniciou com a implantação da República e que teve seu auge no limiar dos anos 20. De fato, é neste período que Florianópolis começou a ter movimentação característica de vida urbana. É aí que se tentou acabar com todos os tótems que simbolizavam o atraso: a insalubridade, a ignorância e a superstição. Quem começara a buscar formas de diversão e recreio na orla marítima, bem como em qualquer outro lugar, era o habitante da cidade, o habitante do interior não buscava estas atividades recreativas.

No início do século XX a urbanização ainda não alcançara o interior da ilha, e dessa forma, "*o lazer, quando não se confundia com o trabalho, não era objeto de nenhuma codificação.*"<sup>9</sup> O trabalho assalariado e as jornadas de trabalho determinadas ainda não reinavam. O tempo ainda não era contado conforme os ditames do capitalismo, o próprio dinheiro não tinha muita importância, o escambo era a forma reinante de negócio. Trocava-se peixe por gêneros alimentícios, o caderno na venda era pago com a safra de café, feijão, milho, mandioca, banana, laranja ou com peixe ou lenha. O pescador não recebia no final do mês, mas sim ao final da "lua", períodos que vão de três dias antes da lua nova ou cheia até três dias depois. Na maioria das vezes, nem recebia por ter ficado o dinheiro da safra empenhado para o pagamento da venda.

Férias, que férias? O descanso eram os dias santos de guarda, e estes eram muitos ao longo do ano. Mas nem se pensava em usar o dia santo para atividades de lazer: no máximo uma procissão, uma novena ou uma brincadeira de boi no campo.

<sup>9</sup>COSTA, J. F. Op. cit. p. 183

O dia santo era um tanto quanto parecido com o descanso sabático judeu, já um tanto desvirtuado.

Outra questão que será suscitada neste trabalho é a relação entre público e privado. A praia, antes destinada ao privado e ao despejo de dejetos, tornou-se pública para que as pessoas elegantes pudessem dela usufruir. Não obstante, este lugar público passou a ser o espaço onde as pessoas se reuniam, mas sem que houvesse uma integração entre os freqüentadores: as pessoas reuniam-se em grupos, mas mesmo expondo-se ao público, exerciam sua privacidade, pressupondo-se que certas regras fossem obedecidas, como por exemplo, da decência e moralidade.

É importante discutir esta implantação do banho de mar e do lazer à beira-mar num momento em que se fala na sociedade do não-trabalho. A sociedade está se dirigindo para este caminho, por isso a importância de se historicizar a implantação desta tendência em nossa cidade.

No primeiro capítulo, tentaremos esboçar uma história da cidade de Desterro vista a partir de suas águas, bem como tentar rastrear a gênese da idéia de civilidade e elegância que culminou com a implantação do banho de mar na Ilha outrora dos Patos.

No segundo, abordaremos o nascimento do desejo do estar à beira-mar acontecer de forma gradual no habitante da capital de Santa Catarina, tornando a praia um lugar privilegiado de sociabilidade.

Num terceiro momento, veremos o banho de mar se firmando, de fato, como hábito civilizado, e a praia como lugar elegante.

No último capítulo, veremos o sonho dos homens de Florianópolis de transformar a Ilha num centro de turismo. Iremos perceber que muito antes do turismo se implantar por aqui, o poder público e a imprensa já sonhavam e desejavam isto para a Capital catarinense.

Naturalmente, não será aqui encontrada uma completa história do banho de mar na Ilha de Santa Catarina. Basicamente, a fonte utilizada para a concepção deste trabalho foram os jornais da Capital catarinense. Limitar-se-á este trabalho a fazer um esboço de como o banho de mar foi sendo introduzido na sociedade florianopolitana, graças ao discurso dos jornais e de outros porta-vozes da elite local.

Os jornais que circulavam na cidade, no período em estudo e que nos serviram como principal fonte, estiveram, de uma maneira ou de outra, embora expressões da esfera pública, envolvidos com o setor privado.

A sobrevivência dos grandes jornais, por todo o século XIX e até meados do século XX, dependeu dos embates da política local. Representando os grupos que se revejavam no poder, por conta da rotatividade dos partidos políticos e/ou de acontecimentos ligados à história política brasileira a nível mais amplo.<sup>10</sup>

Nesta pesquisa utilizei, além dos grandes jornais, inúmeros pequenos periódicos, de vida curta, os quais, também estiveram em geral dependentes dos grupos que se revejavam no poder. Porém, para os interesses desta pesquisa, as matizes políticas deste periódicos, fossem eles grandes ou pequenos, duradouros ou efêmeros, representou pouca importância. O que observamos é que em relação à defesa do uso da praia para banhos e na discussão da moralidade ou da civilidade, estes periódicos possuíam discursos semelhantes. Ou seja, podiam discordar quanto a quem ou a como se deveria governar a cidade ou o Estado, mas eram unânimes em concordar que as praias da cidade deveriam se tornar lugar de gente elegante, buscando acompanhar um movimento que já se iniciara em outros centros.

Além disso, foram utilizados, praticamente, só jornais editados em janeiro e fevereiro, posto que era quando se procurava as praias e os jornalistas, encalorados em suas redações, lembravam-se do banho de mar.

---

<sup>10</sup>A esse respeito ver PEDRO, Joana Maria. Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro (1831-1889). Florianópolis, 1993 (mimeo)

A importância deste tipo de fonte prende-se ao fato de que são os jornais, como bem lembra Jürgen Habermas, a instituição por excelência da esfera pública. Ao tematizar o público leitor, o jornal tornava-se um instrumento pedagógico e formador de opinião pública.<sup>11</sup>

Escritos e dirigidos pela elite local, os jornais divulgavam a excelência das águas da Ilha de Santa Catarina, suas belezas naturais, a importância de deixar a cidade em demanda das praias, a necessidade de piqueniques em contato com a natureza, o desejo de encontrar um refrigerio para o excessivo calor, etc. Neste sentido, ao divulgar o banho nas praias da Ilha de Santa Catarina, os jornais expressavam o desejo das elites locais, de diferentes facções, de promover a "chegada da civilização" na cidade.

---

<sup>11</sup>Ver HABERMAS, Jürgen. Mudança Estrutural da Esfera Pública: Investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Trad. Flávio Kothe. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1984. p. 58-9

## CAPÍTULO PRIMEIRO

### DESTERRO ENTRE AS ÁGUAS

"A alma do ilhéu exprime-se pelo mar.  
O mar não é só o seu conduto terreal  
como o seu conduto anímico"

Vitorino Nemésio

Poderá pensar o incauto visitante que o hábito do banho de mar seja tão velho quanto a Ilha de Santa Catarina, ou pelo menos tão velho quanto seus habitantes. A Capital do Estado de Santa Catarina, que ocupa a totalidade da Ilha de Santa Catarina e uma pequena porção do continente fronteiriço, orgulha-se de seu potencial turístico. A cidade costuma ser invadida todos os anos por milhares de turistas em busca de banho de mar em alguma de suas 42 praias.

A questão preliminar desta pesquisa é perceber o processo de implantação do desejo coletivo de estar à beira-mar em Florianópolis, bem como o surgimento da concepção do mar como local de banhos. Morador que sou da beira da praia, banhista desde meus tenros anos, chamou-me a atenção desde cedo o fato de meus pais e avós não terem por hábito o banho de mar, mesmo sendo pescadores. Isto implica, talvez, em pensar que esta "novidade" dos banhos de mar não devia fazer parte da cultura dos mais antigos habitantes da Ilha de Santa Catarina, ligados desde os primórdios da colonização, no século XVIII, à pesca e à produção agrícola para a subsistência.

Alain Corbin, historiador francês que pesquisou o surgimento do desejo do estar à beira-mar e dos banhos de mar na Europa na obra O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental, diz que a prática do banho de mar na Europa teve suas raízes no século XVII para se firmar, de fato, nos séculos XVIII e XIX. Foi sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII que o europeu conhecerá o irresistível despertar do desejo coletivo das praias. *"É então que as margens do*

*oceanos surgirão como alternativa aos males da civilização (...)*<sup>12</sup>e começará a valorizar a emoção do banho de mar, cavalgadas e caminhadas pela areia, temporadas de veraneio. Surgirá também a concepção medicinal do mar.

*"De distração imoral própria do povo sem educação, tornou-se uma prática autorizada. Em 1622, Henri Peacham considera inclusive que o verdadeiro gentleman deve saber nadar (...)*

*A Praia fortalece os indivíduos escravos do conforto, que não sabem andar senão sobre tapetes."*<sup>13</sup>

Vemos que o banho de mar na Europa deixou de ser algo próprio dos folgedos das classes populares que habitavam o litoral para se tornar hábito aconselhado aos pertencentes à elite que, na emoção do banho de mar, descobriram sua propriedade medicinal. Esta procura foi um fenômeno típico da população urbana, tanto na Europa quanto no Rio de Janeiro ou em Florianópolis.

No Rio de Janeiro, segundo Rosa Maria Barboza de Araújo na sua obra A Vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano, no século XIX as pessoas procuravam o banho de mar geralmente por causa da crença em suas propriedades medicinais. Ela relata que os registros iconográficos demonstram as praias vazias enquanto as pessoas se banhavam, já que o "*único atrativo era o banho de mar.*"<sup>14</sup>

Podemos perceber que no Rio de Janeiro a gênese do banho de mar foi semelhante ao da Europa. Primeiro, a elite buscou o banho de mar com função terapêutica, depois veio o banho por diversão, chegando mesmo a acontecer simultaneamente os dois usos: cedo, pelas 7 horas, banhavam-se as senhoras e, mais

<sup>12</sup>CORBIN, Alain. O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental ( tradução Paulo Neves). São Paulo: Cia. das Letras. 1989. p. 65

<sup>13</sup>Ibidem. p. 71 e 75

<sup>14</sup>ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 321

tarde, as "cocottes e a rapaziada barulhenta que nada, que rema, grita, prega partidas e quer divertir-se."<sup>15</sup>

E em Florianópolis? Terá ocorrido movimento semelhante? Por que estudar, especificamente, a capital dos catarinenses? O mar hoje é a sua principal atração turística, mas esta implantação do banho de mar como costume teve um percurso específico, com uma temporalidade diferente daquela do Rio de Janeiro ou da Europa. Desvendar esse percurso é acompanhar, talvez, a construção de uma sensibilidade em uma cidade banhada pelo mar, longe dos centros cosmopolitas. Esta pequena cidade deve espelhar um processo que pode ter sido semelhante em muitas outras pequenas cidades como esta.

O banho de mar mudou a configuração da cidade, sua área de expansão, modificou a arquitetura e as direções das fachadas das casas, ditou novas modas e novos trajés, transformou mentalidades e hábitos, calou preconceitos arraigados e suscitou outros. Enfim, entrou no cotidiano da cidade e se tornou a sua marca registrada, dando a impressão de que Florianópolis e o banho de mar são irmãos que caminham de mãos dadas há milênios. São amigos relativamente recentes, mas de uma intimidade de fazer inveja a Dom Quixote e o seu Rocinante.

Em Desterro/ Florianópolis, o banho de mar primeiro foi encarado como "abuso ao Código de Posturas", depois como "tratamento médico", "refrigério contra o excessivo calor", "divertimento das famílias" e, por fim, como turismo.

Em artigo publicado no jornal O Argos da Província de Santa Catarina em 1857, já comentado por Osvaldo Rodrigues Cabral na sua obra Nossa Senhora do Desterro - Notícias, encontramos o seguinte episódio:

*"No dia onze do corrente em alto dia foram lavar-se na Praia de fora, quatro pessoas, entre estas o filho do Administrador da Fazenda Provincial, Antônio J. Esteves Júnior, e sendo*

---

<sup>15</sup>Ibidem. p. 321

*admoestado pelo inspetor de quarterão respectivo fazendo-lhe ver que o Art. 86 do Código de Posturas Municipais lhe proibia semelhante abuso;... "16*

Foram lavar-se em alto dia. Tiveram a petulância de lavar-se na Praia de Fora com o sol a pino! Conta o articulista que o inspetor de quarterão tentou coibi-los, mas que Esteves Júnior o ridicularizou, o desacatou. O Código de Posturas não permitia semelhante abuso. Tomar banho de mar, ou melhor, lavar-se no mar, era caso de polícia. Segundo Cabral, o Artigo 86 "*multava, se fosse livre, e encarcerava, se escravo fosse, quem nu se mostrasse nas praias e nas fontes - um uso escandaloso que ficava proibido.*"<sup>17</sup> No entanto, pondera Cabral que este nu não implicava estar sem roupas, mas sim em vestes sumárias. Esteves Júnior hoje, por ironia, empresta seu nome à rua que outrora era praticamente a única ligação entre a cidade e a Praia de Fora. Este moço talvez fosse um revolucionador dos costumes e hábitos, ou no dia 11 de fevereiro de 1857 fez calor de suar em bicas. Esteves Júnior tinha 25 anos nesta época e desde os treze vivia no Rio de Janeiro. Foi, por certo, a vivência na Corte, que tinha uma temporalidade diferente de Desterro, e onde a elite já se banhava no mar, que o levou a praticar este ato, considerado abuso pelas leis da Capital da Província de Santa Catarina. Hábito que se tornaria no século XX aconselhável, inclusive tornando o mar local de intensa sociabilidade para famílias distintas.

O núcleo urbano inicial de Desterro foi marcado, além das funções militares e administrativas, também pelas atividades de pesca e agricultura de subsistência, o que fez desenvolver uma ocupação tipicamente linear, que reforçava

→ <sup>16</sup>Viva a nossa polícia. *O Argos da Província de Santa Catarina*. 20.02.1857. Para facilitar a comunicação, o artigo foi reproduzido na ortografia atual. Farei o mesmo com os próximos artigos

<sup>17</sup>CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro - Notícia*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 177

as picadas de acesso às fontes d'água e à linha da praia, que constituía o seu principal ancoradouro.<sup>18</sup>

Desterro era no início do século XVIII uma vila de pescadores à beira do mar. Do mar vinha parte substancial da sobrevivência. Além da pesca com canoas, pescava-se, como ainda hoje, "a vau", ou seja, tarrafeando a pé com água, no máximo, até a cintura. A extração de frutos do mar, marisco, ostra, berbigão, caranguejo, siri, siriova, caramujo, etc, também ajudava na economia familiar, sendo que esta tarefa era quase exclusiva das mulheres.

Ora vejam que desta forma o mar já era bastante utilizado pela população. As relações que se davam na então nascente aldeia de Nossa Senhora do Desterro podem ainda ser observadas nas localidades do interior da ilha. Homens iam e vinham da pescaria, mulheres extraíam os moluscos e crustáceos necessários à alimentação da família. O mar era, portanto, lugar de trabalho. Ia-se à praia em busca da alimentação necessária à sobrevivência, não para fins de banho de mar.

A associação de Desterro às águas tem sido feita ao longo dos séculos por diferentes autores. Essa associação não está ligada ao uso da praia para banhos, mas retrata a familiaridade e dependência da cidade em relação à água, ao mar e seus diferentes usos. Há os que contaram a história de Desterro e de suas águas e os que fizeram do mar de Desterro tema literário. Como não é pretensão desta pesquisa reescrever ou dar uma nova versão da história da cidade, fiz uso de vários autores e autoras que contam a história, procurando mostrar como foi tematizado na bibliografia a ligação de Desterro com as suas águas e os diferentes usos que delas se fizeram. Nesta bibliografia, com exceção de Oswaldo Rodrigues Cabral, não se fala de banho de mar, mas a representação que é feita de Desterro é de uma forma ou de outra envolvida pelas águas. Assim, a bibliografia, literária ou histórica, tem apontado o mar como lugar onde se dão as mais diferentes relações sociais. É como

---

<sup>18</sup>Ibidem. p. 36

lugar de relações comerciais e de transporte que o mar, por exemplo, é tematizado na historiografia, apontando o porto como lugar em que estas relações se travavam. Também era pintado como lugar onde as pessoas buscavam a sobrevivência através da pesca e, desta forma, tematizado na literatura como lugar onde os pescadores encontravam a morte. A bibliografia aponta com bastante ênfase que o mar era considerado depósito de dejetos e, por conseguinte, alvo de posturas municipais.

Entre aqueles que discutem a história de Desterro e de sua fundação, Nelson Popini Vaz em O centro histórico de Florianópolis - Espaço público do ritual, argumenta, por exemplo, que a escolha do local para a fundação da Vila de Nossa Senhora do Desterro deu-se em função deste local ter uma praia abrigada e, portanto, ser nele possível o estabelecimento de um bom porto, além de possuir boas fontes d'água.

De acordo com este autor, alguns povoadores tentaram se estabelecer, ao longo do século XVII, na Ilha de Santa Catarina, mas coube a Francisco Dias Velho aqui se estabelecer oficialmente e fundar a póvoa de Nossa Senhora do Desterro. Para a localização da aldeia, Dias Velho escolheu um sítio que possuía uma praia abrigada ao sul do estreito entre a Ilha de Santa Catarina e o continente, e boas fontes de água potável. O Nordeste, vento dominante na Ilha, não chegava a afetar o povoado, protegida pelas colinas ao Norte. O vento Sul, de curta duração, invariavelmente acompanhado de mau tempo, tornava o atracamento difícil na praia da baía Sul, o que era feito, então, na Praia de Fora, na baía Norte, distante um quilômetro da povoação.<sup>19</sup>



<sup>19</sup>Cf. VAZ, Nelson Popini. O centro Histórico de Florianópolis Espaço Público do Ritual. Florianópolis: FCC. Ed/ Ed. da UFSC, 1991. p. 23

"A localização da capela de Nossa Senhora do Desterro na pequena colina que domina a praça, no mesmo local onde hoje está a catedral Metropolitana de Florianópolis, voltada para o mar, foi o gesto mais duradouro do fundador, (...) Ao que parece, jamais houve tentativa de modificar-se esta condição inicial, ou mesmo de transferir as atividades religiosas para outro local. A praça colonial litorânea tornou-se o primeiro espaço público claramente definido como abrigo das atividades coletivas da povoação."<sup>20</sup>

A existência de um bom porto tem sido, também, apontado como razão do interesse do Reino de Portugal em manter sua posse da Ilha de Santa Catarina e motivo de sua fortificação. É o que nos aponta o historiador Walter Fernando Piazza em O Brigadeiro José da Silva Paes: estruturador do Brasil Meridional.

De acordo com este autor, por possuir um porto natural excelente, a Ilha de Santa Catarina interessava a todos os reinos que buscavam lançar bases no novo mundo. Desta forma, a Corte Portuguesa achou por bem guarnecê-la por meio de fortificações. José da Silva Paes, engenheiro militar português, que veio ao Brasil para desenvolver o sistema de fortificações no litoral brasileiro, em carta de 1738, dava ciência à Coroa da importância de se realizar certas obras para a conservação da Ilha de Santa Catarina sob o domínio português. Dizia ele poder se fazer neste "*sítio um dos mais convenientes e vantajosos estabelecimentos que podemos ter no Brasil*", para conservar o domínio do Rio da Prata, e para que nações forasteiras não intentassem ocupá-la, o que seria fácil, haja vista o estado em que se achava e a dificuldade que seria recuperá-la.<sup>21</sup>

<sup>20</sup>Ibidem. p. 24

<sup>21</sup>Cf. PIAZZA, Walter Fernando. O Brigadeiro José da Silva Paes: estruturador do Brasil Meridional. Florianópolis: Ed. da UFSC; Rio Grande: Ed. da Fundação Universidade do Rio Grande; Florianópolis: FCC Edições, 1988. p. 125

Faz-se mister dizer ainda a este respeito que Oswaldo Rodrigues Cabral acrescenta que o segundo governador da Capitania da Ilha de Santa Catarina, Manoel Escudeiro Ferreira de Souza (1749 - 1753) quis mudar a capital da Província para a São Miguel da Terra Firme, no continente fronteiro à baía Norte da Ilha, o que a Coroa Portuguesa não admitiu. Era preciso manter a posse da Ilha de Santa Catarina.<sup>22</sup>

De acordo com esta bibliografia de "determinismo aquático", a povoação de Desterro foi crescendo, como disse Pero Vaz de Caminha a respeito do Brasil, "*por bem das águas que tinha*". Foi a qualidade de porto estratégico e a excelência de suas fontes d'água que a levaram a se tornar importante base para o Império português e alvo de cobiça de outros reinos. Tornou-se capital da Província por sua posição estratégica e pela necessidade de ser militarizada e, desta forma, tornar-se posse portuguesa de fato. Os navios estrangeiros que aqui aportavam o faziam para abastecer-se da excelente água que as inúmeras fontes forneciam.

Também o povoamento por açorianos tem sido narrado nesta direção. Assim, afirma-se que para povoar a Ilha de Santa Catarina buscou-se os ilhéus do Arquipélago do Açores. Viviam os açorianos, desde o século XV, naquelas pequenas porções de terra montanhosas e extremamente escarpadas, limitados pelo mar bravio e debruçados sobre os inúmeros lagos que compõem suas ilhas: era gente também familiarizada com as águas e com o mar. Com o edital de Dom João V, muitos açorianos se inscreveram para transpor o Oceano Atlântico e fincar raízes em terras brasileiras. Eram eles, segundo Borges Fortes, "*gente inigualável para a missão de radicar nas terras novas a consciência lidimamente portuguesa.*"<sup>23</sup> Enfrentaram

---

<sup>22</sup>Sobre este episódio ver CABRAL, O. R. História de Santa Catarina. 2a. edição. Rio de Janeiro: Ed. Laudes, 1970. p. 71

<sup>23</sup>FORTES, João Borges. Casaes. Porto Alegre: Ed. Centenário Farroupilha, 1932. Apud. CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Os Açorianos. Anais do Primeiro Congresso Catarinense de História. Florianópolis, 1948. p. 517

eles o Oceano Atlântico, em penosas viagens de navio, que duravam até três meses e que dizimavam boa parte do contingente.

Aqui chegando, foram os açorianos distribuídos pelo litoral catarinense desde São Francisco do Sul até Laguna. Na Ilha de Santa Catarina muitas freguesias se criaram e a vila tomou um impulso populacional. Todas as freguesias foram estabelecidas à beira do mar, com exceção da freguesia de Nossa Senhora da Conceição que foi fundada à beira da lagoa.

A constituição do centro urbano da nova povoação tem sido ligada à existência de fontes d'água e à orla marítima. De acordo com Eliane Veras da Veiga em Florianópolis: Memória Urbana, as casas iam se alinhando nos caminhos que, partindo do Largo da Matriz, se dirigiam às fontes d'água. Localizavam-se também nas picadas que contornavam a orla marítima e nos trilhos que levavam às igrejas e fortes.<sup>24</sup>

Com o aumento populacional significativo, a Ilha passou a produzir gêneros agrícolas e a desenvolver um certo movimento manufatureiro. Transcorridos os primeiros tempos de colonização, a meta dos governadores de formar uma vila central na Ilha pôde se concretizar, esboçando-se, então, um "centro urbano" fronteiro à praia, cujo núcleo principal gravitava em torno da capela, no mesmo lugar da primeira ermida de Dias Velho.<sup>25</sup>

As fontes d'água que atraíram as maiores concentrações de moradia foram a "fonte da palhoça", na rua Vidal Ramos, a "fonte da Carioca", no Largo de Bragança ou Largo da Carioca, hoje Largo Fagundes ou Praça Pio XII, a "fonte da Pedreira", na Rua Saldanha Marinho, na altura do antigo Instituto de Educação, e

---

<sup>24</sup>VEIGA, Eliane Veras da. Florianópolis: Memória Urbana. Florianópolis: ed. da UFSC e Fundação Franklin Cascaes. 1993. p. 36

<sup>25</sup>Ibidem. p. 35

uma quarta fonte situada onde já foi o Campo do Manejo, próximo ao atual Instituto Estadual de Educação.<sup>26</sup>

Os moradores na vila fixaram-se em torno e a partir do Largo da Matriz, primeiramente para o Leste e posteriormente para o Oeste. As primeiras casas constituíram os primeiros bairros: Toca, Figueira, Mato Grosso, Rita Maria, Estreito e outros. A ocupação da vila foi condicionada pela topografia acidentada. Até meados do século XVIII procurou-se ocupar as áreas livres ao longo da praia, geralmente abaixo da cota dos 10 metros, áreas antes ocupadas pelos ranchos de pescadores.<sup>27</sup>

Dois cursos d'água de maior importância nasciam nas proximidades da Vila de Nossa Senhora do Desterro. Um descia em direção à baía Norte descrevendo quase um círculo, indo primeiro em direção ao Sul, fazendo uma imensa curva e depois tomando a direção Norte, desaguando no meio da Praia de Fora. Este riacho cortava um imenso pântano, brejo este situado entre os futuros bairros do Mato Grosso e Praia de Fora, entre as ruas Esteves Júnior, Presidente Coutinho e Praça Getúlio Vargas. Este brejo, bem como as elevações destas bandas, dificultaram a expansão da cidade nesta direção que foi acontecendo ao longo da orla marítima e dos pequenos vales.<sup>28</sup>

O riacho que desembocava na baía Sul era bem maior. Nascia ao pé do Morro do Antão, e à medida que descia, ia recebendo as águas de córregos menores. Foi conhecido por Rio da Fonte Grande, Rio da Fonte Velha ou Rio da Bulha.<sup>29</sup>

Ao pé da Colina da Boa Vista (onde hoje se situa o Hospital de Caridade), na enseada da Prainha, havia um olho d'água que atendia as necessidades dos moradores.

---

<sup>26</sup>Ibidem. p. 36

<sup>27</sup>Ibidem. p. 37

<sup>28</sup>Ibidem. p. 38

<sup>29</sup>Ibidem. p. 38

Para este lado da cidade, as casinhas ficavam muito próximas à praia, as ondas quebravam muito próximo delas, e lá havia grandes depósitos de lixo. Eliane Veras cita Cabral, que diz que a proximidade do mar era muito cômoda para despejos.<sup>30</sup>

Em direção ao Estreito, o terreno era mais acidentado e a praia mais desabrigada. Também nesta direção se foram construindo casinhas rente à praia e à beira dos caminhos que levavam às fontes d'água.<sup>31</sup> Para este lado da cidade ficava a fonte próxima dos "Moinhos de vento", que mais tarde passou a ser conhecida como Largo da Carioca.

A autora aponta, ainda, uma mudança no direcionamento da cidade a partir de nascimento de uma pequena burguesia ligada ao transporte de mercadorias. Assim, se as casas até o século XVIII acompanhavam os caminhos que levavam às fontes, passaram a partir do século XIX a seguir para o mar, em direção ao porto, promovendo um novo traçado nas ruas da cidade.

Nesta discussão sobre a burguesia nascente Eliane Veras da Veiga baseia-se em Oswaldo Rodrigues Cabral que em Nossa Senhora do Desterro informa que o incremento do comércio de Desterro deu-se devido à importância que a vila obteve como porto e centro de abastecimento, que aliado ao fato de ser a sede administrativa da Província, fez com que nascesse uma pequena burguesia que começou a vestir as ruas de sobrados, a calçá-las de pedra e a enfeitá-las de lampiões. E Desterro foi promovida a cidade em 1823.

Com a ascensão econômica, das esteiras passou-se às camas; dos bancos, às cadeiras; das canastras e baús de folha, às cômodas. As paredes se revestiram de papéis importados da Inglaterra, bem como surgiram as boas mobílias de jacarandá.

---

<sup>30</sup>Ibidem. p. 38

<sup>31</sup>Ibidem. p. 39

Sofás, cadeiras de palhinha e consoles enfeitavam as salas. Os banhos eram semanais, tomados dentro de banheiras redondas, dentro dos quartos de dormir.<sup>32</sup>

Outros historiadores prosseguem neste certame de ligar a cidade às águas, em especial ao porto e ao transporte de mercadorias e pessoas. Desta forma, nos contam que as estradas, tanto na ilha quanto no continente, eram apenas meras picadas a ligar as freguesias, sem que por ali fosse transportada nenhuma mercadoria, pois o transporte tornava-se demorado e caro. A via marítima era a maneira mais rápida e barata de comunicação e transporte.<sup>33</sup>

O Barão de Böhn, Tenente-General João Henrique de Böhn, nomeado por Dom José I, comandante das tropas do Estado do Brasil, quando passou por Santa Catarina, percebeu a falta de estradas pelo fato de os moradores utilizarem-se basicamente do mar para se locomoverem:

*"Como os habitantes ao longo da costa tem a comodidade de se comunicar por mar, sendo extremamente pobres, eles não tomam nenhum cuidado com o caminho da terra; de sorte que desde o riacho de Imbaú até Vila nova, que são mais de oito léguas, há muitos transtornos nas passagens de Siriú e dos Morrinhos; há perigos a superar."*<sup>34</sup>

Neste período, inclusive, os autores são unânimes em afirmar que as localidades da Ilha mais prósperas eram aquelas que possuíam trapiche, que podiam se comunicar com a Capital através do mar. Virgílio Várzea, em sua obra Santa Catarina - A Ilha, escrita em 1900, diz que Santo Antônio de Lisboa tinha um comércio marítimo maior que de todas as outras freguesias, pelo fato de seu porto ser manso e movimentado e estar próximo do ancoradouro de Santa Cruz e Sambaqui.

<sup>32</sup>CABRAL, O. R. Nossa Senhora do Desterro - Notícia. Op. cit. p. 254 -261

<sup>33</sup>. ANDRADE, Djanira Maria Martins de. Hercílio Luiz: uma ponte integrando Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981. p. 37

<sup>34</sup>. BOPRÉ, Maria Regina. Por terras e águas de Santa Catarina no século XVIII com o Barão de Böhm. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Florianópolis: 1988-89. p. 149

Relata ele que embarcações miúdas, em grande número, remavam ou velejavam diariamente entre as suas praias e Desterro, sobretudo quando, como era freqüente, havia ali fundeados navios mercantes ou de guerra, nacionais ou estrangeiros, cujo calado não lhes permitia passar além dos ancoradouros de Santa Cruz e Sambaqui.<sup>35</sup> Este movimento do porto fez com que o comércio de Santo Antônio de Lisboa se desenvolvesse muito, a fim de atender os moradores do Norte da ilha que acorriam ao seu porto para chegarem à cidade.

O movimento de exportação do porto de Desterro é apontado como um dos principais motivos da prosperidade pela qual passou Desterro na primeira metade do século XIX. Nelma Baldin, em A Intendência da Marinha de Santa Catarina e a Questão da Cisplatina, que entre outras coisas conta a história do porto de Nossa Senhora do Desterro, narra que em 1808, com a vinda da Família Real ao Brasil, e sua instalação no Rio de Janeiro, as atividades comerciais voltaram-se para o Sul e tornaram-se de maior volume. Desterro teve então o seu primeiro desenvolvimento comercial e seu porto tornou-se ponto de ligação entre o Rio de Janeiro e Montevidéu. A Capital da Província de Santa Catarina passou a negociar tanto com o Sul como com o Norte, tornando-se exportador de gêneros alimentícios, chegando em 1812 a enviar para o Rio de Janeiro 150 navios com carregamentos de farinha de mandioca, aguardente, azeite de baleia, arroz, trigo, couro, carnes, alho, linho cânhamo, batata, telha, cal, madeira e louça de barro.<sup>36</sup>

A partir de 1816, com a campanha de ocupação da Cisplatina, o comércio do porto do Desterro deslocou-se para o Sul, não obstante tenha continuado a exportação para o Rio de Janeiro. Embora exportasse vários produtos, a farinha de

<sup>35</sup> VÁRZEA, Virgílio. Santa Catarina - A Ilha. Florianópolis: Lunardelli, 1985. p. 107

<sup>36</sup> BALDIN, Nelma. A Intendência da Marinha de Santa Catarina e a questão da Cisplatina. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1980. p. 12

mandioca era e continuaria a ser durante todo o século XIX o maior produto de exportação de Santa Catarina, seguido de longe pelo açúcar, café e feijão.<sup>37</sup>

Enfim, o movimento do porto é colocado pela historiografia como o principal responsável pela prosperidade e melhoria do aspecto da cidade.

Por que a cidade passou a crescer para o Oeste ( lado direito de quem olha da Matriz para o mar) em sentido contrário ao que nasceu? Cabral diz que é por causa do morro em que se assenta o hospital de Caridade, mas o lado Oeste também era bastante montanhoso. Seria possível que o crescimento dos bairros do Oeste se devesse ao fato de ali estar o porto? A baía da parte Sul do Largo da Matriz era abrigada do vento Sul, mas era rasa demais, sendo portanto imprópria para atracação de barcos. A orla da direita do largo era mais funda e mais próxima do canal de acesso ao Oceano. Foi possivelmente, portanto, à beira-mar que primeiro se construiu em Desterro.

A precariedade da comunicação entre a Ilha e o continente, segundo Djanira Maria Martins de Andrade em sua obra Hercílio Luz: Uma ponte integrando Santa Catarina, foi um dos fatores que levou à construção da ponte Hercílio Luz. A autora afirma que no final do século XIX, a cidade tinha se desenvolvido, sob o aspecto econômico e social, de tal forma que foi necessário regularizar o serviço de balsas para transporte de mercadoria e passageiros, o que levou mais tarde à necessidade da construção de uma ponte ligando a Ilha ao continente. No final do século XIX, algumas obras foram iniciadas, como o aterro e o cais na praia da Figueira, para desobstruir a Rua do Príncipe (atual Conselheiro Mafra). Também, para facilitar a atracação de vapores nos trapiches da cidade, foi dragada a faixa litorânea compreendida entre o Arataca e o Largo Badaró, onde havia o embarque e desembarque de passageiros e cargas..<sup>38</sup>

<sup>37</sup> Ibidem. p. 12

<sup>38</sup> ANDRADE, D. M. M. Op. cit. p. 39

A autora ainda coloca que com a instalação de imigrantes estrangeiros em colônias próximas à Ilha de Santa Catarina, a produção agrícola aumentou consideravelmente, fazendo com que se fizessem necessários melhoramentos das vias de acesso à capital, para que a produção pudesse alcançar o mercado e o porto da capital, onde eram embarcados os produtos para exportação. Dessa forma, as antigas estradas foram melhoradas e novas foram abertas. Os produtos começaram a chegar com mais facilidade aos pontos de embarque, ou seja, São José, Estreito e Palhoça, e daí embarcados para o porto da capital.<sup>39</sup>

Os produtos das colônias eram vendidos na praia ao lado da alfândega, onde hoje está o Mercado Público, todas as terças-feiras. Consultando-se registros iconográficos da época percebe-se o grande movimento que a praia do mercado tinha em dia de feira, quando canoas, pessoas e mercadorias se misturavam. Os produtos vinham principalmente de Santo Antônio de Lisboa, Rationes, Alto Biguaçu (Antônio Carlos), Palhoça, Biguaçu, Ribeirão da Ilha, Ganchos, Saco dos Limões e Cova Funda.<sup>40</sup>

Um dos autores mais utilizados pela historiografia quando se trata do Desterro dos séculos XVIII e XIX é o médico Oswaldo Rodrigues Cabral, que entre tantas obras escreveu Nossa Senhora do Desterro - Memória e Notícia - uma das pérolas da historiografia catarinense - leitura obrigatória para quem quer estudar a história dos costumes em Nossa Senhora do Desterro. É preciso considerar que ele estava sempre buscando higiene numa época em que esta preocupação quase não existia. Suas "tiradas" são notáveis, mas sempre carregadas de concepções higienistas, que como ele mesmo diz "não existiam, nesta época, aqui e em lugar nenhum do Império e nem do globo". É importante, no entanto, ver o que ele fala a respeito da higiene da cidade e de suas praias. O autor de Nossa Senhora do Desterro

---

<sup>39</sup>Ibidem. p. 40

<sup>40</sup>Ibidem. p. 40

- Memória e Notícias diz que a vila foi crescendo, tornou-se cidade sem conhecer os "*confortos da higiene e do asseio*", pondera ele, no entanto, que o fenômeno não foi local, foi geral, que até o fim do século todos os lugares foram assim, "*sem higiene, sem cuidados, sem limpeza.*"<sup>41</sup>

Normalmente, eram os viajantes estrangeiros que observavam o estado higiênico das cidades. Em Desterro, além de relatos de viajantes estrangeiros, temos uma monografia do Dr. João Ribeiro de Almeida, médico militar destacado no Desterro, que publicou em 1864 o Ensaio sobre a salubridade, estatística e patologia da Ilha de Santa Catarina e em particular da cidade do Desterro.<sup>42</sup>

De fato, o fenômeno não foi restrito a Desterro, nem tampouco ao Brasil. A Europa vivia do mesmo jeito, e o esforço para higienizá-la, livrá-la dos miasmas, foi também muito grande. Alain Corbin diz, na sua obra Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX, que com a ascensão da burguesia surge uma nova sensibilidade. Corbin diz que a as lamas agridem a nova sensibilidade, e cita Ronesse, em 1782, ao ouvir as queixas que se multiplicam a cada dia, "*que as ruas antigamente eram sempre limpas. No entanto, a verdade é que outrora não se cogitava em reclamar.*"<sup>43</sup>

Segundo Cabral, no século XIX, a praia não "*desfrutava o menor prestígio*". Todas as praias próximas à cidade e às vilas acumulavam os detritos da população vizinha. Praia era lugar de despejo das "*vasilhas de material fecal, para que tudo se diluisse na maré. A praia era o quintal mal cuidado das casas sem quintal...*"<sup>44</sup>

O autor continua, dizendo que o problema do destino dos dejetos jogados à rua foi resolvido pela Câmara da Cidade de Desterro com a regulamentação, em

<sup>41</sup>. CABRAL, O. R. Op. cit. p. 171

<sup>42</sup>Ibidem. p. 171

<sup>43</sup>. CORBIN, Alain. Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX; trad. Ligia Watanabe. São Paulo: Cia. das letras, 1987. p. 82

<sup>44</sup>Cabral, O. R. Op. cit. p. 175

1830, do lançamento das *"imundicies e materiais fecais ao mar, a fim de não infectar o ar da cidade"*.

A preocupação pela higiene, de acordo com ele, foi surgindo aos poucos, seguindo um movimento que se espalhou a partir dos grandes centros numa temporalidade diferente. Desterro irá discutir e tentar implementar políticas de saneamento e higiene num momento mais tardio do que o Rio de Janeiro, por exemplo. O Código de Posturas da Cidade do Desterro, de 1888, determinava:

*"É absolutamente proibido:*

*Parágrafo 1 - lançar cisco, palhas, vidros, imundicies, matérias fecais, animais mortos, lixo, entulho, nos quintais, praças, ruas, cais, praias..."<sup>45</sup>*

Parece, então, que a praia passou a ser considerada lugar que deveria ser limpo, mas parece que o presente artigo só valia enquanto dia claro, à noite a coisa mudava,

*Artigo 54 -*

*A limpeza das águas servidas e matérias fecais só poderá ser feita das 10 horas da noite às 5 horas da manhã, lançando-se-as ao mar."<sup>46</sup>*

Com se percebe, enquanto num artigo proíbe-se lançar imundícias na praia, noutro regulamenta-se a hora do lançamento da águas servidas e matérias fecais ao mar.

O hábito comum e aceito para o destino do lixo e dos excrementos era a praia. Oswaldo Rodrigues Cabral pondera que a população não sabia dar-lhes outro destino, nem a Câmara conseguia oferecer alternativas para o problema.

Na obra encontramos ainda o relato de que as casas quando foram sendo alinhadas no lugar dos primitivos ranchos de canoa, todas foram erguidas com seus

<sup>45</sup>. Código de Posturas da Câmara Municipal da Cidade do Desterro de 22.10.1888. Cap. II - Saneamento. Art. 53, parágrafo 1

<sup>46</sup>. *Ibidem*. Artigo 54

fundos voltados para a praia. Em 1830, o presidente da Província, Francisco de Albuquerque Melo, enviava ofício à Câmara dando ciência de uma correspondência enviada pelo Imperador que chamava a atenção do presidente da Província para um problema. Dizia a carta que em Desterro os "*primeiros edificadores colocaram as casas com a frente para a terra e a parte posterior sobre o mar, de maneira que não há passagem pela praia.*"<sup>47</sup> Vemos aí o primeiro ensaio, em Desterro, de privatização de espaços que se supunham públicos. O imperador reclamava da situação de Desterro. Isto era sinal de que a Corte já tratava de forma diferente o mar. Roberto Da Matta, em sua obra *A Casa & a Rua*,<sup>48</sup> que será vista em capítulo posterior, pondera que no Brasil era corrente que apenas a parte da frente da casa fosse franqueada às visitas: os fundos da casa eram áreas proibidas, lugar das mulheres e dos criados. Não espanta portanto que os moradores fechassem as passagens pela praia a fim de tê-la como quintal, e de certa forma restrita aos seus.

A tempestuosidade do vento Sul, que sopra "*através do funil resultante da proximidade entre a ilha e o continente*", era apresentada com a razão pela qual se direcionava as fachadas das edificações de costas para o mar. Mas para Cabral, na realidade o que se queria era a comodidade de poder abrir a janela ou a porta e deitar ao mar toda a imundície da casa.

As praias não eram lugar de passeio, diz o autor, citando Gilberto Freyre. As pessoas iam à praia para despejar os barris, cubos e tigres, vasilhames onde se recolhiam as matérias fecais. Este costume era corrente tanto em Portugal, quanto no Brasil. As mulheres e sobretudo os escravos e escravas eram os encarregados do transporte do caldo nauseabundo, o que era feito geralmente à noite. Ajuntamento na praia era sinal de despejo ou para ver o cadáver de alguma criança ou escravo que a maré deixara à praia.<sup>49</sup> Pelo fato da praia não ser lugar de passeio nem de gente,

---

<sup>47</sup>CABRAL, O. R. Op. cit. p. 174

<sup>48</sup>DA MATTA, Roberto. *A Casa & a Rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991. p. 57

<sup>49</sup>CABRAL, O. R. Op. cit. p. 176

"ninguém jamais abrigaria a idéia de um banho de mar. Seria o que de mais esdrúxulo pudesse acontecer."<sup>50</sup>

As epidemias, que aconteciam de quando em vez na cidade, é que determinavam alguma medida por parte da Câmara para disciplinarização do despejo de dejetos. Temia-se terrivelmente os *"miasmas e infecções que se derramavam no ar"*. Nestes períodos se procurava localizar os pontos de despejo, de forma a manter restrita a área dos eflúvios. A "solução" veio através da proposta da construção de três pontes *"sobre as marinhas da frente da Capital, em lugares próprios para despejos"*, pontes que foram utilizadas até o início do século XX.<sup>51</sup>

A concepção de higiene, de saneamento, que queria a toda força livrar a cidade dos miasmas, fez com que o poder público começasse a se preocupar com a limpeza pública. Entre as atitudes tomadas estava a de tirar os pobres da cidade, ou pelo menos escondê-los. Houve uma verdadeira cruzada para acabar com os cortiços, onde moravam marinheiros, prostitutas e toda sorte de excluídos. As lavadeiras da Fonte Velha (atual Av. Hercílio Luz) foram removidas.<sup>52</sup> Era preciso livrar o burguês do odor do pobre, no dizer de Alain Corbin. A República instituiu a priorização da "coisa pública" como aquela de todos os cidadãos, ela passou a tratar a água do mar como objeto de preocupação pública, mas para a população esta era parte do privado. Foi preciso um investimento muito grande por parte dos jornais locais para que a praia, portanto a água do mar, fosse considerada local público, ou seja, passível de limpeza para utilização comum.

<sup>50</sup>Ibidem. p. 177

<sup>51</sup>Ibidem. p. 176

<sup>52</sup>. Sobre estas reformas urbanas ocorridas em Florianópolis, ver ARAÚJO, Hernetes Reis de. A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira república. São Paulo: PUC, 1989. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989

Na mesma praia onde se faziam os despejos dos dejetos se realizava a feira onde aportavam e eram comercializados o peixe, a carne e todos os gêneros alimentícios.<sup>53</sup>

Em 1877 foi apresentado pela primeira vez , segundo Cabral, um pedido de concessão para um serviço de remoção de lixo, água servidas e matérias fecais, de acordo com lei votada naquele ano.

*Sete anos depois, chamava a Câmara licitantes para a concessão do serviço de limpeza das ruas e praias, a ser executado diariamente, valendo a concessão por um ano. Nessa época, a pituita do desterreense já se habituara ao novo odor da cidade, pois já se reclamava, dos contratantes do primeiro serviço, que as carroças e as vasilhas empregadas não eram satisfatórias, pois exalavam mau cheiro.*<sup>54</sup>

A nova sensibilidade se incomodava quando o antigo odor teimava em retornar ao ar já "higienizado" da cidade e exigia do poder público a destinação devida. O lixo tornou-se coisa pública, portanto a cargo do serviço público. O serviço de coleta empregava vasilhames transportados em carroças que iam despejar a carga em alguma praia longínqua, primeiro na praia da Arataca, e depois na de São Luís, praia esta que se tornaria depois a primeira praia de banhos da Capital barriga verde.<sup>55</sup>

O trapiche defronte o Largo do Palácio foi durante o século XIX o ponto de desembarque da cidade. Em 1874 foi construído um novo trapiche para substituir o antigo já em ruínas. Em 1896, com a retirada do mercado da praça e as praias já menos sujas e fétidas, lembraram-se de aproveitar o local para o "*recreio das famílias, com balaustrada e outros embelezamentos, inclusive a da passagem da*

---

<sup>53</sup> CABRAL, O. R. Op. cit. p. 175

<sup>54</sup> Ibidem. p. 192-193

<sup>55</sup> Ibidem. p. 194

*ponte de desembarque para o centro da parte que foi aterrada.*"<sup>56</sup> A orla marítima começava a ser concebida como ponto de recreio para as famílias, tornava-se aos poucos um lugar civilizado.

A historiografia que tematizou Desterro entre as águas apontou o mar como lugar de diferentes relações sociais. A originalidade do presente trabalho é perceber mais uma destas relações: a praia para banhos e não somente para pesca, transporte, dejetos, etc.

Além da historiografia, a literatura de Desterro/ Florianópolis também tematizou o mar. Nesta literatura não se encontram referências ao banho de mar, mas através dela o mar transformou-se em palavras impressas publicáveis, a literatura já dava publicidade ao mar, passando imagens romantizadas ao público leitor. Mas que relação se estabelecia com o mar na literatura?

Em termos mundiais, temos algumas manifestações da literatura em relação ao mar. Já a Bíblia, livro sagrado judaico-cristão, ao relatar a criação do mundo, faz menção à separação entre a terra e o mar. O homem passou durante muitos séculos vivendo de costas para o mar, posto que o mar era considerado abismo, fim do mundo, ida sem retorno. Ora, este espaço que não é terra e também não é mar, este meio termo chamado praia, ficou por muitos e muitos anos sem ser ocupado.

O homem demorou muito tempo para deixar de temer o mar. Os primeiros navegantes eram taxados de loucos por lançarem-se ao mar: não sabiam eles do perigo de caírem no abismo? Mas o mar exercia um grande fascínio sobre a humanidade. Os portugueses, primeiros grandes navegadores da Idade Moderna, tiveram sua epopéia marítima, o descobrimento da Índia, contado de forma homérica por Luís Vaz de Camões, na sua clássica obra Os Lusíadas.

---

<sup>56</sup>Ibidem. p. 182,183

Outro poeta lusitano, um dos que melhor cantou a história e a alma portuguesa, Fernando Pessoa, no seu poema O Mar Português, fala da relação do português com o mar:

*"Ó Mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar?*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu  
Mas nele é que espelhou o céu."<sup>57</sup>*

Vemos em Fernando Pessoa o mar como algo a ser conquistado, e a duras penas. No entanto, é quase uma missão esta tarefa a que se impõe o português, é preciso superar a dor, deixar família, morrer. Não obstante, é no mar que Deus espelhou o céu, e esta beleza do mar atrai sobremaneira.

Alain Corbin, em Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental, diz que o romance marítimo surgiu na Europa a partir de 1829, gênero literário que evocava os perigos e as batalhas no mar.<sup>58</sup> Por aqui tivemos também a evocação do

<sup>57</sup> PESSOA, Fernando. Obra poética ( volume único); Org. Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguillar, 1994

<sup>58</sup> CORBIN, Alain. O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental. Op. cit. p. 260

perigo no mar, mas os poetas também evocavam a beleza e a grandeza incomensurável do mar, que embalavam os sonhos dos poetas

Em Santa Catarina o mar foi tematizado de várias maneiras. Em Virgílio Várzea vemos o mar desafiador, tragador de vidas, quando bravo; "campo verdejante", quando manso. O mar é sempre descrito por um aficionado como lugar onde só resistem os bravos, lugar de tragédia. Juvêncio de Araújo Figueiredo foi o primeiro poeta catarinense a publicar livro de poesias sobre o tema, Duarte Schutel também excursionou por esta linha, bem como muitos outros mais tarde, no século XX. Porém, dentre os que escreveram sobre o mar no século XIX e início do século XX, podemos dizer, mesmo, que o maior expoente e quase único, pelo volume de sua obra em relação aos outros, foi Virgílio Várzea, considerado o primeiro marinheiro<sup>59</sup> da América Latina. Foi ele primeiro escritor a ter no mar sua principal fonte inspiradora, seu mote, e cenário principal de sua obra.

Lauro Junkes, crítico literário, que organizou uma seleção de contos de Virgílio Várzea sob o título de Canção das Gaiotas, ao analisar o marinheiro do contista diz que o Brasil, apesar de ser um país de vasto contato com o mar, ter sua colonização iniciada pelo litoral, ao longo da costa marítima, não despertou para a temática marinheiro no Barroco e no Arcadismo. *"Alguns românticos, como Gonçalves Dias na poesia e José de Alencar nos 'Verdes mares bravios' de Iracema, introduziram circunstancialmente referências ao mar. Mas este viria a ser temática central no Realismo, com Virgilio Várzea e Xavier Marques. Depois na poesia com Vicente de Carvalho e, modernamente, com o romance de Jorge Amado, entre outros."*<sup>60</sup>

<sup>59</sup>Marinheiro, segundo a Literatura, é o autor cuja obra tem como tema principal o mar. Ver VÁRZEA, Virgílio. Canção das Gaiotas: Contos selecionados; Org. Lauro Junkes. Florianópolis: Lunardelli, 1985

<sup>60</sup>Ibidem. p. 38

Em Virgílio Várzea o maior destaque dado ao mar é a questão da pesca e do perigo constante dos que vivem no mar, sucumbindo, na maioria das vezes, ao mar tempestuoso.

Virgílio dos Reis Várzea nasceu a 6 de janeiro de 1863 na freguesia de São Francisco de Paula de Canasvieiras no Norte da Ilha de Santa Catarina. Filho de navegante português, conviveu com o mar desde cedo nas viagens que o pai empreendia, sempre levando a família. Fixou-se definitivamente em 1895 na Capital da República, mas a maioria de suas obras, mesmo aquelas escritas após esta data referem-se, quase todas, ao tempo e às lembranças que tinha da terra natal e das viagens que empreendeu ao redor do globo como tripulante de vários navios.

Através de Virgílio Várzea podemos inferir a forma como era visto o mar no século passado nesta Ilha que já foi dos Patos, dos Perdidos e hoje é de Santa Catarina. Na maioria dos contos de Várzea que tem o mar como cenário, acontecem tempestades, naufrágios e mortes. No dizer de Lauro Junkes, Virgílio era verdadeiramente obcecado pelo mar, um mestre na descrição das "manchas marítimas."<sup>61</sup> O mar é o elemento preferido pelo autor, mas à medida que a obra vai crescendo ele assume ares cada vez mais trágicos. As tempestades e os ciclones desfazem a visão idílica e introduzem o drama e a desgraça<sup>62</sup>. Mas o ilhéu precisava aventurar-se no mar, pois a pesca era, no século XIX, e ainda continua a ser, um dos principais usos que se dá ao mar na Ilha de Santa Catarina, servindo à sobrevivência da população.

Através da obra de Várzea entramos em contato com muitos acontecimentos no mar:

Em André Canoeiro (1895), temos a luta de um canoeiro que atravessava de Ganchos para Ponta Grossa, quando uma tempestade de vento Sul o

---

<sup>61</sup>Ibidem. p. 39

<sup>62</sup>Ibidem. p. 38

alcança. André, que era o melhor canoeiro da região, se salva, mas perde a canoa.

Antes de a tempestade acontecer, o mar é todo calma, poesia:

*"...O mar apresentou-se diante dele, na sua vastidão imensa, todo plano e em calma, mas com essa reluzência espelhante e argêntea, onde se arrastam esfuminhadas negras e frêmitos rápidos de aguaceiros, que precedem os grandes ventos."*<sup>63</sup>

Em A Vela dos Náufragos (1895), tem-se a história do brigue Espadarte que sucumbe numa lestadada de seis dias, próximo ao farol de Santa Marta. O capitão e mais alguns tripulantes sucumbem. Para Virgílio, o mar compara-se a um campo verde, em tempos de calmaria:

*"E a planura verde do mar, levemente ondulada, na estagnação de uma vasta calmaria, estendia-se para todos os lados, aqui e além mosqueada de altos relevos, de ilhas, encravadas em grandes anéis movediços de espuma."*<sup>64</sup>

Núpcias Marinhas (1893) conta a história de um casamento que se dá na igreja de Santo Antônio de Lisboa. Ao voltar o cortejo de canoa para a Ponta Grossa, foram surpreendidos por um pampeiro com trovoada que os alcançou no Pontal. A embarcação foi ao fundo, morrendo todas as moças, bem como o casal de noivos, que sucumbiram abraçados. O mar aqui é retratado como um doido, epiléptico, ávido por engolir os filhos da terra:

*"As moças... engrolavam rezas confusas na agitação do pavor. Era uma cena angustiosa e tremenda. E o mar, doido e epiléptico, atirava-se subversivamente, num estranho clamor."*<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup>Ibidem. p. 61

<sup>64</sup>Ibidem. p. 93

<sup>65</sup>Ibidem. p. 124

Mar Grosso (1895) conta a história de mulheres que tiravam marisco no costão da Ponta do Rapa e que foram tragadas pelo mar.

Em muitos outros contos, encontra-se tempestades e naufrágios, mas também se vê o mar como conselheiro, como o melhor ouvinte que o narrador encontra.

Virgílio Várzea era tão aficcionado do mar que, quando deputado do Congresso Estadual (1892-1895), propôs a mudança do nome da capital de Nossa Senhora do Desterro para Ondina, iniciativa que não logrou êxito, mas ele e outros jovens poetas, como Araújo Figueiredo, nomeavam a cidade como Ondina em suas cartas e composições.

Já que estamos falando do século XIX, vamos abordar um autor que não é propriamente um marinheiro, mas cujo romance relata uma viagem de canoa a Massambu (hoje Massiambu). Trata-se de Duarte Paranhos Schutel, que editou a partir de 1860 na Revista Popular, do Rio de Janeiro, o romance "A Massambu", um dos primeiros romances catarinenses e um dos primeiros romances regionais da literatura brasileira. O livro é uma história de traços românticos, com descrições da natureza que cerca a Ilha e toda a região da baía Sul.<sup>66</sup>

Na obra, Duarte Schutel relata um passeio que fez acompanhado de suas primas à praia (provavelmente a praia da Pinheira). Ao longo da caminhada recolhiam conchas das mais variadas cores, que levavam para casa para fazer flores feitas de conchas. Diz o autor que este passatempo de formar flores de conchas era bastante comum entre as "*filhas do Desterro*", quase "*uma inclinação inata a facilidade desta arte.*"<sup>67</sup>

Parece que a confecção destas flores era algo comum no Desterro. Schutel atesta com uma nota de rodapé, dizendo ser bem conhecida a habilidade da

---

<sup>66</sup>SACHET, Celestino. A literatura Catarinense. Florianópolis: Lunardelli, 1985. p. 33

<sup>67</sup>SCHUTEL, Duarte Paranhos. A Massambu. Florianópolis: Ed. da UFSC - Movimento - INL. 1988

catarinense no trabalho de flores artificiais. Não se limitavam às conchas, usavam também escamas de peixe, penas de pássaros e asas de insetos. Nenhum pacote passava pelo Desterro sem levar uma encomenda de flores<sup>68</sup>. Este relato nos induz a pensar que eram comuns os passeios pelas praias. Possivelmente ainda não se ia em busca do banho de mar, mas sim para contemplar a beleza incomensurável do mar, sua grandeza infinita, passear em contato com a natureza e recolher os "*mimosos despojos que o mar aí deixa.*"

*"Como devem ser ricos os tesouros que o mar encerra em seu seio! A praia estava alastrada de prodígios de beleza em conchas, habitações e restos de habitações e restos de animais marinhos de rara formosura."*<sup>69</sup>

No caso relatado por Schutel, eles se encontram em um piquenique e saem após o almoço para passear na praia. Durante todo o enredo, Duarte Schutel fala da maravilha de estar em contato com a natureza, coisa que nas cidades não acontece. É próprio do romantismo este apego à natureza e à vida ao ar livre. Alain Corbin faz referência a isto, dizendo que "*o romântico faz da beira-mar um lugar privilegiado da descoberta de si.*"<sup>70</sup> O mar era, segundo Alain Corbin, "*visto como um remédio contra a melancolia e os males da cidade enferma.*"<sup>71</sup> No entanto, Desterro ainda era uma cidade pequena, portanto, ainda não se justificava a fuga da cidade. Entretanto, é possível que o médico recém-formado Duarte Paranhos Schutel, o qual chegara do Rio de Janeiro, onde vivia desde 1847, tivesse como concepção de cidade a Corte imperial e não o pequeno burgo na Ilha Capital da Província de Santa Catarina.

---

<sup>68</sup>Ibidem. p. 87

<sup>69</sup>Ibidem. p. 87

<sup>70</sup>CORBIN, Alain. Op. cit. p. 177

<sup>71</sup>Ibidem. p. 176

Na imprensa desterrense se encontra, vez por outra, referência ao mar no século XIX. O mar era sempre visto de forma romântica, quase endeusado. Numa poesia publicada no órgão literário "Palavra" de 1888, temos uma poesia de um certo Faraco escrita em 1885 no Rio Grande, onde ele fala, ao olhar para o rio, da saudade do mar. Diz ser o mar a

*"esfinge que excita as elocubrações dos filósofos, e origem dos devaneios dos poetas, ora fascinando-nos como o abismo, ora aterrorizando como uma fera... Quando manso, é o espelho que reflete o esplêndido brilho dos resplandecentes astros engastados na abóbada celeste, à noite: bravo, é cada cava dele escura sepultura aberta aos pés do marinheiro... Tem sido berço para uns e túmulo para outros... O mar é leão indomável, e às vezes, manso cordeiro."*<sup>72</sup>

O mar é lugar de tempestades, e quando manso, espelho. É lugar do marinheiro: o homem que é de terra o contempla da terra firme. Mar é apenas lugar de passagem. Parece que ainda não se cogita o recreio no mar.

O poeta catarinense que primeiro dedicou obra ao mar e à praia foi Juvêncio de Araújo Figueiredo, que publicou *Praias de minha terra*, uma coletânea de sonetos que falam sobretudo do mar e das praias:

*"As praias onde vive e dorme e sonha o mar!  
Praias de minha terra, elas são uns regaços  
Aos quais a gente atira, ansiosamente, os braços,  
Com desejos febris de neles descansar (...)"*<sup>73</sup>

Araújo Figueiredo nasceu na cidade do Desterro em 1864. Órfão, com quatro irmãos menores, foi morar com uma tia, em um sítio à beira-mar, em

<sup>72</sup> FARACO. O mar. Palavra (órgão literário). 09.08.1888. p. 3

<sup>73</sup> FIGUEIREDO, Juvêncio de Araújo. Poesias. Florianópolis. Edição comemorativa do centenário, 1966. p. 13

Coqueiros. Trabalhou como tipógrafo no jornal de Duarte Schutel. Conviveu com Cruz e Sousa, Santos Lostada e Virgílio Várzea. Viveu no Rio de Janeiro, onde trabalhou na imprensa, mas não conseguindo sobreviver das letras, voltou a Santa Catarina, sendo nomeado promotor público em Tubarão, depois Laguna e Tijucas. Com a crise da Revolução Federalista, o ex-promotor público retornou a Florianópolis e montou uma olaria. Não obtendo êxito, foi tentar a sorte como tipógrafo em São Paulo, Santos, Campinas e Itu. Voltou a Laguna para trabalhar num colégio recém fundado que dura somente dois anos. Desempregado novamente, sobreviveu como pescador. A partir de 1910 tornou-se sub-diretor e depois diretor do Congresso Representativo Estadual.<sup>74</sup>

Para Othon d'Eça, Araújo Figueiredo foi o poeta da saudade e do mar. Cantou o poeta o mar e os crepúsculos saudosos, rendeiras e canoeiros, os engenhos de farinha, o arrastar das redes, a alegria do boi-na-vara, as procissões festivas e as sonoras novenas de maio. Na introdução de sua obra Praias de minha terra, alguém faz uma consideração, também citada por Celestino Sachet em sua A literatura catarinense, de que a poesia de Araújo Figueiredo é "*o búzio simples da praia que recolheu as ressonâncias do mar.*"<sup>75</sup>

O jornal O Dia publicou em 1905 um conto do Almirante Lucas Alexandre Boiteux intitulado A vingança do mar (fantasia).<sup>76</sup> Este conto tenta explicar de forma mítica a formação do mar, da terra e da lua, e a relação entre estes elementos. Faço aqui uma livre narrativa do conto que é de certa forma extenso. O autor conta que certo dia, acabrunhado pela ausência de sua amada, foi até a praia. Escutando o marulhar das ondas, pediu ao mar que se calasse, pois ele sofria. O mar lhe disse: sofres? Se soubesses a minha história, não dirias isto. O mar, então, lhe contou a sua história:

<sup>74</sup>. Ibidem. p. 1 a 3

<sup>75</sup>. SACHET, Celestino. Op. cit. p. 67

<sup>76</sup>. BOITEUX, Lucas Alexandre. A vingança do mar ( fantasia ) . Florianópolis: O Dia. 29/01.05 e 12/ 02/1905

No tempo do reinado de Júpiter, era o Mar moço fidalgo do Olimpo. A Terra e a Lua eram damas de honra da corte celeste e se destacavam por sua beleza. A Terra o amava loucamente, mas seu amor era pela Lua, para quem ele vivia a cantar. Juno, a rainha do Olimpo, no entanto, tinha predileção pela Terra e fez com que Júpiter obrigasse o mar a casar-se com a ~~Lua~~<sup>TERRA</sup>. O Mar revoltou-se, disse que não se casaria com a Terra, pois seu amor era pela Lua. Júpiter, porém, permaneceu irredutível e o obrigou a casar-se com a Terra. A Lua, ao saber da resolução de Júpiter, enlouqueceu, andando ainda pelos salões do Olimpo, a carpir e a penar. Já não mais reconhece o amado em sua inconsciência dorida, por isso ele se torna quieto, quase silencioso, soluçando baixinho em noites de lua cheia. O orvalho que cai à noite são as lágrimas de sua amada, e as estrelas suas jóias dispersas. Ela é muito triste e branca. Além de louca, está tuberculosa, e a morte já se descobre em seu rosto.

A Terra amava o Mar e aceitou casar-se com ele. O Mar foi amarrado à Terra, o que quase o fez enlouquecer de dor. Ela o amava, e ele a repugnava. O Mar injuriou a Júpiter e magoou as carnes da Terra. Cansado de lutar em vão para se desfazer das correntes que o uniam à Terra, adormeceu e sonhou. Sonhou que amava a Lua, e ao acordar, viu que estava enlaçado à Terra e a beijava. A Terra perguntou se ele a amava agora. Ele disse que não a amava e cuspiu-lhe no rosto, e ela chorou. A cada dia, ele sentia o ventre da Terra avolumar-se, ela gemia de dor e ele ria de escárnio. À medida que o ventre crescia, unia-se mais às suas carnes, mas ele lutava contra aquele contato infame. Um dia ele sentiu um movimento estranho naquele ventre e sentiu a sensação de outra vida se gerando, e teve a certeza de que ia ser pai. Pai involuntário, que odiava aquele fruto que se gerava e crescia, pai que abominava aquela carne fecunda. E veio o intento de esmagar aquele ser que desabrochava no próprio ventre materno. Mas as lágrimas da Terra comoveram Júpiter, que sustou o intento. A Terra ia conceber.

Júpiter correu uma cortina de nuvens pelos céus para que a Lua, virgem, louca e tuberculosa, não visse desabrochar o fruto da sua união com a Terra. A Terra gerou, então, um casal de crianças. O Mar tentou esmagá-los com sua fúria, mas Júpiter as protegeu, e o Mar as amaldiçoou. Aquelas crianças foram os primeiros, Adão e Eva. Ele não as pôde tragar. Elas caíram no desagrado de Júpiter, e hoje, toda vez que pode, o Mar arrebatava os seus descendentes e os esmaga com sua fúria. É a sua vingança, trágica, mas Júpiter assim o quis.

Interessante a interpretação mitológica que Lucas Alexandre Boiteux deu à relação do Mar com a Terra e com os homens. O Mar está sempre tentando devorar os homens, numa fúria quase insana. É importante perceber que esta concepção da masculinidade do mar só se dá na língua portuguesa. Em grego, a palavra *mar* é feminina. Portanto, torna-se inviável esta lenda na concepção dos gregos. Entre nós, que usamos a língua portuguesa, parece muito fácil conceber a Terra e Lua como seres femininos e o Mar como ser masculino. Não conseguimos imaginar o mar feminino, mas era assim que os gregos o concebiam. Não deixa de ser interessante que um catarinense, homem do mar, tenha concebido uma história, com tantas riquezas de detalhes, para tentar explicar a relação Mar-Terra-Homem.

O marinheirismo entre os catarinenses acabou tendo outros adeptos bem mais tarde. Além de Várzea e Araújo Figueiredo, que foram contemporâneos e escreviam sobre o mar no século passado, tivemos outros autores já no século XX.

Othon Gama d'Eça, com o forte caráter social de Homens e Algas, publicado em 1957, mas escrito a partir de 1938, trata da relação do pescador com o mar, que não raramente tira-lhe a vida, mas que exerce um fascínio enorme e lhe dá o sustento. O Pescador é sempre pintado como um amante do mar, que se conforma à sua sorte de viver à mercê do mar:

*"Não é ele, senhor! O mar não mata ninguém! É a tormenta de chuva!... É o vento, o sulão... o noroeste..."<sup>77</sup>*

A relação do pescador com o mar é, segundo Othon D'Eça, de cumplicidade, medo, gratidão. Ele jamais cogita pôr a culpa no mar por causa de uma tempestade, acidente ou morte. O mar também é vítima de tempestades, ele não mata ninguém, diz o pescador de Homens e Algas. A culpa é do Vento Sul, do Noroeste.

"O mar é o sustento dos pobres de Cristo". Com esse dito o pescador vai se aventurando todo dia no mar em busca da comida para família, até o dia em que "Deus Nosso Senhor for servido". A fartura, o comer de cada dia, acontecem graças ao mar. A desgraça, a morte, são fruto das tempestades.

A morte no mar é encarada ao estilo de Jó, o personagem bíblico: "O Senhor deu, o Senhor tirou, Bendito seja o nome do Senhor".

Visto desta forma, parece que Othon d' Eça pinta o povo praieiro de forma bastante fatalista. Esta é a impressão que fica para quem lê Homens e Algas. O que se pode constatar, de fato, é que a falta de alimentos era realmente muito grande entre os habitantes das praias, seja pelas tempestades que faziam sumir o peixe, seja pela falta de mercado para o pescado. A maioria só conseguia pescar para o consumo próprio.

Outra constatação do autor de Homens e Algas é a grande incidência de mortes de pescadores por afogamento. De fato, nas pesquisas que realizei nos jornais de Florianópolis, aparecem inúmeros casos de afogamento, geralmente de pescadores. A maioria destes afogados, como é comum até hoje entre os pescadores, não sabia nadar. A sua estada no mar era sempre dentro das canoas, não se banhando nem tampouco nadando.

---

<sup>77</sup>D' Eça, Othon. Homens e Algas. Florianópolis: FCC: Fundação Banco do Brasil: Ed. da UFSC, 1992. p. 67

Se a benevolência do pescador para com o mar em nunca lhe atribuir a autoria das desgraças é assim tão arraigada, não posso afirmar com precisão. Mas é comum os pescadores ensinarem aos filhos: "no mar há que ter cuidado..., no mar não se pode apavorar..., com o mar não se brinca".

Outros catarinenses escreveram sobre o mar. Exemplos disto são Marcos Konder Reis na sua poesia Praia Brava (1950), Salim Miguel com Rede (1955), romance social. Também Almiro Caldeira, em Maré Alta (1980), Flávio José Cardozo com Singradura (1970) e Cláudio Bersi de Souza, com Um beijo na tempestade (1984), Uma luz na solidão (1988) e Muralhas de água (1992).

Após esta incursão pelas visões do mar e da praia através da Historiografia e da Literatura, percebemos que o mar em Desterro não era lugar de banho, mas lugar de outras relações sociais. Era no mar que os pescadores passavam a maior parte da vida, era pelo mar que se transportava mercadorias e pessoas. Era na praia que as mulheres extraíam os moluscos e crustáceos que garantiam o sustento familiar.

Sem cair no "determinismo aquático", podemos afirmar que Desterro não era estranha ao mar no século XIX, mas a utilização e a forma como o mar era visto pelos habitantes da cidade era realmente bastante diferente, segundo nos narram os diversos autores utilizados neste capítulo. A importância deste giro pela bibliografia apresentada prende-se ao fato de demonstrar que de fato houve uma mudança na utilização do mar e de sua orla, bem como a gênese de uma sensibilidade completamente nova na Ilha, outrora, dos Patos.

Vamos começar a falar em banho de mar sabendo que ele não existe "desde o princípio do mundo" (utilizando uma expressão ilhêa). Houve toda uma conjuntura de mudanças estruturais na sociedade que foi acompanhada pela introdução de novos hábitos e novas formas de encarar a vida.

## CAPÍTULO SEGUNDO

### A CIDADE VAI EM DIREÇÃO AO MAR: RECREIO DAS FAMÍLIAS NA ORLA MARÍTIMA

**"Todo homem culto deve saber ler, escrever e nadar"  
Platão**

O advento da República trouxe consigo uma transformação bastante grande na cidade de Desterro. A elite já ansiava pela civilização antes da República, mas com ela este desejo se tornou mais forte. Civilização que se construiu adotando novas práticas sociais que passaram a ser símbolos do ser "chique". Entre estas práticas podemos acrescentar o banho de mar, que juntamente com os clubes de regatas e outras atividades da cultura do corpo, tornaram-se símbolo do homem civilizado da primeira metade do século XX.

Esta primeira metade do século XX foi marcada pela descoberta da natureza. Em Florianópolis o contato dos cidadãos com a natureza se deu de forma bastante intensa através dos piqueniques, que aos poucos foram sendo acompanhados pelos banhos de mar, haja vista que eram feitos em praias.

Foram utilizados, na confecção deste capítulo, historiadores recentes que analisaram a história de Desterro lançando luzes teóricas sobre o anseio do habitante da Capital catarinense de urbanizar-se, bem como a construção da imagem da cidade civilizada em detrimento do interior atrasado. Estes historiadores ditos "recentes" procuram se utilizar da chamada Nova História, que fazem abordagens temáticas, descobrindo novos personagens e utilizando fontes consideradas não históricas pelos tradicionais.<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup>Sobre esta "classificação" da historiografia catarinense ver WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. Revista Catarinense de História. Florianópolis, 2: 5 - 15, 1994.

Encontrar-se-á, também aqui, a mudança e a separação entre as esferas pública e privada, e como a burguesia procurou refugiar-se fora da cidade, na Praia de Fora, que mais tarde veio a se tornar a primeira praia de banho de Florianópolis.

Os discursos dos administradores públicos de Desterro já começam a apresentar uma certa preocupação com saneamento, canalização de córregos, água encanada, esgoto, erradicação de focos de doenças e miasmas, no final do Império. Mas esta preocupação não surtiu grandes efeitos na época. Foi somente na transição Império-República que se intensificaram as discussões sobre a necessidade de modificar o panorama topográfico e social de Florianópolis, traduzidas em intervenções quanto à ordenação do seu espaço urbano, embelezamento e modernização de suas vias de circulação, acentuando o rompimento com o passado, com práticas e relações que determinados grupos queriam esquecer.<sup>79</sup>

A implantação da República em Santa Catarina se deu de forma traumática. O primeiro governador, Lauro Severiano Müller, encontrou forte oposição, aliada à adesão de muitos catarinenses à Revolução Federalista.<sup>80</sup>

A 28 de setembro de 1894, passada a Revolução Federalista, cujos efeitos foram bastantes sérios para a cidade, e terminados os efeitos da intervenção federal, assumiu o governo, eleito, Hercílio Pedro da Luz. Só a partir daí é que se consolidou de fato a República em Santa Catarina. Muitos federalistas haviam sido fuzilados e os monarquistas remanescentes já não se manifestavam. Três dias após a posse, Hercílio Luz sancionou a lei que mudou o nome da Capital para Florianópolis. Livrava-se a capital de um nome que vinha dos tempos coloniais e que para muitos era sinal de atraso. Com novo nome, em homenagem ao "Consolidador da

---

<sup>79</sup> Ver KUPKA, Roselane Neckel. Tensões e imagens do viver urbano em Florianópolis - 1910-1930. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993, Dissertação de Mestrado (História)

<sup>80</sup>Sobre a Revolução federalista ver MEIRINHO, Jali. A República em Santa Catarina de 1889 a 1900. Florianópolis: Ed. da UFSC, Ed. Lunardelli, 1982, CORRÊA, Carlos Humberto. Militares e civis num governo sem rumo: o governo provisório revolucionário de Desterro - 1893-1894. Florianópolis: Ed. da UFSC e Lunardelli, 1990.

República", Marechal Floriano Peixoto, a Capital catarinense integrou-se no novo espírito da República que era o desejo de operar reformas urbanas e de "civilizar-se". Já na década de 1880 houve discussão sobre a possibilidade de mudança do nome da capital da província. Rosângela Miranda Cherem, na sua dissertação de mestrado Caminhos para muitos possíveis: Desterro no final do Império, relata as tentativas de mudança do nome da cidade. O Jornal do Comércio, em artigo de 1888, defendia a sugestão de "Ondina":

*"Ondinas são criações das mitologias escandinavas e germânicas, e análogas às nayades dos antigos... Convém esse nome à nossa formosa ilha, coberta de verde, atraindo o viajante, seduzindo-o com seus encantos."*<sup>81</sup>

O nome Desterro, segundo Rosângela Cherem, lembrava degredados e condenados. Este nome de aspecto pejorativo podia afugentar o viajante e o estrangeiro. Ondina, a figura mitológica que tinha ligação com água, o peixe e o mar, era considerado o nome mais apropriado à terra. "Baía Dupla" também foi nome cogitado para ser dado à cidade, querendo fazer referência a posição geográfica da cidade que se situa entre as duas baías da Ilha de Santa Catarina.

Durante o seu primeiro mandato, o engenheiro civil Hercílio Luz promoveu obras de remodelação da capital, inclusive do Palácio do Governo, que tomou o seu aspecto atual. De casarão colonial, arquitetos franceses o tornaram um elegante prédio de estilo neoclássico. Várias repartições públicas foram construídas, novo mercado foi edificado, bem como um lazareto na ilha dos Guarás.<sup>82</sup>

A implantação da República coincidiu com uma crise econômica bastante grande na Ilha de Santa Catarina. A economia, baseada na exportação de produtos

<sup>81</sup> Jornal do Comércio, 09.11.1888. p. 1 e 2. Apud: CHEREM, Rosângela Miranda. Caminhos para muitos possíveis: Desterro no final do Império. Dissertação de Mestrado ( História ), São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994. p. 34

<sup>82</sup>. CABRAL, O. R. Op. cit. p. 254. A Ilha dos Guarás localiza-se na baía Norte defronte à Praia de Fora.

agrícolas, sobretudo farinha de mandioca, encontrava-se enfraquecida. Outros pólos produtores surgiam no Estado em decorrência da colonização estrangeira. O porto tivera seu movimento drasticamente reduzido. Eram estas atividades que representavam as possibilidades de acumulação de riquezas e status, bem como a ocupação de cargos na Província do Império.

Ora, com o advento da República e a criação de novos cargos, em virtude da instalação do novo regime, deflagrou-se uma acirrada disputa entre os abastados locais, *"entre as famílias que compunham a elite política do Império e aquelas que passaram a ocupar cargos no governo republicano"*. Em virtude da crise econômica, a ocupação destes cargos deixou de ser apenas "status" para ser meio de sobrevivência.<sup>83</sup>

A concorrência entre os grupos provocou uma disputa bastante acirrada: para manter e firmar sua posição social, buscavam as famílias imitar os hábitos e a moda do Rio de Janeiro. Para sobressair-se sobre o adversário, que buscava influência, cargos e vantagens, valia tudo, até a desqualificação do concorrente, a qual se dava também pela adoção de costumes modernos.

*" Já não era suficiente ser branco, católico e proprietário, 'era preciso ser civilizado, ter gosto e ser higienizado.'"*<sup>84</sup>

Segundo Roselane N. Kupka, em sua dissertação de mestrado em História intitulada Tensões e imagens do viver urbano em Florianópolis - 1910-1930, as mudanças econômico-sociais estavam fazendo acontecer um empobrecimento da sociedade, onde os abastados perdiam prestígio e suas atividades rendosas, assemelhando-se assim às camadas medianas, enquanto os pobres tinham suas condições de vida ainda mais pioradas.<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup>. PEDRO, Joana Maria. *"Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: Uma questão de Classe"*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994. p. 58

<sup>84</sup>. ARAÚJO, H. R. de. Op. cit p. 80

<sup>85</sup>. KUPKA, R. N. Op. cit. p. 49

Sendo assim, o habitante da cidade procurava parecer o mais civilizado possível, posto que isto lhe granjearia "status" e, sobretudo, emprego para a manutenção de sua sobrevivência.

Ser "urbano" era ser civilizado. Era comum, para dizer que a pessoa era bem educada, dizer que ela era urbana. Ora, pois, se ser educado era ser urbano, que imagem os moradores das freguesias faziam do habitante do interior da ilha? Certamente, uma imagem nada lisonjeira. O habitante do interior da ilha era o "matuto, o amarelo, o preguiçoso, o indolente". Dizia-se, até, que a farinha de mandioca, base alimentar do ilhéu, era a causadora de anemia, e do enfraquecimento do ilhéu interiorano.

Horácio Nunes Pires, escritor de família catarinense, nascido no Rio de Janeiro, escreveu uma obra em forma de folhetim, Dom João de Jaqueta (1887), que é um dos retratos de como a cidade via a roça nesta transição pela qual passava a Capital barriga-verde. Neste romance, o autor enfatiza a diferença entre o morador da cidade e o das freguesias. Os costumes e superstições do interiorano em antagonismo à escolaridade e civilidade do cidadão.

Neste período, aparentemente, são pouquíssimos os "urbanos" que se aventuram a passear pelo interior da ilha: a maioria da população da cidade restringia suas andanças à Capital, não conhecendo sequer as praias e lagoas. Somente o século XX, com seu desejo de estar à beira-mar, gozar a natureza e estar em contato com o oceano, e de banhar-se em suas águas, irá fazer com que o cidadão volte sua atenção para o interior da ilha. Foi o banho de mar que fez com que a cidade expandisse seus tentáculos em direção ao interior, em busca daquilo que ela não podia dar a seus habitantes. Será sobretudo na segunda metade do século XX que o habitante da cidade irá entrar em contato, de fato, com o interiorano, comprando suas terras, desalojando seus ranchos de pescaria, e restringindo-lhe a passagem à

praia. Será a cidade se colocando entre o pescador e o mar, que sempre foi seu quintal e seu lugar de trabalho.

Dentre os habitantes da cidade que se interpuseram entre o pescador e o mar, os que mais se destacaram foram os comerciantes, visto que o incremento do porto os fez abastados. À medida que iam enriquecendo, iam mudando seus hábitos e o lugar de moradia.

Os comerciantes trabalhavam e viviam no centro da cidade. Normalmente o sobrado abrigava o comércio no andar térreo e a moradia no andar superior. Com o passar do tempo, um novo costume surgiu, o de possuir uma chácara fora do perímetro urbano, normalmente na Praia de Fora. Foram estas chácaras o refúgio em tempos de epidemias. Os senhores mandavam suas famílias para as chácaras, onde estavam livres dos terríveis miasmas da cidade. Ia-se para a chácara, normalmente, nos finais de semana. Para quem vivia em sobrados que só possuíam abertura e luminosidade na sala de visitas, na varanda (sala de jantar) e cozinha, que davam diretamente para a rua e que confinavam seus moradores a exíguos quintais, estar na chácara, que eram verdadeiros sítios, pela extensão e variedade de plantas e árvores frutíferas, e com casas espaçosas e bem iluminadas, era uma verdadeira festa. Aqui se deu a primeira separação das esferas pública e privada em Florianópolis.

Este movimento de separação das esferas pública e privada que aconteceu na vida dos burgueses já foi detectada por Catherine Hall no seu artigo "Sweet Home" (Doce-Lar), publicado na História da Vida Privada 4. O próprio Oswaldo Rodrigues Cabral percebeu a "evolução" desta separação em Florianópolis: primeiro, a mesma casa térrea abrigava comércio e residência; com o melhoramento da vida, construía-se um sobrado, com comércio no térreo e residência no andar superior. Somente os burgueses ricos, diz Catherine Hall, podiam ter residência separada de sua empresa. Esta casa separada não podia ser na cidade, lugar frívolo, pestilento e normalmente imoral e onde se concentrava a pobreza. O campo, ao contrário, era

lugar da virtude, local ideal para o estabelecimento da família, onde ela estaria a salvo dos perigos da cidade. Em Florianópolis, como na Inglaterra, primeiro o burguês comprava casa para uso nos finais de semana, mas com o tempo passava a residir lá. Ora, pelo fato de Florianópolis estar situada numa ilha, sua burguesia encontrou o campo à beira-mar, desta forma, a Praia de Fora atraiu os burgueses que queriam se ver livres da cidade. Catherine Hall fala que Edgabaston, para onde os burgueses da cidade de Cadbury seguiam, era uma região de periferia a cerca de 1,5 quilômetro da cidade, a mesma distância do centro de Florianópolis à Praia de Fora. Era uma "*zona residencial com belas casas e jardins para a burguesia, longe da sujeira, do barulho e dos vizinhos desagradáveis*."<sup>86</sup> Lá, como cá, as "encantadoras villas" ofereciam as vantagens da cidade no campo.

Virgílio Várzea, escritor catarinense radicado no Rio de Janeiro a partir de 1896, em sua obra Santa Catarina - A Ilha, editada pela primeira vez em 1900 na Capital federal, diz que os habitantes da cidade costumavam passar temporadas na Praia de Fora<sup>87</sup>, sendo esta a primeira estação balnear da Capital:

*"Magnífica por sua paisagem e panorama marinho, descritos em pontos que já percorremos, é um excelente ancoradouro abrigado dos ventos do Sul e a primeira estação balnear da Capital, cuja população para aí acode, em parte, na época própria, habitando as casas da beira-mar."*<sup>88</sup>

É preciso perceber que Virgílio já vivia no Rio de Janeiro e estava vendo a Praia de Fora com os olhos do Rio de Janeiro. Temos aí, no entanto, detectados os primórdios do êxodo dos habitantes da cidade em demanda das praias, embora quem

---

<sup>86</sup>HALL, Catherine. Sweet Home. In PERROT, Michelle et alli. História da Vida Privada volume 4. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. p. 66

<sup>87</sup>A Praia de Fora, também chamada do Müller, e de São Luiz, nas suas extremidades sul e norte respectivamente, era a faixa de areia compreendida entre a ponta onde hoje se assenta a cabeceira ilhóia da Ponte Hercílio Luz e a extinta Ponta de São Luiz, onde hoje se localiza o Jardim Lauro Müller, no final da Avenida Mauro Ramos. A praia foi aterrada para ceder lugar à Avenida Beira Mar Norte.

<sup>88</sup>. VÁRZEA, Virgílio. Santa Catarina - A Ilha. Op. cit. p. 114

sabe não fossem as praias que se buscasse nesta época, e sim o afastamento da cidade. Esta prática se tornaria cada vez mais forte com o passar das décadas, até os nossos dias. Esta é a primeira notícia que temos dos habitantes da cidade se deslocando do centro, a cerca de 1 quilômetro, para passar temporada na Praia de Fora. As construções com vista para o mar aos poucos vão tomando o lugar das velhas casas de fundo para o mar.

Dr. Remédio Monteiro, em carta a Virgílio Várzea, em 1889, lamentava:

*"Se as casas da Praia de Fora, na sua parte litoral, tivessem todas as frentes para o mar e não os fundos, maculando assim o padrão moderno das atuais construções do bairro - o panorama dessa praia recordaria bem o formoso Golfo de Nápoles, na Itália Meridional."*<sup>89</sup>

As construções novas do bairro buscavam ter sua parte social voltada para o mar. Vemos aí o contraste entre as antigas ocupações destinadas à moradia, pura e simplesmente, e as construções destinadas ao veraneio, ao repouso à beira-mar. Isto confirma nosso pressuposto de que o burguês que foi ao encontro do campo para fugir da cidade, no caso específico de Florianópolis acabou encontrando o mar, e daí passou a procurá-lo, desejando ficar próximo a ele, e virando as fachadas das construções para contemplá-lo.

Roberto Da Matta, na sua obra A Casa & A Rua, citando Auguste de Saint-Hilaire, que visitou o Brasil em 1816 e em 1822, fala do espaço da casa brasileira:

*"A gente abastada tem o cuidado de reservar na frente de sua casa uma galeria ou varanda... Os jardins sempre situados por trás das casas, são para as mulheres uma fraca*

---

<sup>89</sup> Ibidem, p. 39

*compensação de seu cativo, e como as cozinhas, são escrupulosamente interdita aos estrangeiros.*"<sup>90</sup>

Podemos, desta forma, observar que a parte social da casa, aquela que é o meio termo entre a casa e a rua, o privado e o público, fica na parte da frente da casa e que a parte dos fundos fica reservada ao privado, normalmente proibido às visitas. Se transpusermos esta observação para as casas da orla marítima, vemos que estas casas tinham suas fachadas voltadas para a rua, os fundos, para o mar. Portanto, por muito tempo o mar na Praia de Fora não foi lugar para o público, mas sim para o privado.

Como diria Oswaldo R. Cabral, "praia não era lugar de gente", e de modo algum um lugar social. Com a utilização da praia para banhos de mar, a praia toma nova função, a de "lugar elegante", social. Este enobrecimento da praia leva as pessoas a voltarem as fachadas de suas casas para a praia, que agora se tornou um lugar tão social e tão público quanto a rua. Vemos agora a praia tornar-se pública.

A Praia de fora, segundo Várzea, era o "Botafogo catarinense", o primeiro "bairro de linha", o bairro "chic", o bairro aristocrático. E isto se dá pelo *"luxo, estética e arte de suas construções, pelos seus habitantes e por sua paisagem natural"*.

*"Distingue-se tanto a Praia de Fora dos demais pontos da cidade, que até a vida catarinense dir-se-ia ter aí outro aspecto, outras tintas, outras modalidades, revelando-se o bairro, na capital provinciana, como um todo à parte, mais culto, mais artístico, mais civilizado."*<sup>91</sup>

É na Praia de Fora que irá residir a elite comercial e industrial florianopolitana. As edificações são verdadeiros palacetes, de singulares formas

---

<sup>90</sup> Da Matta, R. Op. cit. p. 57

<sup>91</sup> VÁRZEA, V. Op. cit. p. 37

artísticas. *"As vivendas tinham à frente vastos jardins bem cuidados, aos cantos dos quais se vêem caramanchões de folhagens"*. Algumas dessas casas, que tinham seus quintais para a praia, apresentavam *"belos terraços descobertos ou mirandas de onde se domina todo o panorama das águas, delicioso pela placidez constante das ondas ao abrigo dos vendavais e pelo recorte incomparável da costa (...)"*<sup>92</sup>

Terraços para contemplar a praia, anteriormente tínhamos pontes para despejo de dejetos. Agora é o senhor e a senhora, a família, quem fica à beira da praia para contemplá-la, antes era o escravo para despejar os dejetos. Que diferença aconteceu na relação da elite urbana da Capital barriga verde com o mar!

Várzea enumera os capitalistas que têm seus palacetes na Praia de Fora: Schutel, Fialho, Vilela, Alves de Brito, Trompowsky, Pamplona, Cogoy, Vinhas, Hoepcke, Hackradt, Wahl e Paranhos, entre outros. Parece que a elite econômica foi a primeira a preferir a Praia de Fora, a maioria dos representantes de outros segmentos continuavam a residir no centro.

Orgulho dos catarinenses, a Praia de Fora era apresentada aos forasteiros como *"o mais belo e pitoresco de seus recantos"*. Dizia um artigo da Folha do Comércio, de 1911, que primeiramente ali existia a chácara Garcia, *"notável pela poesia das suas praias alvas e variedade de seu vasto pomar"*, mas que depois com *"o tempo e a decadência dos homens foram também as coisas decaindo... Ao encanto da chácara Garcia vieram juntar-se esplêndidos palacetes de beira-mar, ocultos alguns na sombra das folhagens para só viverem dos sussurros das vagas."*<sup>93</sup> Que romântico, construir palacetes à beira-mar, entre folhagens, só para ouvir os sussurros das vagas do mar!

O articulista, no entanto, estava indignado com o descaso do poder público. Enquanto a Praia de Fora *"se aformoseava na elegância das suas"*

<sup>92</sup>VÁRZEA, V.. Op. cit. p. 38

<sup>93</sup>Na Praia de Fora. Folha do Comércio. 10.02.1911

*construções, permaneciam a seu lado, irrisórias e ridículas ruas antiquadas e quase intransitáveis". "Nem mesmo o fato de saber-se que grande número de famílias costuma fazer a sua estação de banhos naquelas praias, tem influído no sentido de ser melhorado o trecho..."<sup>94</sup> Exige-se melhoramentos suficientes para que as pessoas possam fazer a sua "estação de banhos".*

Segundo Jürgen Habermas, o "Estado de Direito burguês" pretende, à base da esfera pública em funcionamento, que o poder público se organize de tal maneira a garantir a sua *"subordinação às exigências de uma esfera privada que se pretende neutralizada quanto ao poder e emancipada quanto à dominação"*<sup>95</sup>. Exige-se que o poder público dê condições para que o burguês possa usufruir de sua esfera privada. Esta organização do poder público implica assumir atividades que antes eram deixadas à iniciativa privada ou que antes nem eram cogitadas como necessárias. Limpeza de praias, por exemplo, era coisa supérflua antes da utilização da orla marítima para fins de recreio.

Como vimos, a Praia de Fora foi a primeira praia utilizada para banhos de mar na Ilha de Santa Catarina. Convém destacar mais uma vez o fato de que os primeiros comerciantes abastados que ali construíram seus palacetes foram em busca do campo e não da praia. Foi a partir do desejo de fugir da cidade que a elite florianopolitana descobriu a beira-mar como lugar de descanso, recreio e contemplação.

Keith Thomas, em sua obra O homem e o mundo natural: mudança de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500 - 1800, diz que no tempo da Renascença *"a cidade fora sinônimo de civilidade, o campo de rudeza e rusticidade"*. Ora, podemos afirmar, resguardadas as proporções, que na Desterro do

---

<sup>94</sup>. Ibidem

<sup>95</sup>. HABERMAS, J. Op. cit. p. 104

século XIX é assim que se pensava. A cidade era considerada como lugar culto, ideal para a vivência do ser humano, e o interior da Ilha como o lugar do atraso<sup>96</sup>.

Contudo, aponta Keith Thomas que na Europa, já bem antes de 1802, tornara-se comum considerar o campo mais bonito que a cidade<sup>97</sup>. O campo começou a despontar como lugar de fuga dos vícios da cidade, de descanso dos negócios e refúgio contra a sujeira, a fumaça e o ruído da cidade<sup>98</sup>. Ou melhor, foge-se antes do mal da cidade, do que procura-se o bem do campo. Os tempos modernos inventaram o fim de semana no campo, onde se encontrava repouso e refrigério.<sup>99</sup>

Outra praia, próxima da cidade, que era utilizada para banhos de mar, segundo Várzea, era a Praia do José Mendes:<sup>100</sup>

*"A praia do José Mendes (...) Mansa e limpa como é, de fundo arenoso e sem pedras, a pequena enseada torna-se muito freqüentada de famílias no verão, pelos banhos de mar."101*

Desta forma, percebemos que já no final do século passado as famílias da capital barriga verde tomavam banho de mar na Praia do José Mendes. Embora não se possa quantificar, não parece que fosse muito expressivo o número dos que faziam uso do banho de mar por esta época. A imprensa pesquisada nesta época nada comenta sobre banhos de mar.

Em 1908, Virgílio Várzea passou por Florianópolis, em direção ao Rio Grande, a serviço de propaganda da *"humanitária associação Liga Marítima, instituição destinada a congregar, proteger, desenvolver e engrandecer tudo que*

---

<sup>96</sup>THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500- 1800*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. p. 290

<sup>97</sup>Ibidem. p. 290-291

<sup>98</sup>Ibidem. p. 294

<sup>99</sup>Ibidem. p. 295

<sup>100</sup>Primeiro arrabalde para quem sem sai do centro em direção ao Saco dos Limões

<sup>101</sup>VÁRZEA, V. Op. cit. p. 114

*se relacione com a vida do mar.*"<sup>102</sup> Não temos notícias se a "humanitária associação" vingou, mas Virgílio Várzea andou a fazer propaganda.

Em anúncio de 1909, no jornal Gazeta Catarinense, era comunicado o início do funcionamento do Pavilhão Ano Novo - Pedra Grande, na Pedra Grande.<sup>103</sup> Dizia o anúncio que

*"As exmas. famílias e cavalheiros encontrarão, além de magnífico local para recreios, piqueniques, e asseada praia para banhos, com quartos, um bem montado botequim suprido em condições de satisfazer o mais exigente freguês."*<sup>104</sup>

Ao que tudo indica, este foi um dos primeiros estabelecimentos do gênero a se instalar na Ilha de Santa Catarina. Começava a ser explorada comercialmente a procura pela orla marítima. No "Pavilhão Ano Novo - Pedra Grande" se podia tomar banho de mar, realizar piquenique, beber e pernoitar. E a faixa de praias utilizadas pelos banhistas vai aumentando. Já se tem notícia de banhos de mar no José Mendes, ao sul da cidade, na Praia de Fora e agora na Pedra Grande, que é a continuação da Praia de Fora em direção ao norte, e ponto final da linha de bonde. O anúncio convida a se beneficiar dos *"ares de tão higiênico bairro nas tardes cálidas da presente estação."* Aliás, a higiene é evocada em dois momentos: a praia para banhos é asseada e o bairro é higiênico.

A capital catarinense está, nesta época, passando por uma transformação, denominada ora de "aformoseamento", ora de "higienização", ora de "saneamento", que data do início da República. Hermetes Reis de Araújo soube muito bem interpretar esta fase da história da cidade na sua dissertação de mestrado intitulada A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. Fala dos *"discursos que afirmaram o campo da higiene*

<sup>102</sup>Virgílio Várzea. O Dia. 11.02.1908

<sup>103</sup>Pedra Grande era o nome do bairro que hoje se chama Agrônômica na área urbana insular da Capital

<sup>104</sup>Pavilhão Ano Novo - Pedra Grande. Gazeta Catarinense. 25.01.1909

*urbana e social como lugar de primeira importância na gestão das atividades públicas e privadas dos habitantes da cidade".* Foi nesta época que se implantou na região central da cidade as primeiras redes de água encanada (1909), iluminação pública através de energia elétrica (1910) e se construiu a rede de esgotos (1913-1917). Foram feitos vários aterros na orla da cidade, várias regiões foram drenadas, calçaram-se muitas ruas, as praças foram ajardinadas e reformados e construídos prédios públicos. Em 1919, a Inspetoria de Higiene, que sofrera uma reestruturação um ano antes, passou a se chamar Diretoria de Higiene do Estado, e teve seu campo de atuação ampliado. Foi fundada também a Sociedade de Medicina de Florianópolis e o governo do Estado contratou a Fundação Rockefeller para operar o saneamento do litoral catarinense e da Ilha onde está situada a capital.<sup>105</sup>

A busca de higiene e de civilização tomava conta da elite local, a imprensa se rejubilava com as transformações operadas na cidade de Florianópolis.

Muitos teóricos têm falado do processo que a burguesia moveu para ver implantadas novas concepções de higiene pessoal e social. Jacques Donzelot, por exemplo, na sua obra *A polícia das famílias*:

*"A higiene social é uma ciência econômica, tendo por objeto o capital ou material humano, sua produção ou reprodução, sua conservação, sua utilização e seu rendimento. A higiene social é uma sociologia normativa..."*<sup>106</sup>

Já não bastava a higiene, o asseio corporal individual, era preciso também higienizar a sociedade. A sociedade como um todo precisava ser higienizada, saneada, para que as pessoas pudessem, de fato, ser civilizadas.

Numa cidade que está passando por tantas transformações é muito importante ter um lugar asseado para recreios. A higiene pessoal e pública é uma

---

<sup>105</sup>ARAÚJO, H. R. de. p. 17

<sup>106</sup>DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*; trad. de M.T.C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1980. p. 168

invenção eminentemente burguesa. Alain Corbin no seu Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX, numa passagem já citada neste trabalho, diz, citando Romesse, que escreveu em 1782, a cerca da Europa, que "*ao ouvir as queixas que se multiplicam a cada dia, que as ruas antigamente eram sempre limpas. No entanto, a verdade é que outrora não se cogitava em reclamar.*"<sup>107</sup> É exatamente isto que se pode dizer em relação à cidade de Florianópolis, não é que as praias tornaram-se sujas só naquele momento, mas sim que estava nascendo uma nova sensibilidade.

A higiene através dos banhos custou a se firmar, sendo o banho, inclusive, considerado prejudicial à beleza e causador de debilidade, era sempre um "*risco calculado em que era necessário modular a duração...*"<sup>108</sup> A imprensa teve um papel decisivo na implantação do banho diário e, sobretudo, do banho de mar.

Em Florianópolis, a imprensa passou a cada vez mais dar publicidade ao banho de mar, que passou a fazer parte do processo civilizador, juntamente com tantas outras atividades que também se firmavam por esta época. Num artigo do jornal Terra Livre, de 1919, o articulista diz que muitas pessoas têm feito uso dos banhos de mar na Praia de Fora, entre as quais muitas crianças, sendo várias pessoas por tratamento médico; mas reclama o articulista que

*"Infelizmente as praias daquele arraial, já por si impróprias para esse fim, estão convertidas em depósitos de detritos de toda natureza, o que mais a afeia e tanto contribui para afugentar os banhistas."*<sup>109</sup>

A praia já era imprópria para banhos, ainda assim estava coalhada de detritos, por que é onde o mar vomita a imundície que lhe era despejada todos os dias, mas agora ela passou a ter uma finalidade nova: a do banho de mar, do qual

<sup>107</sup>CORBIN, A. Saberes e Odores: O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. Op. cit. p. 82

<sup>108</sup>Ibidem. p. 229

<sup>109</sup>Banhos de Mar. Terra Livre. 01.02.1919

muitas pessoas faziam uso, inclusive por tratamento médico. Cria-se uma necessidade nova e exige-se "providência por parte da Municipalidade".

Jürgen Habermas, em sua obra já citada, diz que o Estado burguês assumiu "*além das atividades administrativas habituais, prestações de serviço que até então eram deixadas à iniciativa privada.*"<sup>110</sup> O Estado deixava, dessa forma, de ser mero administrador, para também ser prestador de serviços, muitas vezes delegando este serviço à iniciativa privada. Vejam, por exemplo, que na Ilha a coleta de lixo só começou em 1877. A educação, também, não era obrigação do Estado. A partir do momento em que a burguesia toma o poder, o Estado foi se tornando um prestador de serviços e tomando para si obrigações que antes não eram concebidas como inerentes ao poder público. São as pessoas privadas cada vez mais exigindo amparo e proteção do poder público.

Foi o próprio Estado quem instituiu o médico como policial das famílias, substituindo a tutela do padre pela do médico, passando a medicina a ser a ditadora, ou pelo menos a conselheira do comportamento familiar.<sup>111</sup> Ora, essa medicina tutelar mudou os hábitos das pessoas de tal forma que elas passaram a proceder de formas que antes seriam consideradas indignas ou vergonhosas. Anteriormente, a exposição do corpo, o estar ao sol e banhar-se nas águas do mar eram coisas inconcebíveis à pessoas elegantes. A praia tornou-se assim, para o historiador, o lugar onde é possível ver esta mudança nos códigos.

Fala-se da salubridade da beira-mar, do caráter benéfico do mar na educação física. Dois anúncios publicados pelo Ginásio Catarinense ( hoje Colégio Catarinense), respectivamente em 1918 e em 1929, ilustram bem a mudança da relação com o mar. O artigo de 1918 dizia:

---

<sup>110</sup>HABERMAS, J. Op. cit. p. 176

<sup>111</sup>Cf. DONZELOT, J. Op. cit. p. 12

*"Situado à beira mar, em uma das mais belas localidades de Florianópolis, dispõe de vasta área para jogos higiênicos (...) "112*

Vê-se o enaltecimento da beleza da Praia de Fora, o privilégio de estar situado à beira-mar, mas só se fala em "jogos higiênicos". Já no artigo de 1929 esticam-se as vantagens de estar à beira mar:

*"Situado à beira-mar, em uma das mais pitorescas e saudáveis localidades da cidade, compreendendo vasta área para jogos e banhos de mar, (...)"113*

Apesar de, segundo algumas entrevistas feitas, muitas famílias ainda não deixarem seus filhos tomarem banho, o Ginásio Catarinense, que se orgulhava de "ser equiparado ao Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro", já propagava que em seu estabelecimento os rapazes podem fazer uso dos banhos de mar, contribuindo assim para o "desenvolvimento físico dos mesmos".

No "desenvolvimento físico da mocidade", o remo foi o gênero esportivo que mais teve adeptos no início do século em Florianópolis. Muitos clubes de regata surgiram na Ilha neste período. O jornal *Gazeta Catarinense* noticiava a criação, em 1910, do "Clube Catarinense de Natação e Regatas", que herdara o espólio do extinto clube "Barriga Verde" e de outro clube de regatas cujo nome o jornal não especifica.<sup>114</sup> Vemos jovens criando um clube destinado à prática da natação e do remo.

Por muito tempo, os clubes foram destinados a saraus elegantes e a atividades que elevassem a alma e a cultura da mente, não do corpo. As sociedades desterrenses destinavam-se sobretudo à dança, e também à recitação de poesia. Em 1851 já existia a Sociedade União Catarinense; em 1853, fundou-se a Recreio

<sup>112</sup>Ginásio Catarinense. *A Época*. 01.02.1919

<sup>113</sup>Ginásio Catarinense. *Anuário Catarinense para 1929*. p. 83

<sup>114</sup>Natação e regatas. *Gazeta Catarinense*. . 08.01.1910

Catarinense, em 1858 a Recreio Campestre; em 1859, o Catarinense; em 1863, Harmonia Militar; depois vieram, Clube Familiar (1864), Euterpe 4 de Março (1871), Clube 12 de agosto (1872) e Terpsichore (1879).<sup>115</sup> Com a fundação dos clubes de remo, encontramos uma inovação da razão de ser das agremiações de "pessoas elegantes", que passaram, também, a se preocupar com a cultura do corpo.

Os clubes de remo foram surgindo e acabaram por se congregar na "Federação Catarinense de Remo", fundada em 1919. Dizia o jornal Terra Livre, ao noticiar a criação da federação, que "*durante muito tempo, em nosso país, uma notícia dessa natureza não teria significação alguma, e muito excepcionalmente se encontraria quem fosse capaz de compreender-lhe o grande alcance*". Prova de que a cultura do corpo estava a se instalar a pouco tempo. Continua o artigo, dizendo que a "*compreensão da cultura física já está assaz generalizada e já começa, mesmo, a organizar-se e sistematizar-se por forma a constituir uma necessidade indispensável no aparelhamento das coletividades algo compenetradas*". Daqui para a frente, a coletividade precisaria se preocupar, também, com aparelhos que proporcionassem a cultura física. O jornal diz que os ingleses e norte-americanos são superiores pelo fato de praticarem a educação física. Ela leva o homem a experimentar um quinhão da felicidade ao alimentar-se com simplicidade, respirar ar puro, praticar moderados exercícios ao intelecto, emoções e aos músculos, bem como ao tomar banho, para que "*a pele melhor possa expelir a matéria inutilizada*".<sup>116</sup>

Naturalmente, esta novidade do culto ao corpo não é novidade em Florianópolis, pois, por exemplo, já desde 1910 a capital catarinense contava com clubes de remo e natação. Vários autores já trabalharam esta questão em outras cidades. Nicolau Sevcenko, no Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e

---

<sup>115</sup>CABRAL, O. R. Op. cit. p. 22- 24

<sup>116</sup>A federação de remo. Terra Livre. 31.01.1919

cultura nos frementes anos 20, já citado neste trabalho, diz que em São Paulo, naquela década, tornou-se um despropósito ridículo ficar descansando em casa nos finais de semana. Era preciso ir para a rua, cultivar o corpo, recarregar as energias através de atividades corporais. O corpo, que antes era escondido pelas roupas, passa a ser exibido. As vestimentas passam a valorizar os contornos do corpo, que agora precisa ser atlético para ser admirado.<sup>117</sup>

O remo encontrou tantos adeptos que se tornou o esporte mais praticado em Florianópolis nesta época. Foram fundados os Clubes de Regatas: "Francisco Martinelli", "Riachuelo", "Florianópolis" e "Aldo Luz". Itajaí também contava com dois clubes náuticos, "Marcílio Dias" e "Almirante Barroso"; Laguna também tinha seus clubes de regata.

Os clubes de regata ainda existem em Florianópolis, mas já não provocam a paixão que provocavam outrora. Até alguns anos atrás, praticamente todo florianopolitano tinha o seu clube de regatas, aquele pelo qual torcia. A paixão era como a que se tem hoje por times de futebol. Poucas pessoas fugiam a uma discussão por causa de seu clube de regatas predileto. Inclusive, os primeiros times de futebol que surgiram em Florianópolis, Itajaí ou no Rio de Janeiro, foram formados pelos remadores dos clubes náuticos.

As regatas realizadas nas baías da Ilha de Santa Catarina atraíam considerável número de espectadores. As confraternizações dos clubes de remo se davam nos salões dos clubes da época, bem como nas praias, onde se organizavam convescotes e banhos de mar à fantasia, sempre num grupo restrito, privado. Quer dizer, a competição era no mar, mas a sociabilidade se dava também nos salões. E lá, como cá, a sociabilidade não era para todos, e sim para quem pertencia aos clubes.

Os clubes de remo têm uma história de um século na Ilha de Santa Catarina. Excelente trabalho daria a pesquisa sobre eles, sobre a influência que

---

<sup>117</sup>Cf. SEVCENKO, N. Op. cit. p. 33

tiveram no surgimento dos esportes na Capital catarinense. Creio não ser possível, neste espaço, traçar a história destas importantes instituições. Fica para outro trabalho ou para outro pesquisador esta tarefa.<sup>118</sup>

Num artigo de 1918 do jornal Terra Livre, que será mais explorado no último capítulo, se falava da importância de melhorar as vias de comunicação com o interior da ilha, a fim de que ali fossem instaladas estações balneares. Sonhava, então, o poder público,<sup>119</sup> em construir uma linha de bonde elétrico que levasse até as praias de Canasvieiras e Ingleses. Já se estava de olho na possibilidade de atrair banhistas de fora:

*"...não faltará a afluência de argentinos, uruguaios e rio-grandenses, pois como é sabido, de Santos para o sul não existe, além de Guarujá, nenhum outro ponto para reunião do mundo elegante, apreciador de banhos de mar."*<sup>120</sup>

Vejam que já na década de 1910, o poder público planejava dar condições estruturais para que se implantassem na Ilha de Santa Catarina estações balneares, onde as famílias pudessem usufruir de um lugar elegante. Só que o sonho ficou apenas no papel e o turismo se instalou mais tarde sem que o poder público fizesse alguma coisa.

O jornal Terra Livre, em edição de 1919, na seção "Notas Sociais", dá notícia de que *"estão veraneando no Estreito e em São José, as exmas. famílias dos Srs. General Felipe Schmidt, Dr. Ferreira Lima, desembargador Ayres da Gama e Tenente-coronel Octávio Valgas Neves."*<sup>121</sup> Veranear, por certo, não indica necessariamente que se tome banho de mar, mas é, pelo menos, a busca por

---

<sup>118</sup>Sobre a história do Iate Clube de Santa Catarina - Veleiros da Ilha, ver HÜBENER, Laura Machado et alli. Iate Clube de Santa Catarina - Veleiros da Ilha - 1942 - 1992: cinquenta anos de história. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1993

<sup>119</sup>Na época o governador era Hercílio Pedro da Luz e o prefeito da Capital, João de Oliveira Carvalho

<sup>120</sup>O Futuro da Cidade. Terra Livre. 14.12.1918

<sup>121</sup>Terra Livre. 27.01.1919

passar o verão à beira-mar, coisa que não se fazia anteriormente. Nota-se que é a elite política quem está dando publicidade ao veraneio.

Os piqueniques, também chamados convescotes, são exemplos típicos desta busca da beira-mar. A imprensa, ao noticiar, em 1919, um convescote de "moços empregados no nosso comércio, acompanhados de muitas moças", aproveita para conclamar as famílias a deixarem a cidade, à procura de alguma praia:

*"Se esse exemplo for imitado, pelas famílias, deixando o calor escaldante da cidade, aos domingos, para saírem em demanda das lindas praias da encantadora e pitoresca Canasvieiras, hão de ter a grande alegria de conhecerem um magnífico trecho desta ilha..."<sup>122</sup>*

Só agora o calor começou a escaldar? Ele começa a sufocar as pessoas, que anseiam por estar à beira-mar. Anteriormente o ideal era a busca da montanha, embora não se possa afirmar este procedimento em Florianópolis, mas em cidades como o Rio de Janeiro é facilmente identificável: o imperador e muitos abastados saíam do litoral para passar o verão na serra. A contemplação dos recantos ilhéus e a beleza esplêndida da natureza deixam o habitante da cidade extasiado e o convidam a convescotes dominicais. Era uma nova sensibilidade que nascia, o cidadão em demanda de recantos da natureza.

Raymond Williams no seu O Campo e a Cidade: na História e na Literatura, diz que o "campo passou a ser associado a uma forma natural de vida"<sup>123</sup>. Embora o contraste entre campo e cidade remonte à Antiguidade Clássica, na Idade Moderna se verá o homem vivendo na cidade, mas escapando sempre que pode para se refugiar no campo. Quem vai em demanda do campo procura a contemplação da

---

<sup>122</sup>Pic-nic. O Estado. 27.01.1919

<sup>123</sup>WILLIAMS, Raymond. O Campo e a Cidade: na História e na Literatura. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p. 11

natureza. Como o cientista, ele busca observar, e não a forma de viver do camponês. Ele tem, em relação ao campo, um "sonho suburbano, não um sonho rural."<sup>124</sup>

Pela década de 1910 em diante, os convescotes passam a acontecer muitas vezes. Fazia-se convescote até em homenagem a pessoas ilustres. O General Carlos Augusto Campos, catarinense, que em 1915 era inspetor da 6a. Região militar (S.P.), passou quinze dias em dezembro daquele ano em Santa Catarina. Dentre as homenagens que lhe foram prestadas, houve recepção no Palácio do Governo, jantares, mas houve também um convescote no distrito da Lagoa da Conceição.<sup>125</sup>

Na imprensa da Capital barriga-verde, volta e meia, se encontra um artigo falando de algumas das praias da ilha, louvando-lhes a beleza, e lamentando o fato de muitas pessoas não as conhecerem. Crispim Mira, jornalista brilhante das décadas de 1910 e 20, assassinado em 1927, escrevia no Anuário Barriga Verde para 1920, ser *"quase um crime residir em Florianópolis e não visitar, ao menos uma vez por ano, a admirável Praia dos Ingleses"*. Diz Crispim Mira que no Brasil não existe nenhuma praia "que se lhe avanteje em beleza". Era a Praia dos Ingleses por essa época, segundo o jornalista, uma colônia de pescadores numa infinidade de dunas e arvoredos. Crispim Mira foi porta-voz da nova sensibilidade que se implantava em relação à natureza e o seu uso como balneário, ao dizer, em 1920, sobre os Ingleses:

*"Admirável estação balnear há de ser a que um dia for aí construída. Linda praia, boa gente, tudo barato e alegre."*<sup>126</sup>

Crispim Mira pressentiu o que viria a ser a Praia dos Ingleses muitos anos depois. Só que torcia pela construção de uma estação balnear, e o que se deu nos Ingleses foi uma ocupação gradativa e desordenada que levou a, em muitos trechos da estrada geral, não se conseguir ver o mar, descaracterizando muito a sua orla. Os

<sup>124</sup>Ibidem. p. 70

<sup>125</sup> Belo Convescote. Folha do Comércio. 13.12.1915

<sup>126</sup>Mira, Crispim. Praia dos Ingleses. Anuário Barriga Verde para 1920. p. 15

Inglese dos anos de 1990 são muito diferentes dos Inglese de 1920, a praia continua linda, a gente boa, mas o "tudo barato"...!

A praia e o mar têm sido tema literário na Capital desde os primórdios da imprensa catarinense. Sempre era lembrada a beleza das praias, o tamanho incomensurável do mar, a sua impetuosidade, etc. Mas num artigo de 1923, do Jornal O Elegante, intitulado "Praia sem vida", o autor, de pseudônimo Acrísio do Paço, lamentava a ausência dos banhistas e a tristeza da praia no outono: "*No alto de um cômodo da praia agora sem banhistas e sem o alegre riso das moças... Faltava alguma coisa - a companhia dos que as procuram nos cálidos dias de verão.*"<sup>127</sup> Cá, temos em 1923 um solitário contemplador do pôr do sol - com certeza em alguma praia da costa ocidental da Ilha, que é de onde se assiste aos ocasos raros do astro-rei - a lamentar a ausência de banhistas. A praia já estava sendo associada a banhistas, ao movimento, à temporada de verão. A praia estava "sem vida", e vida significava banhistas. Que diferença com a literatura anterior que via o mar como lugar de tragédia!

Banho de mar não significou sempre, está claro, unanimidade, ou pelo menos, não era coisa comum. Um artigo de 1923 do jornal O Estado intitulado "As praças da marinha vão tomar banhos de mar", demonstra bem esta vagarosa afirmação do hábito do banho de mar. A ordem partiu do Ministro, que

*"... atendendo a grande elevação da temperatura no Rio de Janeiro recomendava providências a fim de que, durante a estação calmosa, as praças dos navios, corpos e estabelecimentos da armada façam uso de banhos de mar."*<sup>128</sup>

Poderá parecer a nós, viventes do final do século XX, quase impossível que os marinheiros, profissionais do mar, não fizessem uso dos banhos de mar. Mas a

<sup>127</sup>Praia sem vida. O Elegante. 27.05.1923

<sup>128</sup>Praças da Marinha vão tomar banho de mar. O Estado. 17.02.1923

julgar pelo artigo do jornal, era isto que acontecia. Precisou uma circular do Ministro da Marinha para autorizá-los a banharem-se no mar, o que não quer dizer que não o fizessem sem autorização.

Em fevereiro de 1923, o jornal O Estado noticiava que

*"Com o calor excessivo dos últimos dias a Praia do Garcia tem estado repleta de banhistas e espectadores, inclusive muitas famílias de nossa elite, ainda ontem ali se contavam às 19 horas, mais de quinhentas pessoas."*<sup>129</sup>

Temos aqui muitas informações preciosas. O articulista afirma que a praia tem estado repleta de banhistas e espectadores. Pelo jeito, muita gente saía de casa para assistir aos banhos de mar. Decerto não gostavam de água, tinham vergonha de se expor ou não sentiam calor... Isso demonstra que apesar do empenho dos jornais, a mudança nos códigos era lenta e a pudicícia resistia. O autor faz questão de assinalar a presença, inclusive, de muitas famílias de nossa "elite", quer dizer, o banho não era coisa de pobre, era uma atividade de pessoas distintas. Termina o artigo afirmando que às 19 horas ainda se contava quinhentas pessoas, claro está que, nesta ilha, quem conta um conto aumenta um ponto, mas mesmo assim parece que a praia do Garcia, depois chamada do Müller, estava realmente movimentada naquele fim de tarde.

Tomar banho de madrugada era costume entre as senhoritas de Florianópolis. Iam à praia protegidas pelo manto da noite. Nesta hora não haveria rapazes para verem-nas em trajes sumários, e poderiam divertir-se e dar-se ao "salutar exercício da natação". O jornal República noticiou em 1921 o salvamento da senhorita Paulina Portella, que se banhava com suas colegas na Praia do Garcia, nas imediações do galpão do "Clube Náutico Francisco Martinelli".<sup>130</sup> Lá se foi o sossego das meninas, todo mundo ficou sabendo que elas tomavam banho de

<sup>129</sup>Banhos de mar. Idem. 27.02.1923

<sup>130</sup>Salva das águas do mar. República. 02.03.1921

madrugada. O jornal, desta forma, estava dando publicidade a banhos que antes eram privados.

Também no Rio de Janeiro o costume do banho de mar de madrugada era corrente. Em 1851, o missionário David P. Kidder relatava que *"As senhoras acordam às quatro horas da manhã, viajam durante uma duas ou milhas no bonde até a praia, banham-se na água salgada, e depois voltam para casa, para dormir de novo"*. Era antes do sol nascer que homens e mulheres banhavam-se na Praia do Flamengo. Às sete horas já toda a multidão tinha ido embora, poucos permaneciam para desafiar o "coup de soleil".<sup>131</sup>

Vimos neste capítulo que a praia em Florianópolis começou a ser utilizada para banho e a ser percebida como lugar de sociabilidade da elite a partir da Praia de Fora. Foi quando os comerciantes abastados começaram a querer afastar-se do centro e de seus males, a separar seus locais de residência de seus lugares de trabalho, que descobriram a Praia de Fora.

A República que procurou no seu alvorecer disciplinar as águas de Desterro, começou no século XX a querer disciplinar o mar e a praia, a fim de torná-los lugares de sociabilidade da elite.

A cultura do corpo foi se estabelecendo devagar, fazendo com as agremiações sociais, que antes se destinavam à cultura da mente e da alma, passassem a também se dedicar ao corpo.

A área destinada aos banhos de mar foi se expandindo ao Norte e ao Sul da cidade, levando a cidade a penetrar no interior da Ilha.

Percebe-se que antes da inauguração da Ponte Hercílio Luz (1926) a imprensa não fala de banhos de mar nas praias do continente. A "coqueluche" da época era a "Praia de Fora, ou do Müller". Somente depois de concluída a Ponte

---

<sup>131</sup>LEITE, Miriam Moreira (org.). *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: Coletânea de relatos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Hucitec. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

Hercílio Luz é que os jornais começam a noticiar a ida de banhistas às praias do continente, fazendo delas as praias chiques das décadas seguintes em Florianópolis.

**CAPÍTULO TERCEIRO**

**A PRAIA SE TORNA, DE FATO, LUGAR ELEGANTE:  
ESPAÇO DE SOCIABILIDADE RESTRITA**

**"As praias onde vive e dorme e sonha o mar!  
Praias de minha terra, elas são uns regaços  
Aos quais a gente atira, ansiosamente, os braços,  
Com desejos febris de neles descansar"**

**Araújo Figueiredo**

Será, de fato, na década de 1930 que o banho de mar irá se firmar na Ilha de Santa Catarina, dando ênfase a novos problemas, que seriam expressos na imprensa local. A moralidade na praia, por exemplo, consome algum tempo dos jornais, que insistem na necessidade de os banhos de mar serem tomados com pudicícia. A elite que venceu com a Revolução de 1930 irá fazer do banho de mar um lugar por excelência de sociabilidade.

Nesta implantação do banho de mar a imprensa será o principal veículo de divulgação. Cheguei a esta constatação ao examinar a quantidade de artigos de jornais que falam das propriedades do banho de mar, pedem infra-estrutura para o recreio aquático, falam do bem que fazem à saúde, comemoram a abertura de balneários e outros aparelhos de apoio ao banho de mar. Chamam a atenção também as constantes promoções que os próprios jornais fazem para promover banhos de mar à fantasia e regatas.

Com a vitória do Estado de Direito Burguês *"os jornais passaram de meras instituições publicadoras de notícias para, além disso, serem porta-vozes e condutores da opinião pública..."*<sup>132</sup> É o que podemos constatar em relação aos jornais da capital catarinense neste período. Eles estão tentando incutir nova

---

<sup>132</sup>HABERMAS, J. Op. cit. p. 214

mentalidade, novos hábitos na sociedade florianopolitana, sobretudo costumes importados do Rio de Janeiro e da Europa. Concomitantemente, existia uma campanha para acabar com os costumes locais, considerados atrasados e bárbaros pelos "elegantes". Os jornais constantemente bradavam contra o Boi-de-mamão, jogo de calha, entrudo e toda sorte de hábitos que não tivessem o verniz de elegância. Não obstante, todas estas manifestações, que aos poucos se extinguíram na cidade, permaneceram vivas no interior da Ilha, onde os jornais não chegavam e exerciam pouquíssima influência.

Com o banho de mar aconteceu movimento semelhante. Na cidade onde houve uma valorização e um enaltecimento das propriedades dos banhos, ele cresceu e se tornou um hábito bastante comum. No interior da Ilha, onde os jornais só apareciam embrulhando alguma compra feita na cidade, o habitante continuou a ver o mar apenas para as funções costumeiras. O banho não se popularizou entre aqueles que não sofriam a influência dos jornais.

Até 1926, a ligação de Florianópolis com o continente se dava apenas por via marítima. Com a inauguração da Ponte Hercílio Luz a 13 de maio daquele ano, a Capital começou a contar com uma travessia mais rápida e mais segura. Até esta data, o continente fronteiro à capital era constituído por vilas de pescadores. Com a ponte, Estreito e Coqueiros sofreram um crescimento considerável. Antes da ponte Hercílio Luz não encontrei uma referência sequer, nos jornais da capital, de banhos de mar em Coqueiros ou no Estreito. Foi a partir da ponte que os jornais noticiam que os habitantes da cidade começaram a ir em busca de banho de mar também no continente. O que culminou com a transferência de jurisdição, em 1944, destas praias do município de São José para Florianópolis. Coqueiros e Ponta do Leal tornaram-se os balneários preferidos da elite florianopolitana até a década de 1960.

Acompanhando a discussão sobre a necessidade de as pessoas civilizarem-se e tomarem hábitos mais apurados, veio a campanha pelo asseio, pelo uso do banho diário.

A discussão sobre o uso dos banhos em geral também aparece na imprensa. O jornal O Estado, num artigo de 1929, dizia que a

*"raridade dos surtos epidêmicos, das pestes, na idade antiga se devia, provavelmente, ao uso de banhos públicos, das abluções freqüentes, dos cuidados corporais assíduos.*

*O asseio corporal é um dos meios mais econômicos e fáceis para evitar o contágio das doenças transmissíveis.*

*O banho constitui para o asseio do corpo o meio principal."*<sup>133</sup>

O jornal estava tentando incutir a *"necessidade imprescindível do banho cotidiano"*. O discurso higienista da época tentava criar o hábito do banho diário, que era, de acordo com os articulistas, a melhor forma de combater as epidemias, as pestes e os miasmas.

As pessoas começaram a tomar banho de mar, e isto implicou trajar "vestes sumárias". Ora, este despir-se, naturalmente, não se deu de forma pacata. Muitas reclamações surgiram acerca dos abusos dos imorais e do decoro à praia. A sociedade se estarrecia com os que não se vestiam decentemente. Desta forma, pouco a pouco o banho começava a se expandir e a adquirir cada vez mais adeptos.

Nos jornais, vez por outra, pipocavam reclamações acerca do decoro e da moral à praia. Sempre se insistia no "estar decentemente vestido". Em artigo do jornal O Estado, bem como do jornal República, de 1927, encontramos o edital do Sr. Manoel da Nóbrega, Delegado Auxiliar da Capital:

---

<sup>133</sup>O Uso dos banhos. O Estado. 15.02.1929.

*"...Proibindo que os banhistas, nas praias do perímetro urbano, se apresente sem estar decentemente vestidos, com calção e camiseta de meia.*

*Fez também recomendações aos comissários no sentido de não permitir que as pessoas sem o devido decoro, se dispam nas praias em flagrante desrespeito a famílias que ali vão se divertir."*<sup>134</sup>

Estar decentemente vestido é estar trajando calção que, pelas fotografias dos remadores do Martinelli tomando banho de mar, iam até meia coxa, e camisa de meia. Para quem está acostumado a banhos de mar sem camisas, causa estranheza ter de tomar banho paramentado desta forma. Outra coisa que aparece de vez em quando na imprensa é o decoro ao se despirm na praia. Muitas vezes se publica os escândalos provocados pelos imorais que se despem nas praias *"sem olhar quem se encontra perto."*

A história nos mostra sucessivas mudanças nas convenções em torno da nudez. Márcia Souza Rego, em sua dissertação de mestrado em Antropologia Social O nu e o vestido: uma etnografia da nudez na Praia do Pinho, cita Bologne, que escreveu uma história do pudor na sociedade européia:

*"Vestir um traje de banho teria parecido uma idéia ... extravagante na Idade Média (Bologne, 1990:35). Um relato feito em 1415, dos banhos suíços de Bade, descreve mulheres de todas as idades , completamente nuas, banhando-se nas piscinas públicas, à vista dos homens que não se voltam ... e não pensam no mal (Bologne, 1990:43). Bologne afirma que a liberdade da nudez pública e coletiva se perde na Europa a partir do século XVI, mas até o século XVIII, as damas vão*

<sup>134</sup>Banhos de Mar. Idem. 15.01.1927

*poder, sem ofender seus convidados, recebê-los durante o banho (Bologne, 1990:43).<sup>135</sup>*

Foi somente no século XIX, considerado por Bologne "desgraçadamente pudibundo", que se instituíram salas de banho privados e longos trajes de banho. Que dizer de Florianópolis? O que se sabe por aqui é que o europeu, ao chegar, já trouxe essa moral do "escondimento", ou seja, jamais mostrar o corpo, apresentando-se sempre rigorosamente vestido. Só o banho de mar veio trazer uma certa liberalização na forma de vestir. Esta tensão entre a moral antiga e os novos costumes de se vestir fez-se refletir muitas vezes na imprensa da capital, que volta e meia condenava os "abusos dos exibicionistas". Convém destacar que, mesmo reduzida, a roupa não deixou de expressar a classe, o grupo social a que pertencia o banhista. O traje de banho continuava a ser uma forma de distinção social. Continuava a existir hierarquia também na praia. Os trajes e os apetrechos denunciavam a classe social do banhista. Quer dizer, os trajes diminuem de proporção, mas continuam a ser diferenciados por classes.

Do Rio de Janeiro vêm as notícias mais freqüentes da cruzada movida contra os imorais. Num artigo de 1930, o jornal O Estado dá notícia de que no Rio de Janeiro "*são muitas as queixas contra a falta de moralidade de algumas pessoas que tomam banho na praia das Virtudes e no Calabouço, onde se apresentam quase nus.*"<sup>136</sup> Na manhã anterior à publicação deste artigo, haviam sido presos 15 rapazes, ou seja, a polícia pretendia moralizar os costumes.

Vejam que a polícia estava a prender rapazes que se banhavam quase nus. Resta saber o que se entendia por este quase nu. Tiveram de pagar multa à Prefeitura por não terem primado pela moralidade à praia. Mas, também, ir tomar banho numa praia chamada "das Virtudes", queriam o quê?

<sup>135</sup>REGO, Marcia Souza. O nu e o vestido: Uma etnografia da nudez na Praia do Pinho. Florianópolis: UFSC. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina, 1992. p. 1 e 2

<sup>136</sup>Moralizando os banhos de mar. O Estado. 11.01.1930

E a campanha da moralidade à praia, no Rio de Janeiro, continuava. Em 1931, o jornal O Estado mais uma vez fala do assunto. Diz ter se iniciado, por parte da polícia, as aplicações do chefe de Polícia da Capital em favor do pudor nas praias de banho. Os que não se vestiam conforme as últimas disposições do Chefe de Polícia, eram obrigados a abandonar a praia. Diz ainda que se efetuaram muitas prisões<sup>137</sup>. Outro artigo, este de 1933, dá conta da campanha rigorosa que a polícia marítima estaria fazendo contra os "nudistas" em Santos.<sup>138</sup>

Parece que as determinações do Chefe de Polícia não fizeram efeito, porque em 1937, o jornal O Estado volta a falar de "escândalo nas praias" do Rio de Janeiro. A polícia estava exigindo decoro nas praias de banho, principalmente nas que ficavam nas proximidades dos bairros populosos e residenciais. O fato foi chamado pela imprensa de "Campanha contra os sem camisas", mas o jornal O Globo ponderava que não se cogitava propriamente de falta de camisas, apenas. Os banhistas

*"Semi-nus atravessavam as ruas... com uma pequena tanga, à altura das ancas. Nada mais... As praias de banhos são de utilidade pública. Não devem servir de motivos para escândalos, que perturbem o decoro urbano."*<sup>139</sup>

O jornal ainda pondera que "se o espetáculo de nudismo durasse só pela manhã ainda se poderiam justificar os protestos contra as determinações da polícia. Mas que os desfiles de banhistas quase nus, começavam de manhã, para terminarem à noite". Pode-se depreender daí que os banhos costumavam acontecer, normalmente, apenas pela manhã.

---

<sup>137</sup>Pelo pudor nas praias. Idem. 15.01.1931

<sup>138</sup>Contra o nudismo. A Pátria. 07.01.1933

<sup>139</sup>O Escândalo nas praias. O Estado. 02.01.1937

Numa sociedade acostumada a apresentar-se vestida, e onde a hierarquia social era demonstrada também através das roupas,<sup>140</sup> esta exposição do corpo soava como verdadeira afronta, um escândalo. O Estado chamava-a de "espetáculo de nudismo". As praias de banho deveriam ser usadas, mas sem atrapalhar a vida urbana. A praia invadia a cidade, banhistas vestidos apenas com "tangas à altura das ancas" misturavam-se a sisudos senhores de terno e gravata. A praia e o banhista causavam escândalo, a cidade dava-se conta da praia.

Estas notícias apontam para a própria ambigüidade do investimento na praia. Tornava-se civilizado banhar-se no mar, mas dentro de certas regras. Em artigo de 1930, citado no capítulo 4 deste trabalho, o articulista narra que uma das demonstrações de que o Rio de Janeiro estava se civilizando era o fato das praias estarem sendo povoadas por moças de pele rosada.<sup>141</sup> Percebe-se aqui um embate na própria imprensa. Se por um lado divulga a praia, por outro pede a disciplina de seu uso. É possível que se tratasse de grupos opostos, os que queriam a divulgação, e os que se preocupavam com a moral.

Em 1940, O Estado publicava um artigo que reclamava da atividade de alguns banhistas na Praia do Müller, nesta Capital. Dizia o articulista que os banhistas que, acompanhados de esposas, filhas ou irmãs, procuravam a Praia do Müller, para buscar na água do mar um "refrigério contra o excessivo calor" reclamavam da atitude de alguns banhistas que não se apresentavam convenientemente tanto pela "quantidade" quanto pela "qualidade" de suas roupas de banho. *"Para vesti-las ou despi-las não olham quem se acha perto provocando, assim, escândalo por exibicionismo imoral."*<sup>142</sup>

---

<sup>140</sup>SOUZA, Gilda de Mello e. O espírito das roupas: A moda no século XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 25

<sup>141</sup>Cf. A vida que o carioca vive hoje. O Estado. 14.02.1930. p. 3

<sup>142</sup>Na Praia do Müller. Idem. 19.01.1940

Um duplo escândalo: primeiro por apresentarem-se com roupa de pouca "qualidade e quantidade", por certo, também, "tangas à altura das ancas". O segundo escândalo era o fato de vestirem-se e despirem-se em plena praia sem se preocuparem com os circundantes. Existiam para troca de roupa, na Praia do Müller, compartimentos, na casa do Sr. Aarão Bonifácio e na residência da família Müller, pelo menos.

Em 1932, o Sr. Aarão Bonifácio, residente à Rua Almirante Lamego (Praia de Fora), visitou a redação do jornal O Estado e disse ter

*"organizado à disposição de quem queira nos dias quentes do presente verão, tomar banho de mar na bela Praia do Müller, uma seção de quartinhos, apropriados para a mudança de roupa."*<sup>143</sup>

A infra-estrutura para o banho de mar acontecer de forma organizada, "civilizada" e moralmente correta começava a ser montada, além de ser, naturalmente, uma forma de comércio.

Norbert Elias no seu O processo civilizador: uma história dos costumes, diz que a vista da nudez total era regra diária até o século XVI na Alemanha, onde todos se despiam inteiramente à noite antes de dormir e nos banhos a vapor. Era comum ver "o pai, nada mais usando que calções, acompanhado da esposa e dos filhos nus, correr pelas ruas, de sua casa para os banhos". As mocinhas de até dezoito anos desta forma iam às casas de banho. Esta despreocupação, segundo Norbert Elias, desapareceu lentamente no século XVI e rapidamente nos séculos XVII, XVIII e XIX, primeiro nas classes altas e depois nas classes baixas.<sup>144</sup>

Vejam que a exposição do corpo não é novidade do século XX. Antes do século XVI, as pessoas se expunham com "naturalidade". Portanto, a tradição

<sup>143</sup>Improvizando uma praia de banhos. Idem. 17.02.1932

<sup>144</sup>ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 1990. p. 165-166

invocada para justificar a moralidade é de certa forma recente. A exposição do corpo é mais antiga do que o pudor.

Veza por outra, continuam a aparecer artigos falando da moral. Falam de molecotes em "trajes edênicos". O Estado chega a publicar, em 1953, que em Buenos Aires ocorria anualmente uma cruzada anual contra os "trajes biquíni e vestimentas de escassas proporções" organizada pela comissão de defesa da moral pública, tendo o Monsenhor Tomás Solari, Arcebispo de Eva Peron, à testa do movimento.<sup>145</sup>

A busca da moral nos banhos de mar levou à utilização, em muitos lugares do globo, de compartimentos para troca de roupa, bem como de chalés que protegiam os banhistas dos olhares alheios.

No livro de Alain Corbin, O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental<sup>146</sup>, já citado neste texto, vê-se, entre outras gravuras, algumas que mostram chalés sobre rodas que servem aos banhistas. Na gravura "litografia anônima", de 1822, vê-se a praia cheia destes chalés dentro d'água e ninguém na água ou na areia. Em outras gravuras "Dieppe, banho das mulheres" e "Dieppe, banho dos homens", representados na obra de Louis Garneray, "Voyage pittoresque et maritime sur les côtes de la France", (Paris, 1828), aparece a praia tomada por tendas fechadas e pessoas banhando-se no mar. Corbin diz que este costume de usar carruagens e trajes de banho fizeram perdurar o imperativo da distância social e do respeito à "privacy".<sup>147</sup>

Alain Corbin nos fala sobre os primórdios dos trajes de banho, que eram determinados pelo pudor e pelo medo da violação ocular. As mulheres, na época da Restauração, mergulhavam no mar enfiadas em um espesso vestido de lã para preservar o calor. Em Royan, em 1820 mulheres e homens vestiam um traje de burel marrom sobre uma calça comprida. A história da roupa de banho foi mudando com

<sup>145</sup>Contra os trajes de escassas proporções. O Estado. 29.01.1953

<sup>146</sup>CORBIN, A. O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental. Op. cit. Anexo após p. 228

<sup>147</sup>CORBIN, A. Op. cit. p. 92

as normas do pudor que, segundo Norbert Elias, acompanha o processo de civilização.

Os trajes de banho foram evoluindo até que chegaram a ser constituídos de uma peça só. Em 1840 apareceu o chamado "colete calção de banho", que era feito de tricô de lã, geralmente marrom:

*"Como observa Le Coeur em 1846, 'são verdadeiros maiôs de uma só peça. São muito leves, cômodos para os nadadores[...]. Infelizmente, acentuam demais as formas, e o bom doutor duvida de que possam algum dia ser adotados, como roupa de banho pelas mulheres.'<sup>148</sup>*

As praias européias, no século XIX, eram divididas em cinco zonas. A do meio, com cerca de 500 passos, permanecia vazia, para separar o setor masculino do setor feminino. Esta clássica distribuição dava-se em Swinemünde, Boulogne, Granville e Dieppe. Dentro dos setores masculino e feminino havia uma divisão social. Numa primeira zona permaneciam os das classes inferiores, que não possuíam cabine nem carros de banho. O segundo setor destinava-se aos ricos, que dispunham de vinte ou trinta cabinas equipadas com carros de banho, bem como de um caminho de tábuas para evitar que seus delicados pés sofressem eventuais cortes.<sup>149</sup>

Em Florianópolis não temos notícias de que tenha existido, de forma explícita, esta divisão por sexo e por classe social nas praias. As divisões sociais na praia, na Ilha de Santa Catarina, dão-se de forma mais sutil, através da inexistência de linhas de ônibus para determinadas praias, o uso de apetrechos de praia que denunciam a classe social e outras formas veladas de distinção. Mas também continuam a existir divisões descaradamente fascistas, como em certas praias do Rio

---

<sup>148</sup>CORBIN, A. Op. cit. p. 93

<sup>149</sup>CORBIN, A. Op. cit. p. 296

de Janeiro onde não é permitida a entrada de ônibus dos preconceituosamente alcunhados "farofeiros".

Em Guarujá, litoral Norte de São Paulo, também foram utilizados chalés para os banhos de mar. No volume História da República, de Hélio Silva,<sup>150</sup> aparece uma gravura de 1897, mostrando chalés de madeira dentro d'água, utilizados por banhistas na praia citada. Os chalés haviam sido importados dos Estados Unidos por Elias Chaves e eram utilizados pelas famílias da alta sociedade paulista.

*"Os elegantes chalés, além de oferecerem o conforto de uma vivenda, ainda podem conduzir os banhistas, sobre rodas, até a beira da água.*

*"Assim, a cor enegrecida, preço inevitável pelas alegrias do verão, poderá ser evitada. Como se sabe, o bronzeado conferido pelos raios solares, além de antiestético e vulgar, envelhece prematuramente os que se expõem demasiadamente e ainda causa sérios danos às epidermes delicadas."<sup>151</sup>*

Este discurso dos males causados pela exposição excessiva ao sol durante os banhos de mar volta e meia estava presente nos jornais da Capital catarinense. O jornal O Estado dava notícia, em 1930, de que os higienistas cariocas andavam alarmados com a

*"mania de banhos de sol, de que se acha possuído grande número de pessoas da alta sociedade carioca.*

*Desejando ficar com a epiderme de Josephine Backer, como é moda atualmente, passando o dia nas praias*

<sup>150</sup>SILVA, Hélio. História da República (1889-1903). São Paulo: Nova Cultural, 1990. p. 38

<sup>151</sup>Idem. p. 38

*da linda cidade, expostas a um sol abrasador, e verdadeiramente causticante.*<sup>152</sup>

Continua o artigo falando sobre os terríveis malefícios apontados pelos especialistas, e das modificações que o organismo pode vir a sofrer.

Podemos inferir, desta forma, que algumas pessoas já utilizavam as praias para efeitos de bronzeamento, apesar de ainda ser senso comum que a pele enegrecida representasse as classes de trabalhadores braçais, segmento pobre e marginalizado da sociedade. Se no final do século passado as pessoas procuravam se esconder do sol na praia, agora começavam a procurá-lo, apesar da campanha contra. Esta busca de bronzeamento modificou a forma de estar na praia. Na praia europeia do século XIX, andava-se na praia, mas jamais se pensaria em deitar na areia, mesmo porque não era o sol que se ansiava, e sim a água do mar. Se estar à praia em vestes sumárias já era expor em público o corpo que antes só era mostrado ao cônjuge, imaginem deitar-se à praia.

Muitos são os artigos que falam da cautela que se deve tomar nos banhos de mar, devido à exposição demasiada ao sol. Sobretudo, recomenda-se cuidado para com as crianças.

Os jornais, volta e meia, falam da canícula em Florianópolis e em outras cidades. O calor sempre existiu, é óbvio, mas agora as "pessoas elegantes" encontram na praia um refúgio. Em edição de 1932, O Estado diz que o calor em Itajaí tinha sido insuportável naqueles dias, e que as "*praias, no verão, são refúgio das pessoas elegantes, que as procuram para gozarem as delicias que elas proporcionam. O município de Itajaí tem aprazíveis recantos marítimos, onde a população encontra sempre um lenitivo no estio abrasador*". Cabeçudas, "*linda praia onde sempre há uma viração e que possui ótimo hotel, era a preferida pelos veranistas, que nesta época faziam ali uma estação.*"

---

<sup>152</sup>O perigo dos banhos de sol demorados. O Estado. 14.01.1930.

O que se observa, através das notícias do jornal O Estado é que, ao aconselhar os banhos de mar, as justificativas são muitas. Das que se pôde levantar, percebeu-se que o mar era tematizado como lugar para se refrescar do excessivo calor e para "retemperar-se das fadigas diárias".

"Abrasadora", esta era a designação dada à temperatura em Florianópolis, no verão de 1936. Segundo O Estado, a cidade "suava em bicas". Fato interessante relata o jornal ter acontecido numa dessas tardes quentes de verão:

*"Naquele dia, por volta das 15 horas, centenas de pessoas - homens e rapazes - castigados pelo calor asfixiante, deliberaram gozar as delícias do banho de mar e lançaram-se às águas, entre o Bar Miramar e o Trapiche da Capitania, num espetáculo até então desconhecido para a cidade. A maré estava alta e tentadora."<sup>153</sup>*

Com certeza o banho de mar não era assim tão desconhecido da cidade nesta época, posto que o mar batia a seus pés, e em seus arrabaldes o banho de mar já era uma prática bastante praticada. O que era inédito era um número tão grande de pessoas banharem-se ali àquela hora e naquele lugar, local onde outrora se despejava os dejetos da cidade e onde ainda atracavam barcos em algum de seus inúmeros trapiches. Era esta a região dos galpões dos Clubes de remo,<sup>154</sup> e há quem diga que a água ali era muito clara. Já a praia do Cais Liberdade, ao norte do mercado público<sup>155</sup>, era chamada de "Praia do Vai-quem-quer": aparentemente, era preciso querer muito para se sujeitar a um lugar tão malcheiroso.

Ao pé da Praça XV de Novembro, no centro da cidade, existia, até 1974, o Trapiche Municipal, atracadouro que sofreu muitas intervenções, no sentido de adaptá-lo devidamente às suas funções. Em 1925, o governo abriu concorrência

<sup>153</sup>O calor. Idem. 28.01.1936

<sup>154</sup>Esta região hoje foi aterrada, no lugar assenta-se hoje o Terminal Urbano Cidade de Florianópolis.

<sup>155</sup>Praia que ficava onde hoje está o Terminal Intermunicipal de Passageiros, à rua Francisco Tolentino.

pública para construção de um novo cais, com prolongamento à Praça XV de Novembro. Foi construído o trapiche com pavilhão anexo, no qual foi erguido um "café elegante, sala para refeições, compartimento para banhos, tudo com luxo e elegância"<sup>156</sup>. Foi inaugurado, em 28 de setembro de 1928, o Bar Miramar, que seria por muitas décadas o bar predileto da elite florianopolitana. Era a primeira base terrestre para quem chegava nos navios e hidro-aviões a Florianópolis.

No Miramar presenciava-se, como diz Alain Corbin em relação à Europa, "o pitoresco do porto acentuado pela mistura das personagens e recapitulação das diferenças sociais. O negociante e seu empregado vinham ali para cuidar dos negócios, o visitante de escol comparecia para dar-se ao prazer da conversa e do galanteio". Crianças desciam do morro diariamente para dar-se ao trabalho de divertir os fregueses do Bar Miramar que atiravam moedas no mar e se compraziam em vê-las mergulhar para juntar. Há quem diga que o fundo era tão claro que era possível enxergar as moedas no fundo. "O porto pertence ao espaço público onde se manifesta a teatralidade das posições."<sup>157</sup> Tínhamos no Miramar esta mistura de personagens que mais acentuava as diferenças sociais. O político e o capitalista ali se misturavam à criança e à mulher pobre, os pescadores e os lavradores que vinham à cidade vender seus produtos também transitavam por ali.

O Miramar foi demolido a 24 de outubro de 1974, para ceder lugar ao aterro da Baía Sul.

O calor era sempre evocado como motivo principal do banho de mar nas proximidades da cidade. Certamente, os que se banhavam à beira do cais não eram as "famílias distintas" que freqüentavam o Balneário de Canasvieiras.

Vários artigos falam da necessidade das férias anuais, do descanso, sobretudo à beira-mar, em contato com a natureza. No Balneário de Canasvieiras, os

---

<sup>156</sup>VEIGA, E. V. da. Op. cit. p. 202, 203

<sup>157</sup>Cf. CORBIN, A. Op. cit. p. 204

veranistas *"podem gozar horas de verdadeira satisfação, retemperando-se das fadigas diárias, na contemplação de lindos panoramas naturais e nos deliciosos banhos de mar"*. Mas isto está reservado apenas a *"famílias ou hóspedes distintos... num ambiente de respeito e cordialidade."*<sup>158</sup>

É preciso dizer novamente que a busca da contemplação do bucólico tinha como finalidade observar e gozar a natureza, e não viver da mesma forma que o camponês. É o cidadão buscando a praia, como um ser urbano que não pretende assumir os valores e as formas de se relacionar com a natureza do habitante da praia. Muito pelo contrário, na maioria das vezes despreza, critica e até tenta mudar a forma de ser e de se relacionar dele. É a cidade na praia, o cidadão apenas buscando o usufruto da natureza.

Com o Hotel Balneário de Canasvieiras criou-se um espaço sofisticado para o lazer à beira-mar. Ele estava localizado *"num lugar salubérrimo, batido do vento do largo e banhado pelas ondas puras e frescas do Atlântico"*<sup>159</sup>. O caráter terapêutico do lazer à beira-mar era constantemente lembrado quando se falava da estada no Balneário: *"recolher-se àquele delicioso recanto ilhéu, onde se retemperam os organismos."*<sup>160</sup> O público do Hotel Balneário de Canasvieiras era tão selecionado que O Estado chegava a publicar a relação dos hóspedes.<sup>161</sup> Aliás, esta prática também era corrente na Europa do século XIX: a imprensa dos lugares onde se situavam os balneários publicava as listas dos recém-chegados<sup>162</sup>. O Hotel Balneário de Canasvieiras era freqüentado também por famílias do Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre.<sup>163</sup>

---

<sup>158</sup>O Estado. 12.01.1933

<sup>159</sup>Idem. 30.01.1940

<sup>160</sup>Idem. 12.01.1933

<sup>161</sup>Idem. 16.02.1933

<sup>162</sup>Corbin. Alain. Op. cit. p. 291

<sup>163</sup>O Estado. 07.01.1933

A construção do Hotel Balneário de Canasvieiras foi contratada, em 1929, com o construtor civil Remo Corsini, por 132 contos de réis.<sup>164</sup> Foi responsável pelo empreendimento a Empresa Balneário de Canasvieiras, sob o comando do alagoano Coronel Pedro Lopes Vieira, à época, Comandante da Força Pública do Estado de Santa Catarina. O jornal A Semana, em agosto de 1930, publicou uma fotografia do Balneário já concluído. Dizia o artigo ser ele um dos *"mais notáveis melhoramentos de nossa capital,... construído pela brilhante iniciativa de um grupo de capitalistas.. Será uma estação preferida pelos 'touristes', que nos derem o prazer de nos visitar."*<sup>165</sup> Foi uma iniciativa, de fato, inovadora e que restringia bastante os seus frequentadores. Em 1930, não havia energia elétrica no interior da ilha, e as estradas eram péssimas. A viagem do centro a Canasvieiras era demorada e perigosa.

Em outubro, no entanto, aconteceu a Chamada "Revolução de 1930", que depôs o governo Washington Luís. Em Santa Catarina, governava, há menos de um mês, o Sr. Fúlvio Coriolano Aducci, que foi deposto. Florianópolis foi a última capital brasileira a se render à Revolução. Era Comandante da Força Pública do Estado, o Sr. Coronel Pedro Lopes Vieira, que comandou a resistência legalista até o último instante. Com a vitória da revolução, o Coronel se entregou ao interventor Ptolomeu de Assis Brasil, sendo em seguida preso.<sup>166</sup>

Como se deu a inauguração do Balneário eu não consegui apurar, já que o responsável pelo empreendimento fora preso, mas em 1932, o jornal O Estado já publicava a lista de hóspedes.<sup>167</sup> Destacava-se entre os hóspedes, o Dr. Henrique Rupp Júnior, um dos que liderou a Revolução de 1930, que teve Nereu e Aristiliano

<sup>164</sup>Construção do Balneário de Canasvieiras. A Semana. 26.09.1929. p. 4

<sup>165</sup>Balneário de Canasvieiras. A Semana. 28.08.1930. p. 1

<sup>166</sup>CÔRREA, Carlos Humberto. Um Estado entre duas repúblicas: a revolução de trinta e a política em Santa Catarina. Fpolis: Ed. da UFSC, 1984. p. 72

<sup>167</sup>"Acham-se hospedados no Balneário de Canasvieiras as seguintes pessoas: dr. Henrique Rupp Júnior e família; desembargador Heráclito Ribeiro e família; consul Antônio do Amaral e família; Walter Meyer e família; Arthur Nagib Nahas e família; Mário Moura e família e Hans Siederich. O Estado. 16.01.1932

Ramos como principais líderes. Rupp Júnior havia participado da fundação do Partido Liberal Catarinense, que tinha Nereu Ramos como presidente, mas diferenças pessoais, que ambos mantinham desde a década de 20, o levou a fundar, em 1931, em Santa Catarina, a Legião Revolucionária, que era de oposição a Nereu e ao seu Partido Liberal.<sup>168</sup>

Em 1933, o Balneário de Canasvieiras passou à direção de uma sociedade anônima (sic), a Empresa Balneária Beira Mar Ltda. O jornal, ao noticiar a abertura da estação de verão daquele ano, dizia que o Balneário já recebera, de diversas famílias do Rio Grande do Sul, Pelotas e Porto Alegre, pedidos de aposentos, já se encontrando hospedada a família do Sr. Guilherme Francesconi. Dizia ainda que no ano de 1932, fora bastante concorrido o estabelecimento, "*que dispõe das melhores acomodações com água corrente em todos os quartos e luz elétrica própria*". Os sócios da empresa gozavam de abatimento de 20% em suas diárias.<sup>169</sup>

Com a mudança de direção do Hotel Balneário de Canasvieiras, mudaram também os hóspedes. Se antes tínhamos o presidente da Legião Revolucionária, Dr. Henrique Rupp Júnior e amigos hospedados, agora encontramos hospedados o seu arqui-inimigo, Dr. Nereu de Oliveira Ramos, presidente do Partido Liberal, e seus companheiros.<sup>170</sup>

Convém destacar que o governo Nereu representou na época a consolidação da oligarquia do Planalto Catarinense, embora já nas décadas de 1900 e 1910 Vidal Ramos tenha governado o Estado. Esta oligarquia hegemônica até 1964 alterna-se mais tarde com representantes das famílias do litoral (Itajaí), Konder

---

<sup>168</sup>CORRÊA, Carlos Humberto. Legião Republicana Catarinense. In: PIAZZA, Walter Fernando (org.) Dicionário Político Catarinense. Florianópolis: Ed. da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985. p. 279

<sup>169</sup>Balneário de Canasvieiras. A Pátria. 07.01.1933. p. 6

<sup>170</sup>Encontravam-se hospedados no Hotel Balneário de Canasvieiras, em 16 de fevereiro de 1932, as seguintes famílias: Dr. Nereu Ramos, Dr. Haroldo Pedemeiras, Dr. Humberto Pedemeiras, D. Dóra Pedemeiras Linemann, Cel. Eugênio Taulois, Raul Simone, Eduardo Santos, Cel. Alicourt Fonseca, Campolino Alves, Jorge Vieira, srta. Hilda Dutra e Ica Testa, Fioravante Testa e Nicolau Glavan de Oliveira. O Estado. 16.02.1936

e Bornhausen. A oligarquia dos Ramos, embora oriunda do planalto, apressou-se em ostentar o gosto "civilizado do estar à beira-mar".

O Hotel Balneário abria durante o verão depois do dia de Reis (6 de janeiro). É interessante esta observação: antes das festas natalinas não se costumava veranear. Ficava-se na cidade até o dia de Reis e só depois se ia à praia. O Hotel Balneário de Canasvieiras permaneceu por muito tempo a única construção destinada ao veraneio no interior da ilha. Para atrair veranistas, o Balneário colocava ônibus especiais, com saída da Praça XV, para quem quisesse passar o dia em Canasvieiras. De vez em quando, aconteciam piqueniques dos clubes da capital naquela praia. Não obstante os esforços, a praia de Canasvieiras era freqüentada por uma elite muito reduzida. Os banhos de mar continuavam a acontecer nas imediações da cidade.

Como já foi dito no capítulo anterior, o remo foi um esporte que se tornou popular na Ilha de Santa Catarina antes mesmo do banho de mar. Os remadores treinavam ao longo da orla marítima, de preferência na Praia de Fora. Porém, o banhista começou a exigir o seu espaço, o qual antes era de uso exclusivo do remador. Para ilustrar, temos um incidente ocorrido, em 1932, na Praia de Fora:

*"Os banhistas de ambos os sexos que ali vão atenuar os rigores da estação(...) têm sido importunados por alguns remadores de clubes náuticos. Isso perturba a tranqüilidade dos nadadores. Cremos que o Sr. Delegado de Polícia da Capital (...) deverá mandar fazer o policiamento de toda a linha da praia, para evitar ali os abusos que acusamos (...)"<sup>171</sup>*

Vejam que 75 anos antes tentaram prender Esteves Júnior e seus companheiros que se "lavavam" na mesma Praia de Fora. Naquela época, banhar-se no mar, ou melhor, lavar-se, era infração ao Código de Posturas, agora o banhista

<sup>171</sup>Pelas nossas praias de banho. O Estado. 13.02.1932

passou a ter a primazia na praia. O abuso agora era por parte dos remadores que importunavam os nadadores. A praia estava se tornando cada vez mais um lugar de sociabilidade do habitante da cidade de Florianópolis. Estava havendo uma grande transformação no cotidiano e na forma de se relacionar com o mar por parte do habitante da Ilha Capital de Santa Catarina.

Com a construção da ponte Hercílio Luz, a elite florianopolitana começou a se dirigir para o continente, mas até a década de 1930, pelos menos, a Praia do Müller continuou a ser a "preferida pela nossa sociedade, para os banhos de mar". Dizia um artigo do jornal A Pátria de 1933 que no "*verão a aludida praia fica repleta de banhistas. Às tardes de agora, àquele local acorrem elementos de nosso mundo social*". O jornal reclamava, no entanto, que a praia estava coalhada de lixo.<sup>172</sup> Apesar da Diretoria de Higiene prometer tomar providências, parece que elas não aconteceram.

Em 1935, outro artigo dizia que

*"apesar da grande extensão praieira de nossa ilha, poucas são as praias em que o ilhéu pode, limpamente, sem perigo para os pés e para a vida, tomar um banho de mar.*

*Por ser o melhor trecho nesta capital, é mais procurada a chamada Praia do Müller, onde se reúnem na estação elementos da nossa sociedade para o agradável desporto."*<sup>173</sup>

A reclamação era de que os muares da Força Pública eram levados ao banho na hora em que a concorrência de banhistas era maior. Vejam que, em 1935, era preciso disputar com os cavalos um lugar ao mar na Praia do Müller. As praias do continente, porém, já começavam a atrair os banhistas da capital.

---

<sup>172</sup>A Praia do Müller. A Pátria. 19.01.1933

<sup>173</sup>Os banhos de mar. Idem. 24.01.1935

→ Foi, de fato, a década de 1930 que fez o florianopolitano descobrir as praias do continente. As praias de Coqueiros e Ponta do Leal foram as mais procuradas para o veraneio, pois ficavam mais próximas do centro urbano do que as do interior da Ilha, como Canasvieiras, por exemplo. De Colônias de pescadores, estas praias tornaram-se aos poucos balneários da elite da capital.

Grande era a concorrência de famílias que procuravam *"as límpidas praias dos Coqueiros, a fim de gozarem dos deliciosos banhos que elas oferecem"*. Dizia o jornal O Estado, em 1931, que estava difícil alugar uma casa na praia, pois era *"grande o número de famílias de nossa capital que ali se achavam usufruindo as delícias destas manhãs praias"*.<sup>174</sup> A praia do Meio era a mais procurada pelos banhistas.

O Sr. Cícero Cláudio, morador da Praia do Meio, organizou em sua residência um "galpão-balneário", para uso *"dos banhistas, principalmente famílias, que estão afluindo àquele pitoresco sítio do lado continente"*. O Galpão balneário fornecia lanches, possuía chuveiros e quartos, que podiam ser alugados por dia, semana ou mês. Dizia O Estado que a

*"Nossa capital, em cujos arredores há algumas boas praias para banho, não possui, porém, as comodidades com que o Sr. Cícero Cláudio acaba de dotar a Praia do Meio, e daí o crescente número de banhistas que àquele local, nos Coqueiros, tem afluído."*<sup>175</sup>

→ Com a afluência de veranistas ao continente, também este começa a reclamar providências por parte do poder público. Dizia um artigo do jornal O Estado, de 1931, que apesar da fácil comunicação com Florianópolis, através da Ponte Hercílio Luz, diminuta era a afluência de veranistas em busca da *"frescura*

<sup>174</sup>Banho nas praias dos Coqueiros. O Estado. 13.01.1931

<sup>175</sup>Galpão Balneário. Idem. 20.01.1931

*das nossas praias e dos banhos salutareos de suas praias, nestes dias de calor abrasador".* A causa disto, segundo o artigo, era a poeira das estradas daquele distrito, que havia recebido o nome de "João Pessoa", em homenagem ao candidato a vice-presidente na chapa de Getúlio Vargas, na eleição de 1930, assassinado naquele ano. O distrito de João Pessoa (Estreito), nesta época, pertencia ao município de São José.

Os moradores dos Coqueiros pediam à Prefeitura de São José, em 1932, que fosse instalada iluminação pública em toda a extensão da estrada que ia de Coqueiros a Itaguaçu.. A estrada corria ao longo das *"praias da Saudade, Desportiva (Praia do Meio) e Santa Cruz (Itaguaçu), pontos de reuniões de inúmeros banhistas, que se valem da limpeza daquelas praias, tão facilmente adaptáveis para instalação de pitorescos balneários."*<sup>176</sup>

A aldeia de pescadores que sofria com a pobreza e a falta de assistência, que não tinha as menores condições de vida digna, homens que se misturavam às algas marinhas, *"cuspidos todos numa praia, sob o sol dourado e vivo: as algas pelo mar e os homens pela miséria"*, no dizer de Othon d' Eça, na sua obra Homens e Algas, foi aos poucos recebendo infra-estrutura necessária para o veraneio, e naturalmente não sobrou lugar para o pescador na beira da praia. Othon d' Eça, em entrevista ao jornal Roteiro, de Florianópolis, em 1958, é quem dizia:

*"Apesar das dificuldades (de locomoção), Coqueiros era uma delicia e um encantamento sempre renovado: não sofrera, naquele tempo, como agora, o mal de ser uma praia de verão e luxo catita.*

---

<sup>176</sup>Idem. 23.01.1932

*As hordas elegantes ainda não haviam expulsado com vagar, método e bangalôs, das suas velhas moradas, os velhos nativos.*"<sup>177</sup>

A especulação imobiliária foi aos poucos concentrando suas atenções no continente. Na praia de Coqueiros, a partir da década de 1930, alugavam-se e vendiam-se casas para temporada, bem como eram abertos muitos loteamentos para casas de veraneio. Até mesmo quando se anunciava a venda de sítios, falava-se da proximidade de uma praia de banhos, entre os seus confortos. Antes mencionava-se a excelência do porto, agora a praia de banhos.

Florianópolis nesse tempo tinha pouquíssimos carros e a maioria dos banhistas ia a Coqueiros em ônibus sacolejantes, que, salvo em dia de graça, quebravam além da Palhocinha. Muitos veranistas preferiam confiar nos préstimos de algum canoero experiente que os levasse do centro à Praia de Coqueiros.

O Coqueiros Praia Clube, fundado na praia da Saudade, foi o primeiro clube da sociedade florianopolitana fora da cidade. Em 1938 a sua diretoria já promovia "quermesses" no terreno destinado à construção de sua sede social. A inauguração só deu em 1948. Além das atividades inerentes a todo clube social, havia muitas atividades ligadas à praia e ao mar. Era de praxe acontecer banhos de mar à fantasia todos os anos. Competições esportivas: remo, natação, vela, eram constantemente patrocinadas pelo clube e assistidas por muitas pessoas que aproveitavam para banharem-se ao mar.

→ A Ponta do Leal, no distrito do Estreito, também começou a ser maciçamente ocupada na década de 1930. Já em 1933 se organizara um banho de mar à fantasia na Ponta do Leal.<sup>178</sup> Dizia um anúncio de 1936:

<sup>177</sup>D' Eça, Othon. Homens e Algas. Op. cit. p. 19

<sup>178</sup>O Estado. 25.01.1933.

*"O futuro bairro da alegria e da saúde, a 5 minutos desta capital.*

*A melhor, a maior, a mais bela e a mais aprazível praia na vizinhança de Florianópolis.*

*88 lotes já vendidos!. "179*

Um dos empreendimentos foi levado a efeito pela Sociedade Imobiliária Catarinense Ltda. A Sociedade foi criada pelo Sr. Fúlvio Coriolano Aducci, governador cassado pela Revolução de 1930. Como era homem de posses, resolveu investir em negócios imobiliários. Comprou uma grande área no chamado Pasto do Gado, na Ponta do Leal, e a loteou. Os primeiros sócios do empreendimento foram os irmãos Filomeno, e depois o Sr. Jacó Vilaim Filho. Aducci fez o escritório em sua própria casa, à rua Tolentino de Carvalho, na Ponta do Leal, onde morou de 1926 a 1938.<sup>180</sup>

O Balneário da Ponta do Leal, que pertencia à referida sociedade, foi inaugurado a 10 de janeiro de 1937. Tinha pista de dança com orquestra ao vivo, onde muitos artistas nacionais se apresentavam. Possuía, ainda, vestiários para aluguel e banheiros à disposição dos banhistas, além de serviço de bar e restaurante a cargo da Confeitaria Chiquinho,<sup>181</sup> a principal confeitaria de Florianópolis, que se localizava na esquina da Felipe Schmidt com Trajano. No entanto, já antes desta data eram organizados passeios à praia da Ponta do Leal.<sup>182</sup> As construções multiplicavam-se. No finais de semana, partiam ônibus do centro em direção à Ponta do Leal. O Balneário era equipado com instrumentos de lazer aquáticos, como o trampolim, onde muitos se machucavam.<sup>183</sup>

---

<sup>179</sup>Vila Balneária. *A Capital*. 29.01.1936

<sup>180</sup>SILVA, Quincio Romalino da. Memórias de um comerciante do Estreito. In. SOARES, Iaponan (org.). *Estreito - Vida e Memória*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1990. p. 31

<sup>181</sup>Balneário da Ponta do Leal. *O Estado*. 09.01.1937

<sup>182</sup>Idem. 01.02.1936

<sup>183</sup>*Diário da Tarde*. 18.01.1937

Muitas famílias abastadas de Florianópolis fizeram ali suas casas de veraneio. Aderbal Ramos da Silva, sobrinho de Nereu Ramos, e que posteriormente veio a ser governador de Santa Catarina de 1947 a 1951, tinha sua casa na Rua Batista Pereira, à beira da praia, e freqüentava assiduamente a sede do Balneário da Ponta do Leal. O Sr. João Moritz também tinha sua casa à beira d'água. A casa que pertencera a Fúlvio Aducci foi comprada por Tolentino de Carvalho, casado com a irmã de Aderbal Ramos da Silva, que também veraneava na Ponta do Leal, e foi prefeito de Florianópolis.

Outra empresa que vendeu muitos lotes na praia da Ponta do Leal foi a Empresa Continental Catarinense, de propriedade do Sr. Mariano A. Vieira e José de O. Sardá. Além da venda de lotes, eles montaram um pequeno bar a cargo de "*pessoa que fala o português e o alemão*" e compartimento para troca de roupas. Em 1936 foi organizado um passeio para que as pessoas pudessem conferir as obras em andamento no loteamento.<sup>184</sup>

O balneário acabou se tornando o nome do bairro, simplesmente Balneário. Hoje quem o conhece não compreende o porquê do nome, virou um bairro residencial, nem de longe se pode pensar em usá-lo como balneário.

As famílias Ramos, Rupp, Carvalho, Moritz, Simone, Nocetti, e tantas outras da elite florianopolitana, faziam sua estação de veraneio no continente, numa área que se expandia da Ponta do Leal até Coqueiros. Estas praias, que antes de se tornarem balneários eram aldeias de pescadores, se localizavam no município de São José, portanto, fora da Capital do Estado.

Em 1944, o Interventor Federal em Santa Catarina, Nereu de Oliveira Ramos, assinou o decreto No. 951 que agregou o Estreito à Capital, desmembrando-o de São José. Não é interessante que o município da Capital, pelo decreto, tenha passado a ter uma parte continental que se estendeu até a Ponta do Leal ao Norte, e à

---

<sup>184</sup>O Estado. 01.02.1936. p. 6

praia do Abraão ao Sul, tomando, desta forma, para a Capital as praias onde a elite florianopolitana veraneava? Seria a colonização da cidade sobre a praia? Nereu Ramos, representante da oligarquia do planalto, era um dos que freqüentava a praia de Canasvieiras. Afinal de contas, ir à praia foi uma atividade que se tornou chique quando começou a ser praticada pela elite, a qual detinha o controle do poder público. Eles estavam usando o Estado para estabelecer espaços de sociabilidade restrita para a elite.

Entre os fatores apontados para a inclusão do Estreito, estava a inferioridade territorial de Florianópolis em relação a outras capitais brasileiras e a pouca assistência administrativa que a Prefeitura de São José dedicava ao Estreito. Ora, a Capital resumia-se à Ilha de Santa Catarina desde 1833, quando foram criados os municípios de São José e São Miguel da Terra Firme. Só agora, depois de 110 anos, se reparou na exigüidade territorial? Pouca assistência administrativa São José destinava ao Estreito, mas Florianópolis não dispensa maior empenho ao interior da Ilha, que dispunha de péssimas estradas e nem sequer energia elétrica possuía. Enquanto aldeias de pescadores, estas praias não provocaram a necessidade da Capital aumentar seu território: ao tornarem-se balneários é que se tornaram atrativas.

Uma atividade que contribuiu bastante para a popularização do banho de mar foram os banhos de mar à fantasia, sempre realizados no domingo de carnaval, e que, segundo minhas pesquisas, começaram a ser noticiados pela imprensa a partir do início da década de 1930.

O banho de mar à fantasia começou a ser noticiado pela imprensa a partir de 1931, e aconteceu em todos os anos seguintes. Era ele quem sempre abria as festas carnavalescas de Florianópolis, o grito pré-carnavalesco oficial. O primeiro banho de mar à fantasia que encontrei nos jornais foi organizado pelas famílias Jayme Cardoso e Dr. Henrique Rupp Júnior. Vejam que um líder da Revolução de 1930 é quem está

dando publicidade ao banho de mar à fantasia, e ao banho de mar em geral, haja vista estar com sua família veraneando na praia de Coqueiros. Inusitado foi o horário escolhido, 17 horas, já que nesta época os banhos de mar costumavam acontecer pela manhã.

O Código de Posturas, que no século passado condenava o banho de mar, reservava semelhante sorte aos festejos carnavalescos:

*"É proibido fazer samba ou batuques quaisquer que sejam as denominações, dentro das ruas da cidade ou das povoações."*<sup>185</sup>

Teriam as leis mudado tanto assim, para que na década de 1930 o banho de mar à fantasia, que contrariava duplamente o Código de Posturas do século XIX, já estivesse popularizado, ou agora se fazia vista grossas? O banho de mar à fantasia se realizava desde as aristocráticas Praias do Müller, de Coqueiros, da Ponta do Leal, até a menos nobre Praia da Rita Maria.

O banho de mar à fantasia da Praia da Saudade era preparado pelos veranistas de Coqueiros,<sup>186</sup> com premiação para "o bloco mais espirituoso". A imprensa incentivava a iniciativa, a julgar pela comissão julgadora: jornais O Estado, A Pátria e A República. A imprensa dizia que o recanto era não só um lugar saudável, como de fácil acesso e que "regorgitará de banhistas", havendo até ônibus especiais.<sup>187</sup> As famílias da capital lotavam a Praia da Saudade para o banho de mar à fantasia.<sup>188</sup>

Com a mudança da esfera pública, segundo Habermas, em sua Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade

<sup>185</sup>Código de Posturas da Câmara Municipal da Cidade do Desterro de 22.10.1888. Cap. II, Art. 130, parág. 2

<sup>186</sup>O Estado. 27.01.1936. p. 6

<sup>187</sup>Idem. 27.01.1937

<sup>188</sup>Dentre os participantes e assistentes do banho de mar à fantasia, na Praia da Saudade, em 1933, estavam: Henrique Rupp Júnior, Mário Nocetti, Tico (sic) Fernandes, Oscar Ramos, Fernando Machado, Otávio Cabral, Vidal Dutra, Nelson Machado, Tenente Mendes e os capitães Caminha e Fabrício. Cf. A Pátria. 30.01.1933

burguesa, os jornais se tornaram porta-vozes e condutores da opinião pública, deixando de ser meras instituições publicadoras de notícias.<sup>189</sup> É isto exatamente que estamos vendo acontecer em Florianópolis neste período. Os jornais estão lançando moda, criando novos hábitos e mudando mentalidades. Os jornais, resultado da esfera pública burguesa, têm os seus próprios leitores como tema.

Jürgen Habermas diz que os artigos de jornal eram transformados pelo público não só em objeto de discussão, mas também entendidos como parte deles.<sup>190</sup> E o mais importante é que os jornais passaram a ser discutidos nos cafés, clubes, casas e ruas<sup>191</sup>. Esta discussão evidentemente contribuiu para que o jornal se firmasse cada vez mais como agente formador de opinião. As pessoas discutiam porque se sentiam identificadas com os assuntos propostos e se viam retratadas neles. As discussões levam a duas atitudes distintas: ou se rejeita ou se adere. Os jornais normalmente usavam de muita sutileza nas campanhas que faziam para formar opinião.

Mas não só por veranistas eram feitos os banhos de mar à fantasia. Em 1934, "Capitôa e Maria Gata" organizaram um grande banho à fantasia, na Praia da Rita Maria. Com certeza, o público deste banho à fantasia não era o mesmo dos banhos à fantasia da Praia da Saudade. Uma praia à beira do cais deveria, por certo, ser freqüentada por banhistas outros.

Também na Praia do Müller, que tinha poucos metros de faixa de areia, depois o lodo atolava até à canela,<sup>192</sup> aconteciam "concorridíssimos banhos à fantasia". O cronista do jornal O Estado, num artigo de 1935, ao falar do banho de mar à fantasia da Praia do Müller, chega a exaltar as "qualidades das sereias participantes", e dizia ter vontade de virar peixe ou Tritão.<sup>193</sup>

---

<sup>189</sup>HABERMAS, J. Op. cit. p. 214

<sup>190</sup>Ibidem. p. 59

<sup>191</sup>Ibidem. p. 77

<sup>192</sup>Informação prestada pelo professor Carlos Humberto Côrrea

<sup>193</sup>O Estado. 02.02.1935

As praias que mais aparecem nos jornais, em se tratando de banho à fantasia, são as de Coqueiros, Saudade e Riso, na Palhocinha. Os banhos à fantasia tinham até reis e rainhas dos vários blocos.<sup>194</sup>

O aristocrático Coqueiros Praia Clube sempre colocava o banho de mar à fantasia no seu programa carnavalesco. Em 1953, o banho de mar à fantasia cedia lugar à nostalgia:

*"A partir das 14 horas: Banho de mar à fantasia, desfile de blocos, batalhas de confete, batalha de limão de cheiro ( para lembrar os velhos tempos de nossas avós)..."*<sup>195</sup>

A batalha de limão de cheiro, já abolida desde o final do século passado dos bailes de carnaval da capital, e que encontrava no banho de mar à fantasia a irreverência, comicidade e ludicidade do carnaval de origem lusitana, o entrudo, que fora extinto por força da lei e substituído pelos bailes venezianos de salão, ainda se fazia presente no banho de mar à fantasia.

Como não podia deixar de ser, o poder público enquadrava os banhos de mar à fantasia *"entre os festejos carnavalescos e portanto, passíveis de licença policial para acontecer."*<sup>196</sup>

Na Ponta do Leal também aconteciam banhos à fantasia, ao que tudo indica organizados, por vários anos, pela *"guapa rapaziada do veterano Clube Náutico Riachuelo."*<sup>197</sup> De todos, no entanto, parece que, pelas informações dos jornais, os banhos à fantasia de Coqueiros foram os melhores e mais animados banhos à fantasia da Capital.

Além de Florianópolis, outras cidades também se preocupavam em proporcionar condições de veraneio. Em Pelotas, em 1929, cogitava-se instalar uma

---

<sup>194</sup>Idem. 21.01.1937

<sup>195</sup>Idem. 29.01.1953

<sup>196</sup>Idem. 22.01.1941

<sup>197</sup>Idem. 06.01.1940

praia de banhos, no Laranjal, entrada da Barra de Pelotas. Em 1931 foi inaugurado em Laguna, na Praia do Mar Grosso, o Balneário Hotel de Laguna.

Os moradores de Camboriú, em 1934, reclamavam ao poder municipal a abertura de uma estrada de setecentos metros que ligasse a estrada geral à praia daquela vila. A praia, "uma das mais pitorescas do Estado", estava atraindo excursionistas de todas as regiões. Dizia o jornal que num destes domingos estava ali uma caravana de 120 automóveis, vindos de Itajaí e Blumenau.<sup>198</sup> A ocupação da praia de Camboriú parece ter se dado de forma rápida, pois em 1951 já foi instalada energia elétrica "naquele local de veraneio".

Tramandaí, em 1938, já possuía a sua estação balnear. E o interventor do Rio Grande do Sul, em 1939, ao voltar de sua estação de repouso em Santa Catarina, conferiu o "*estado de abandono de praias gaúchas*", sobretudo as do nordeste gaúcho que se "*ressentiam da falta de higiene*", e prometeu-lhes "*melhoramentos que convidem os veranistas a freqüentar as praias*".<sup>199</sup>

De fato, apesar do banho de mar já ser praticado desde o alvorecer do século XX, foi somente na década de 1930, que passou a ser praticado por um número considerável de pessoas. Os balneários apareceram, e os veranistas começaram a se deslocar em maior número para as praias. O mundo elegante fazia uso das praias e lançava moda, sendo que os jornais foram os principais veículos de divulgação desta civilização. Convém destacar que os jornais já usaram este termo antes para reivindicar outras coisas. Por exemplo, em 1880, ser civilizado era não morar com a sogra. Ser civilizado era ser asseado, etc.

Norbert Elias, que trabalhou de forma excepcional o processo civilizador que se implantou no Ocidente, é quem apresenta um conceito de *Civilização* e o diferencia do conceito de *Cultura*. Segundo o autor, ser civilizado refere-se

---

<sup>198</sup>Idem. 27.01.1934

<sup>199</sup>Idem. 06.02.1939

"*primariamente à forma da conduta ou comportamento da pessoa. Descreve a qualidade social das pessoas, suas habitações, suas maneiras, sua fala, suas roupas*", é expressão da "*tendência expansionista de grupos colonizadores*", enquanto Cultura é a consciência que uma nação tem si mesma, sua identidade.<sup>200</sup>

No entanto, Nobert Elias pondera que a mudança que ocorre no comportamento humano acontece de forma gradual.<sup>201</sup> Podemos falar de uma civilização gradual. Os pais, na educação dos filhos, desempenham o papel de agentes deste processo civilizador. O ensino das boas maneiras e de comportamento dado às crianças é, em síntese, o processo pelo qual passou a humanidade. Este processo civilizador não diz respeito apenas a atitudes externas, mas acarreta uma mudança bastante significativa nos sentimentos, na sensibilidade humana.

É o que podemos inferir em relação ao banho de mar. A partir do momento em que as pessoas passam a freqüentar praias e tomar banho de mar, não aconteceram apenas mudanças no costumes, como o de sair de cidade aos domingos ou trajar vestes menores, aconteceu, sobretudo, o nascimento de uma nova forma de usar o tempo livre, de se relacionar, de pensar e sentir.

Desta forma, podemos concluir que, de fato, o processo de implantação do banho de mar na Ilha de Santa Catarina foi um verdadeiro processo civilizador, que teve os jornais como um dos principais arautos, e que visava implantar certos comportamentos que norteassem a vida das pessoas.

---

<sup>200</sup>ELIAS, N.. Op. cit. p. 24, 25

<sup>201</sup>Ibidem. p. 14

**CAPÍTULO QUARTO**  
**O SONHO DE FAZER DA ILHA UM CENTRO DE**  
**TURISMO: O BANHO DE MAR SE POPULARIZA EM**  
**FLORIANÓPOLIS**

**"Um pedacinho de terra perdido no mar  
Num pedacinho de terra beleza sem par"  
Cláudio Alvim Barbosa (Zininho)**

As belezas da Ilha de Santa Catarina, sobretudo suas praias, começaram a despertar na elite local o sonho de transformá-la num centro de turismo. Este sonho virá inicialmente expresso através dos jornais. Medidas concretas emanadas do poder público só serão efetivadas mais tarde, quando o turismo já estiver implantado de fato.

Os homens estão sempre sonhando o seu futuro. Walter Benjamin, em Paris, Capital do Século XIX, diz que "*os homens de uma sociedade não apenas vivem seu presente, mas também sonham com a época seguinte.*"<sup>202</sup> É o que estamos presenciando em Florianópolis através destes documentos: os homens estão sonhando com um "estágio de civilização mais avançado", estão já lançando idéias de uma nova sociedade. Por isso, importa-nos neste capítulo não tanto o que o poder público, e mesmo o privado, está realizando em termos turísticos, mas o que os homens estão sonhando, projetando para a Ilha de Santa Catarina, a fim de explorar o banho de mar e suas potencialidades turísticas.

Já na década de 1910, o poder público em Santa Catarina dava mostras de que gostaria de controlar e possibilitar a exploração das riquezas da Ilha de Santa Catarina para fins de turismo, em especial as praias de banho. O poder público havia se dedicado a controlar outras águas, agora programa o controle da praia.

---

<sup>202</sup>BENJAMIN, Walter. Paris, Capital do Século XIX. In: COHN, Gabriel (org). Walter Benjamin: Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ed. Ática. 1985. p. 32 e 43.

O governador Hercílio Pedro da Luz esteve à frente do executivo estadual por três vezes. Muitas obras importantes na Capital foram realizadas durante seus governos, culminando com a construção da ponte, ligando a ilha ao continente, que segundo sua vontade, se chamaria "Independência", mas que acabou levando o seu nome por ter ele falecido antes da obra ser concluída.

Em 1918, o jornal Terra Livre publicou um artigo que narrava a conferência entre o governador Hercílio Pedro da Luz e o Sr. João de Oliveira Carvalho, que assumiria a Superintendência Municipal em 1919. As promessas feitas nesta conferência são pérolas dentre os projetos nunca realizados pelo governo. Dizia que um grande ideal iria se realizar. Seria possível, em breve (as obras começariam em janeiro de 1919), *"em alguns minutos ir a Santo Antônio de Lisboa e Canasvieiras, à Lagoa da Conceição e dar a volta ao Morro da Cruz, de bonde elétrico"*. Dentre as linhas, uma se

*"estenderá pelo admirável noroeste da ilha, percorrendo o lindo arraial de Cacupé, e passará pela amena vertente de Santo Antônio, em rumo a Canasvieiras e praia dos Ingleses... Isso quer apenas dizer que toda essa zona, agora pobre, vai transformar-se, da noite para o dia, na prosperidade e na riqueza, que lhe hão de levar as novas atividades atraídas por uma viação expedida, tendo de caber à Canasvieiras e a Praia dos Ingleses, com toda certeza, a preferência para a instalação de estações balneárias a que com o tempo não faltará a afluência de argentinos, uruguaios e rio-grandenses, pois como é sabido, de Santos para o Sul não existe, além de Guarujá, nenhum outro ponto para reunião do mundo elegante, apreciador de banhos de mar."*<sup>203</sup>

<sup>203</sup>O futuro da cidade. Terra Livre. 14.12.1918

Ora, vejam o que aqui foi prometido. Bonde elétrico em 1919, até a Praia dos Ingleses, num tempo em que as estradas do interior da ilha eram meras picadas para carros de boi. Não existiam nem postes de energia elétrica, quanto mais bonde elétrico: a energia elétrica só chegaria ao Norte da ilha na década de 1960.

Vejam que o poder público estava sonhando algo que viria a ser, de fato, o futuro da Ilha de Santa Catarina. Previa ele a instalação de estações balneárias, no norte da ilha, que atrairiam argentinos, uruguaios e rio-grandenses. Acertou em cheio, foram bem estes, e continuam a ser, os "fregueses" de nossa ilha. O poder público já dava mostras de que gostaria de controlar a exploração das potencialidades turísticas e planejava, pois, empreendimentos turísticos na Ilha de Santa Catarina, posto que percebia a falta, no Sul, de um "*ponto para reunião do mundo elegante, apreciador de banhos de mar*". Era preciso construir lugares chiques para pessoas elegantes desfrutarem dos banhos de mar. É importante perceber que tratam-se de projetos, ou seja, a novidade não está na realização, e sim nos projetos.

Crispim Mira, escritor e jornalista, descrevia, em 1920, a Praia dos Ingleses, dizendo ser um crime, para quem reside em Florianópolis, não visitá-la ao menos uma vez por ano. A viagem se dava de carruagem, "*ora contornando montes e baías, ora perdendo-se entre a vegetação*", uma verdadeira viagem de aventura. Dizia que seria "*admirável a estação balnear*" que um dia ali fosse construída.<sup>204</sup>

Vejam que a imprensa também estava projetando a exploração das potencialidades turísticas para o banho de mar. No caso da Praia dos Ingleses, no início da década de 1970 esta continuava, como Crispim Mira descrevera em 1920, uma colônia de pescadores. A afluência de veranistas ainda era mínima. Só com a construção e asfaltamento das SC-401 e 403, que se deu no governo Colombo Salles (1973), os veranistas passaram a procurar aquela praia de maneira mais intensa.

<sup>204</sup>MIRA, Crispim. Praia dos Ingleses. *Anuário Barriga Verde para 1920*. p. 15

O Sonho de modernizar-se foi muito divulgado pela imprensa, e na década de 1920, este parecia se concretizar, de acordo com as palavras do autor de um artigo de 1930: Os automóveis, símbolo do avanço tecnológico, ganharam as ruas, e tornaram outras formas de locomoção completamente obsoletas. O avanço em apenas uma década foi tão grande, dizia o jornal O Estado, que em 1930 a sociedade carioca diferia tanto da de 1910, como esta da sociedade do Brasil Colônia. Estas impressões foram sintetizadas na frase de Figueiredo Pimentel no Binóculo - "O Rio civilizava-se".

Os progressos feitos eram simbolizados pelos

*"automóveis, palacetes, grandes teatros, cinema, estâncias de verão, termas, avenidas, jardins e praias. Criaram-nos certas exigências que não conhecíamos, e que, talvez, não adivinhássemos. Os hotéis, há vinte anos, não dispunham de quartos com banheiros próprios, nem sequer água corrente. Isso era um luxo excessivo".*

O autor procura fazer uma síntese das rápidas transformações pelas quais havia passado o Rio de Janeiro nos últimos anos, e a exigência que isto trazia para a adaptação do homem aos novos tempos. As praias, então, segundo o artigo, anteriormente nem eram povoadas:

*"O Leme, Copacabana, Ipanema, Leblon não existiam. Hoje são praias imensas, povoadas de 'bibelots' de carne rosada, e cidades com dezenas de milhares de palácios, de 'bungalows', de 'cottages'."205*

Segundo Figueiredo Pimentel, o uso das praias por senhoritas de "carne rosada" era uma das demonstrações de que o Rio de Janeiro estava a civilizar-se. Ir à praia tornava-se um símbolo de civilização.

<sup>205</sup>A vida que o carioca vive hoje. O Estado. 14.02.1930. p. 3

O progresso, segundo o jornal, se deu de forma muito rápida, fazendo com que uma década tenha produzido mais avanços do que séculos de ocupação. Esta tentativa do jornal de recompor um passado que ainda lhes era recente fez-lhe auferir uma quantidade de mudanças que se processaram num espaço bastante curto de tempo.

A imprensa parece ter se preocupado mais cedo com a exploração das belezas naturais para efeitos de turismo do que o próprio governo. Em 1930, a Folha Acadêmica tratava das praias brasileiras, em particular das praias catarinenses. Dizia o periódico que as praias de Copacabana e Leblon, no Rio de Janeiro, de Icaraí e São Francisco, em Niterói e José Menino, em Santos, viviam, em 1930, repletas de pares de namorados, banhistas e nadadores.<sup>206</sup>

E o que dizer das praias catarinenses? Reclamava o cronista que as nossas praias estavam esquecidas, praias estas *"que formam os encantos do nosso rendilhado litoral"*. Dizia *"merecer ser assinalado pelas suas belezas naturais, na Ilha de Santa Catarina, as três grandes praias, Canasvieiras, Campeche e Ingleses"*. Em Canasvieiras estava sendo construído, naquela época, um *"suntuoso balneário, (...) não só para nos dotar de uma confortável instalação desse gênero, como também para que possamos apresentar aos forasteiros que nos visitam o encanto do que é genuinamente nosso."*<sup>207</sup> Dentre as três grandes praias, apenas Canasvieiras iria contar em pouco tempo com um hotel balneário. As praias oceânicas da Ilha de Santa Catarina ainda continuavam praticamente abandonadas:

*"Quanto nos entristece quando vemos as nossas infindas praias esquecidas pela nossa gente, por falta do conforto necessário para se gozar as delícias com que elas nos favorecem!"*<sup>208</sup>

<sup>206</sup>As praias de Santa Catarina. Folha Acadêmica, julho de 1930

<sup>207</sup>Ibidem

<sup>208</sup>Ibidem

Por falta de conforto, dizia o articulista, as praias encontravam-se esquecidas pelo habitante da Ilha Capital de Santa Catarina. Ele fazia uso apenas das praias das baías norte e sul, que se encontravam no perímetro urbano. O exemplo das praias oceânicas sendo exploradas pelo veraneio em outros Estados provocava no articulista catarinense o desejo de também ter suas praias exploradas para este fim. O que era necessário, então, para que este sonho se realizasse? A imprensa era unânime em afirmar que era a infra-estrutura necessária, sobretudo a melhoria e abertura de uma malha viária básica para ligação com estas praias.

Cabeçudas, ao que tudo indica, foi, de fato, a primeira praia ocupada sistematicamente para fins de veraneio. Enquanto todo o litoral catarinense encontrava-se praticamente despovoado de banhistas, a praia itajaiense já apresentava, em 1930, progressos inerentes a uma estação balnear:

*"vizinha à cidade de itajaí, se nos apresenta a praia de Cabeçudas, que já dispõe de confortos para o homem civilizado. Elegante pelo luxo, apreciada pela confortabilidade dos seus hotéis ela atrai, de diversos pontos muitas famílias que, em cada verão, ali vão gozar uma estação que, de ano a ano, mais alegre se torna."*<sup>209</sup>

Enquanto na capital do Estado os habitantes freqüentavam apenas as praias do perímetro urbano, em Itajaí a elite já contava com "confortos para o homem civilizado" na "elegante" praia de Cabeçudas, que já apresentava confortáveis hotéis. Podemos perceber que a elite itajaiense aderiu mais cedo à moda do veraneio do que a de outras cidades catarinenses. A imprensa usava exemplos para reivindicar a "civilização", que era oferecer conforto na praia ao homem civilizado.

Camboriú também já ensaiava, pela década de 1930, tornar-se um balneário. Ela

---

<sup>209</sup>Ibidem

*"oferece perfeita segurança aos banhistas; já há ali alguns edifícios para refúgio dos banhistas. Está menos provida de conforto, havendo, porém, um bom hotel para comodidade dos que procuram, no silêncio praieiro, calma para os seus nervos exaustos, em constante funcionamento."*<sup>210</sup>

Vejam que Camboriú, que em 1930 ainda não possuía sequer uma estrada que ligasse a estrada geral à praia, nem tampouco energia elétrica, já possuía um hotel, que funcionava constantemente. Na capital, o Hotel Balneário de Canasvieiras só seria inaugurado em fins de 1930, funcionando apenas nos meses de janeiro e fevereiro, mesmo assim não abrindo todos os anos. Ia-se a Camboriú em busca de silêncio, vejam que maravilha! O hoje considerado maior balneário do sul do país era procurado por causa de seu silêncio praieiro.

A revista Atualidades de janeiro de 1946 trazia um artigo intitulado "Nossa Ilha, ponto de turismo", onde dizia que

*"A natureza derramou por sobre nosso Estado, mãos cheias de caríssimas dádivas.*

*Para coroar a sua prodigalidade, plantou, beijadas pelas águas quietas de duas lindas baías, como um ponto pingado no Atlântico, esta nossa linda e encantadora ilha.*

*Tem tudo de encantamento natural. Praias magníficas, panoramas invejáveis... A pujança e farturas naturais que a alindam, contrastam flagrantemente com a avareza e descaso dos homens.*

*Tão linda e tão desprezada!*

---

<sup>210</sup>Ibidem

*Nossa ilha se assemelha a uma beleza feminina, sem atavios, descuidada, desleixada e, no entanto, talhada para o sucesso.*

*Como ponto de turismo e recreio não é melhor que desejar.*<sup>211</sup>

Desculpem-me os leitores se me alonguei nesta citação, mas me pareceu necessário transcrevê-la, por ser porta-voz de uma vontade que estava a nascer, a de fazer da ilha um ponto de turismo. O articulista reclama que de um lado tínhamos a prodigalidade da natureza para com a Ilha de Santa Catarina, e de outro a avareza e o descaso dos homens. Flávio Romero dizia que bastava melhorar as vias de comunicação para o interior da ilha para que o homem encantasse a vista na contemplação dos maravilhosos recantos. Era preciso que os capitalistas pensassem nisso, dizia ele, posto que a

*"Ilha de Santa Catarina, esse ponto pingado nas águas do Atlântico, será uma terra que atrairá os que buscam as delícias de um retempero para as fadigas da vida."*<sup>212</sup>

Para o jornalista, apesar do desleixo dos homens, era inevitável que uma ilha tão bela não viesse a se tornar um ponto de turismo, um lugar que atraísse as pessoas que procuravam descanso, um lugar onde o olhar pudesse contemplar e deleitar-se. Vejam que agora se passou a falar explicitamente em turismo, antes se falava em estação de águas, estação balnear, mas não se usava a palavra turismo.

Se o banho de mar começou como uma atividade restrita a certos grupos, popularizou-se com o aumento considerável do turismo de massa.

Joffre Dumazedier em sua obra Lazer e cultura popular, fruto de pesquisas realizadas entre 1955 e 1959, traça um perfil do surgimento do turismo de

<sup>211</sup>Nossa Ilha, ponto de turismo. Atualidades No. 1, jan. 1946

<sup>212</sup>Ibidem

massa, que na França, segundo ele, surgiu em 1936. Ele diz que quando Sthendal inventou a palavra "turista", só podiam praticá-lo alguns burgueses ricos, a maioria ingleses. Não obstante, na década de 1950, as atividades relacionadas às férias já tinham se transformado em fenômeno de massa. A instituição de doze dias de férias anuais imposta a todas as empresas e a passagem de trem com preço reduzido contribuíram significativamente para que isto acontecesse na França.

Em Florianópolis podemos afirmar que o melhoramento das estradas e a popularização do invento de Henri Ford, aliados à institucionalização e ao aumento do período de férias, colaborou para o incremento do turismo. Desta forma, já podemos falar de lazer propriamente dito, como o definiu Joffre Dumazedier, já citado no início deste trabalho. Ele diz que as migrações de férias estão intimamente ligadas ao grau de urbanização de um país.<sup>213</sup> Podemos dizer que, de fato, a Capital de Santa Catarina já estava razoavelmente urbanizada neste período.

Joffre Dumazedier diz que a predileção pelo mar aumentou consideravelmente à medida que cresceu o turismo. Por exemplo, na França, em 1951, 45% dos turistas escolheram o campo e 23%, o mar. Em 1957, a situação era outra: 32% preferiram o campo e 35% o mar. Assim, podemos perceber que o aumento da procura pelo mar para férias passou a ocupar um espaço cada vez maior na opção dos turistas.

O tempo livre começava a aumentar e existia o medo do ócio, como já dissemos na introdução deste trabalho. O ócio era considerado desregramento, degradação da personalidade humana. Existia o famoso provérbio: "a ociosidade é mãe de todos os vícios." Ora, para contrapor ao ócio que era desregramento, instituiu-se o negócio - lazer.

---

<sup>213</sup>DUMAZEDIER, J. Op. cit. p. 149

Desta forma, o lazer integrou-se perfeitamente à sociedade por ser racional, moral e economicamente útil. Foi a partir daí que o banho de mar se popularizou de fato, inserido no lazer usufruído nas férias de fim de ano.

A Ilha Capital de Santa Catarina, fora do emprego público, não tinha muitas alternativas de renda. Por certo já havia algumas pessoas movimentando-se para que o turismo se tornasse uma delas, por isso o investimento por parte dos jornais.

Como transformar Florianópolis em centro de turismo? Pergunta atual, não? Até o poder público, empresários e imprensa ainda sonham com isto. O desejo de transformar Florianópolis num grande centro de turismo sul-americano não é coisa nova, de tempos de Mercosul. Já em 1946, o jornal O Estado publica um artigo com este título: "Como transformar Florianópolis em centro de turismo". A cantilena já vinha de algum tempo: a Ilha de Santa Catarina fora agraciada com grandes "dádivas do criador", mas, segundo afirmava o jornal, encontrava-se abandonada à própria sorte, sem que nada fosse feito para torná-la mais atraente do ponto de vista do conforto e da comodidade.<sup>214</sup>

O Brasil tivera um grande progresso nos últimos trinta anos, dizia o artigo, desenvolvendo centros altamente povoados. Esta população, vítima da vida agitada das grandes cidades, passava a procurar "*refúgio em ambientes mais calmos, onde na tranqüilidade da natureza esperavam encontrar repouso para os organismos esgotados*". Santa Catarina também passara a atrair pessoas que vinham passar "*temporadas nas cidades litorâneas*", sobretudo em Camboriú, Cabeçudas, Piçarras, "*balneários cuja fama se estendeu além de nossas divisas*."<sup>215</sup>

Infelizmente, continuava ele, Florianópolis nada lucrava com esta "*salutar tendência. Suas inúmeras praias e enseadas, tão apropriadas para*

---

<sup>214</sup>Como transformar Florianópolis em centro de turismo. O Estado. 24.01.1946

<sup>215</sup>Ibidem

*balneários, não passam de inóspitos recantos, por certo belos e atraentes, mas presentemente inadequados para a finalidade apontada. Nada se tem feito para encaminharemos essas obras primas da natureza para serem gozadas pelas pessoas que necessitam de repouso".* Enquanto o litoral norte catarinense já começava a apresentar um considerável movimento de veraneio, a Ilha Capital ainda engatinhava neste sentido.

A reclamação era de que nem os próprios florianopolitanos podiam usufruir daquilo que lhes fica aos pés. "Sonho utópico de meia dúzia de idealistas", assim era encarado o desejo de explorar esta "dádiva de Deus em benefício do turismo". Falar na "*possibilidade de a Ilha de Santa Catarina transformar-se em grande centro de turismo sul americano, ocasiona olhares de descrédito ou compaixão.*"<sup>216</sup>

O ano é 1946, a imprensa está recebendo informações do incremento do turismo a nível mundial, sobretudo na Europa pós-Segunda Guerra Mundial. Mas, por aqui o poder público não tratava do turismo nem sequer em planos de governo. "*Nada se tem feito de sistematizador para fazer de nossa terra um ponto de atração.*"<sup>217</sup>

As estradas, sempre elas, são consideradas as maiores vilãs da falta de interesse turístico para com as praias da ilha. Reclamava o articulista que as estradas eram ainda do tempo de Hercílio Luz (falecido em 1924), só recebendo remendos precariamente. O artigo dizia ainda que a existência de uma lei que proibia a construção, pelo Estado, de estradas, a não ser para ligação entre municípios, deveria sofrer uma exceção para o caso da Capital, cujo município é todo circundado pelo mar. E se esse argumento não valesse, pelos menos pedia que se zelasse pela sala de visitas do Estado.

---

<sup>216</sup>Ibidem

<sup>217</sup>Ibidem

Por que não se deslocar de barcos como anteriormente? Um artigo anterior dizia que o automóvel tornara as outras formas de locomoção obsoletas. Parece que o Pós-Guerra fez com que as atenções se voltassem para os veículos rodoviários, e isto exigiu a construção de auto-estradas. Isto revela a aproximação cada vez maior do Brasil com os Estados Unidos, e a assimilação, por parte do Brasil, da "*Civilização americana*". O país começava a ser invadido por automóveis, em detrimento da ferrovia e da navegação.

De fato, somente com a construção de estradas estaduais, se processou um crescimento no movimento das praias do interior da ilha. Antes delas, os caminhos eram meras trilhas para carruagens. Foi no governo Celso Ramos (1961-1966) que se iniciou a abertura do leito da SC 401, ligando a cidade a Canasvieiras. Mas foi somente no governo Colombo Salles (1971-1975) que estas estradas receberam asfalto. Além da SC 401, foi construída a SC 402, que a partir do quilômetro 13 da SC 401 leva a Jurerê, a SC 403, que liga Canasvieiras aos Ingleses e a SC 404, que liga o Itacorubi à Lagoa da Conceição.

→ Antes da década de 1970, os veranistas freqüentavam, no máximo, Cacupé e Sambaqui ao Norte e Ribeirão da Ilha ao Sul. Com a abertura e asfaltamento das estradas estaduais, aliada à poluição das praias do perímetro urbano, o eixo de interesse dos veranistas mudou-se das praias das baías Norte e Sul para as praias oceânicas. Isto fez com que estes pioneiros balneários, localizados nas baías, passassem por uma estagnação. Os veranistas fechavam suas casas nestas praias, para construírem em Canasvieiras e Ingleses. Somente na década de 1980 estas praias voltaram a crescer, tornando-se, então, bairros residenciais da Capital.

As excursões a recantos da ilha, acompanhadas de churrascadas, foram aos poucos tornando-se hábito dos florianopolitanos, mas de forma lenta e gradual. Dizia um artigo de Ademar Américo Madeira, de 1946, que "estas coisas muito raramente aqui se verificam". No caso aludido ele relata uma excursão à Lagoa da

Conceição, que era feito por pedestres, haja vista não haver estrada carroçável pelo Morro do Padre Doutor.<sup>218</sup>

A imprensa volta e meia retorna ao tema. A imprensa tornava-se, embora de esfera pública, defensora de interesses privados que pretendiam um controle público sobre a praia para acumulação privada. Ilmar Carvalho escrevia em 1952 no jornal O Estado um artigo intitulado "Balneários, postos de salvamento e turismo". Neste artigo, ele dizia que Santa Catarina nada tinha a invejar, no que diz respeito a balneários, a outros Estados.

*"Pelo contrário, pois o afluxo de nossos vizinhos, até do Rio, é coisa muito comum de se observar.*

*"os banhos de mar, o sol, a temperatura agradável, a libertação das roupas e grande parte de preconceitos e normas citadinas, tudo nos faz procurar as praias, onde se pode estar em contato íntimo com a natureza, que, de tão pródigas, podemos dizer que é barriga verde..."<sup>219</sup>*

Cá estamos já na década de 1950, e as reclamações continuam as mesmas. Ilmar Carvalho diz que apesar do movimento já verificado em muitas praias catarinenses, nenhuma ainda possui posto de salvamento. E diz da importância de se tomar providência neste sentido, tendo em vista "constituir-se uma garantia para todos os freqüentadores de praias que, na maior parte, não sabem nadar", havendo acontecido, inclusive, alguns afogamentos. O primeiro "posto de guarda-vidas", não obstante, só foi criado em 1964, em Balneário Camboriú.

A propaganda é a alma do negócio. A máxima de todo vendedor é usada por Ilmar Carvalho, para dizer que

---

<sup>218</sup>MADEIRA, Ademar Américo. Excursão à Lagoa. Atualidades - julho, 1946

<sup>219</sup>CARVALHO, Ilmar. Balneário, postos de salvamento e turismo. O Estado. 10.02.1952

*"os proprietários de hotéis, restaurantes e negociantes de terrenos de praia deveriam unir-se e incrementar uma propaganda inteligente, que chamasse atenção nos principais jornais e revistas de outros Estados, principalmente, atraindo, desta forma, um grande número de pessoas que está sempre pronto a freqüentar um balneário e ter à disposição um perfeito serviço de hospedagem, conforto, etc, a preços razoáveis."*<sup>220</sup>

Ele sugere que o próprio governo deveria tomar parte nesta cruzada de divulgação. A conservação das estradas de acesso às praias era lembrada como uma boa política de atração de turistas.

Carvalho faz uma rápida retrospectiva da implantação dos balneários. Dizia ele que o

*"advento dos balneários catarinenses não vai a épocas recuadas. Recantos isolados há alguns anos atrás, hoje estão se transformando em pequenas cidades, quase constantemente habitadas, umas com luz elétrica, clubes, cinemas, padarias, finos hotéis, bons restaurantes, etc."*<sup>221</sup>

Ele faz questão de lembrar que a época vivida, década de 1950, estava trazendo mudanças na tematização do corpo e da moral:

*"A época atual livre do carrancismo de um passado cheio de roupas pesadas, volumosas e escuras, uma moral tacanha e prejudicial e bem longe da ginástica e dos salutarres banhos que nos proporcionam a vida ao ar livre e saudável das praias."*<sup>222</sup>

---

<sup>220</sup>Ibidem

<sup>221</sup>Ibidem

<sup>222</sup> Ibidem

Ilmar Carvalho proclamava a libertação de uma moral atrasada. As roupas pesadas cediam lugar aos trajes de banho. O culto ao corpo havia se instalado. Mas nem todos pensavam assim. As manifestações acerca do decoro na praia vez por outra pipocavam nos jornais. Carvalho, no entanto, é porta-voz de um sentimento que se tornava cada vez mais forte. Falava-se de uma nova civilização que definitivamente descobriu a natureza, o culto ao corpo, livres de uma moral proibitiva, de uma vida acomodada e sedentária. A máxima "mens sana in corpore sano" ganhava cada vez mais adeptos.

O turismo a nível mundial começou a crescer de fato a partir da Segunda Guerra Mundial. O documento O Turismo em Santa Catarina, publicado em 1970, faz um prognóstico do turismo a nível mundial:

*"Após a Segunda Guerra Mundial, o turismo teve grande efervescência, e imensa importância para a recuperação econômica de muitos países europeus.*

*Mais ócio, mais inquietações, e, maior poder aquisitivo, decorrências de transformações tecnológicas evolutivas e, atingindo estas, etapas de ampliação da eficiência nas comunicações e transportes, são fatos estreitamente relacionados ao desenvolvimento do turismo que assume formas substitutivas de escapes, de libertação, de ampla solução terapêutica.*

*Outrora como remédio caro, confinado às classes mais privilegiadas, o turismo, no mundo moderno, vem sendo dinamizado, ao mesmo tempo em que se poderá dizer que vem se 'democratizando.'*<sup>223</sup>

---

<sup>223</sup> LAGO, Paulo Fernando et alli: O Turismo em Santa Catarina, Publ. Codesul, Fpolis, 1970.

O documento diz, a nível mundial, o que pudemos perceber na Ilha de Santa Catarina em termos de turismo. Primeiro, as classes privilegiadas fizeram uso das praias, mas com o tempo, outros segmentos também foram aderindo às temporadas de veraneio, bem como a passeios às diversas praias da Ilha.

A preocupação do poder público catarinense para com o turismo é fato bastante recente. O primeiro documento sobre turismo em Santa Catarina é de 1960 - Florianópolis e o turismo, do Coronel Antônio de Lara Ribas.

Em 1959, a Federação das Indústrias de Santa Catarina - FIESC - realizou, em várias cidades catarinenses, o Seminário Sócio-Econômico de Santa Catarina, que visava discutir alternativas para o desenvolvimento do Estado. Deste seminário saiu a candidatura do presidente da FIESC, Celso Ramos, ao governo do Estado. Como fruto deste seminário, foi escrito o primeiro documento sobre o turismo em Santa Catarina - *Florianópolis e o Turismo*. Foi encarregado de redigi-lo o Coronel Antônio de Lara Ribas, diretor da divisão de administração do Serviço Social da Indústria - SESI-DN.<sup>224</sup>

O documento inicia dizendo ser o turismo uma das atividades mais compensadoras dos tempos modernos. Países europeus têm o turismo como grande fonte de recursos para os seus orçamentos. No Brasil, e particularmente em Santa Catarina, no entanto, muito pouco se tinha feito no campo do turismo, mas que agora os homens de negócio passavam a ter motivações suficientes para ensaiar os primeiros passos neste sentido. O objetivo do trabalho era

*"estudar e esboçar diretrizes para o incremento do turismo na Ilha de Santa Catarina, onde está situada a cidade de Florianópolis, Capital do Estado, de acordo aliás, com o desejo manifestado pelo seu ilustre prefeito."*<sup>225</sup>

<sup>224</sup>RIBAS, Antônio de Lara. Florianópolis e o turismo. Rio de Janeiro, 1960

<sup>225</sup>RIBAS, A. de L. Op. cit. S/N

Quais eram as possibilidades da Ilha de Santa Catarina tornar-se um centro de turismo? O Coronel Lara Ribas apontava muitas razões para isto: situação geográfica privilegiada, excelência do clima, variedade dos acidentes topográficos e o seu majestoso conjunto hidrográfico. Para o incremento do turismo também é de suma importância que o povo seja receptivo para com os estrangeiros. Neste sentido, dizia ele, o

*"ilhéu possui invejáveis qualidades de educação e acha-se à altura das mais requintadas exigências sociais. Além disso, o catarinense é conhecido pelos seus tradicionais dotes de inteligência e urbanidade. O barriga-verde, e o ilhéu em particular, se parece muito com o carioca. Catarinenses e cariocas se completam na extensão, na cultura, na alegria, e até no acentuado gosto apurado dos folguedos carnavalescos."*<sup>226</sup>

Os técnicos da Confederação Nacional da Indústria, segundo o documento, em observações feitas, classificaram a Ilha de Santa Catarina como ideal para ser transformada em esplêndido centro de turismo.

O documento discorre também sobre a situação geográfica, latitude, clima, superfície, acidentes geográficos e hidrográficos principais, florestas, motivos folclóricos, artesanato, desportos da pesca e da caça submarina; remo, natação, vela e motor, excursionismo, etc.; águas minerais e campos desportivos; rodovias, linhas marítimas e aéreas; urbanismo em geral; e hotéis, restaurantes e pontos de recreio.

O Coronel termina o documento dando sugestões para o desenvolvimento do turismo no município de Florianópolis. Uma delas sugeria isenção de impostos e outros favores fiscais para construção de hotéis e balneários, desde que obedecam aos planos traçados pela prefeitura.

<sup>226</sup>RIBAS, A. de L. Op. cit. S/N

A sociedade atual difere diametralmente da sociedade grega. Na sociedade grega os proprietários (esfera privada) arrogavam acesso à esfera pública em virtude de sua riqueza. Na sociedade moderna, os proprietários passaram a exigir da esfera pública proteção para o acúmulo de mais riquezas.<sup>227</sup> É a transformação da preocupação individual com a propriedade privada em preocupação pública.

O Coronel dá outras sugestões em Florianópolis e o turismo para o incremento do turismo na Ilha de Santa Catarina:

*" construção de pequenos hotéis, tipo "pousada", nas praias principais, onde não existam balneários ou hotéis de iniciativa privada;*

*organização de um plano rodoviário municipal, de interesse turístico, pois às vezes não é o traçado mais curto o que melhor convém aos objetivos em vista, e aceleração das obras de melhoramento e conservação das estradas municipais;*

*estudar um plano para a instalação progressiva de energia elétrica nos distritos, começando por Santo Antônio de Lisboa e Canasvieiras, já que Ribeirão conta com esse importante melhoramento público; (...)"<sup>228</sup>*

O Seminário Sócio-Econômico realizado pela FIESC foi o primeiro passo para implantar em Santa Catarina uma nova forma de governar, através de planos de governo. O vitorioso do pleito de 1960 e idealizador do Seminário procurou colocar em prática as sugestões dos diversos documentos.

Celso Ramos inaugurou em Santa Catarina o modo de governar através de planos de governo. Foi ele o último representante da oligarquia do Planalto a

<sup>227</sup>ARENDT, Hannah. A condição humana. 5a. Edição, revista. trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: 1991. p. 78

<sup>228</sup>RIBAS, A.L. Op. cit. S/N

governar Santa Catarina, oligarquia esta que frequentou Canasvieiras e que anexou as praias do continente à Capital. A sua Primeira Mensagem Anual à Assembléia Legislativa, a primeira fala oficial por parte do governo estadual a tratar do turismo em Santa Catarina, dizia:

*"Temos verificado ultimamente neste país grande desejo de nele criar condições que atraiam visitantes estrangeiros e promovam internamente deslocamentos turísticos.*

*Possuímos em Santa Catarina, além da costa atlântica, recantos aprazíveis e diferentes no interior, afóra as fontes de água termal que poderão entusiasmar o nacional e o alienígena, que buscam momentos de lazer ou a oportunidade de recuperar a saúde ameaçada."<sup>229</sup>*

Este é, pois, o início de uma preocupação do Estado para com o turismo. Durante alguns anos, porém, ficará somente no discurso. Em 09 de julho de 1965, pela lei No. 3684, o governador Celso Ramos criou o Serviço Estadual de Turismo, cuja orientação seria exercida pelo Conselho Estadual de Turismo, subordinado à Secretaria de Viação e Obras Públicas. Foi o primeiro passo no sentido de institucionalizar a preocupação com o turismo, mas não chegou a atuar.<sup>230</sup>

Jürgen Habermas diz que o Estado de Direito burguês pretende uma organização do poder público que garanta a sua subordinação às exigências de uma esfera privada, que se quer neutralizada enquanto poder e emancipada quanto à dominação.<sup>231</sup> O poder público começava a se interessar em promover o turismo, mas reservava à iniciativa privada a exploração das potencialidades da ilha.

---

<sup>229</sup>RAMOS, Celso. Mensagem Anual do Governador à Assembléia Legislativa. 15.04.1961

<sup>230</sup>Cf. LAGO, P. F. Op. cit. p. 30

<sup>231</sup>HABERMAS, J. Op. cit. p. 104

Somente a Lei No. 4240, de 30 de outubro de 1968, que revogou a anterior, definiu a Política Estadual de Turismo e criou o Departamento Autônomo de Turismo - DEATUR, nos moldes em que propusera o Grupo Executivo de Desenvolvimento do Turismo - GETUR, criado pelo Decreto de 18.12.1967, de No. 6325. A mesma lei (4240) definiu e criou o Conselho Estadual de Turismo, tendo como presidente o Secretário de Estado dos Negócios da Casa Civil, e, como secretário, o Diretor Geral do DEATUR.<sup>232</sup>

A nível nacional, a primeira Política Nacional de Turismo data de 1966. O Decreto-Lei No. 55, de 18 de novembro, definiu pela primeira vez, no Brasil, a atividade turística do governo como *"decorrente de todas as iniciativas ligadas à indústria do turismo, sejam originadas do setor privado, ou público, isoladas ou coordenadas entre si, desde que reconheça seu interesse para o desenvolvimento econômico do país"*. Foi criado o Conselho Nacional de Turismo - CNTUR e a Empresa Brasileira de Turismo - EMBRATUR, ligados ao Ministério da Indústria e Comércio.<sup>233</sup>

Em 1970, o Conselho de Desenvolvimento do Extremo Sul - CODESUL - publicou um estudo, com ajuda do DEATUR, intitulado "O Turismo em Santa Catarina". O trabalho faz um minucioso estudo das potencialidades de Santa Catarina, políticas de turismo, dos fomentos necessários, e traça um pequeno histórico da evolução da ocupação das praias da Ilha de Santa Catarina. Diz o documento:

*"Tem crescido bastante ultimamente a valorização dos terrenos de praia, aparecendo várias empresas loteadoras, principalmente nas áreas de Canasvieiras, Jurerê e Lagoa da Conceição.*

---

<sup>232</sup>LAGO. P. F. Op. cit. p. 30

<sup>233</sup>Ibidem. p. 23

*De modo geral, a ocupação dessas áreas é posterior à ocupação de outras mais próximas ao centro urbano, como Sambaqui, Saudade, Itaguaçu, Bom Abrigo, os três últimos ligados já ao perímetro urbano de grande densidade habitacional, e o primeiro já intensamente ocupado por proprietários residente em Florianópolis.*

*A Lagoa da Conceição igualmente se coloca como balneário de ocupação mais anterior, embora esteja longe de se esgotar a disponibilidade de terras para loteamento, e agora foi eleita para abrigar um grande empreendimento turístico, o marco efetivamente inicial do fenômeno, em termos de montantes de inversões a serem aplicados.*

*Outras localidades de praia, como Pântano do Sul, Armação do Sul, Ingleses, Ponta das Canas, apresentam fraca densidade de ocupação de casas de veraneio, caracterizando-se como comunidades de pesca artesanal.*

*A ocupação das praias mais importantes no momento não foi ainda acompanhada de realizações expressivas quanto à implantação de aparelho receptivo, à exceção da Lagoa da Conceição, mesmo assim em função dos serviços de restaurantes.*

*A praia de Canasvieiras há muito contava com um pequeno hotel, com restaurante, mas o movimento é apenas durante o curto período de maior densidade de dias quentes e ensolarados. Recentemente foi inaugurado uma obra mais complexa, o Country Club, Salões de bailes, de jogos, bar,*

*churrascaria, vestuários e quadras de esportes são alguns de seus elementos.*

*A receptividade dos turistas nas praias de Florianópolis é permitida, pois, pelos serviços inerentes localizados principalmente no centro urbano, e a acomodação tem sido possibilitada pelas unidades residenciais nelas construídas.*

*As praias da Ilha de Santa Catarina são esmagadoramente objetos de ocupação pelos próprios residentes na Capital.*

*A aquisição de terrenos, entre as diversas imobiliárias que operam no setor, acusa um percentual de 88% de compradores residentes em Florianópolis, 8% de compradores de outros Estados e 4% de áreas do interior do Estado.<sup>234</sup>*

 Neste documento, temos traçada a evolução da ocupação das praias, como já tínhamos feito em outra oportunidade. Da cidade partiu-se para o continente, depois às baías Norte e Sul, e por fim às praias oceânicas. O diagnóstico revela que Canasvieiras e Lagoa da Conceição apresentam um certo movimento, mas que se resume aos dias mais quentes do verão; enquanto as outras praias pouco ou quase nada tem. Observação pertinente é o fato de que são os habitantes da cidade de Florianópolis a maioria esmagadora dos freqüentadores das praias da Ilha de Santa Catarina e os proprietários dos imóveis.

*"Nota-se também que as aquisições de lotes não acusam, para cada lote, um comprador. Freqüentemente, o*

---

<sup>234</sup>Ibidem. p. 50-51

*comprador é proprietário de vários lotes, objetivando com isso assegurar os lotes excedentes para posterior comercialização.*

*Desse modo, praias como Canasvieiras e Jurerê, que ficam repletas de banhistas, guardam ainda um imenso vazio de habitações, proporcionalmente à área disponível.<sup>235</sup>*

Extensas áreas de terra foram compradas por empresas locais. Os membros da família Ramos, provenientes de Lages, fazendeiros de estirpe, foram os primeiros a adquirir e a formar verdadeiros "latifúndios" na Ilha de Santa Catarina, substituindo o latifúndio no planalto pelo "latifúndio no litoral". É de conhecimento comum, por exemplo, que a área onde hoje está localizado o bairro "Jurerê Internacional", que só foi urbanizado na década de 1980, pertencia a Aderbal Ramos da Silva, e que a Praia Brava pertencia a Celso Ramos, não possuía estrada e foi urbanizada recentemente. Vejam a importância desta questão, posto que isto acarretou uma mudança substancial na distribuição e valorização da terra na Ilha de Santa Catarina. As terras da ilha, antes poucos valorizadas, passaram a ser super valorizadas.

*"Entretanto, o movimento turístico parece não estar na dependência de simples trechos apenas revestidos, mas sim da própria rodovia coletora - a BR 101, que situa Florianópolis demasiadamente distante das duas áreas de maior concentração demográfica urbana - Curitiba - Porto Alegre, e a outra grande área demográfica do próprio Estado se orienta para balneários mais próximos, como Piçarras, Camboriú, Barra Velha, Ubatuba.*

*Assim sendo, as praias de Florianópolis representam, na conjuntura, complementos de um processo de*

---

<sup>235</sup>Ibidem. p. 51

*visitação cujas motivações estão muito de perto relacionadas a interesses culturais administrativos e de negócios.*

*Essa situação, no entanto, tende a se alterar, pois outros atrativos próprios de Florianópolis como o destacado Carnaval, e a excessiva valorização dos preços de lotes em balneários como Camboriú, irão condicionar maior afluxo de distâncias maiores. A ultimação da BR 101 dará, provavelmente, o impulso mais decisivo.<sup>236</sup>*

Da década de 1970 em diante, o turismo, o turista, empreendimentos turísticos, incentivos e políticas de turismo passaram a fazer parte do cotidiano da ilha, embora tardiamente em relação às praias do Norte do Estado.

A abertura e asfaltamento da BR 101 foi o grande fator que impulsionou o turismo na Ilha de Santa Catarina, aliado à instalação das Centrais Elétricas do Sul do Brasil (ELETROSUL) e da Universidade Federal de Santa Catarina, que fizeram com que um contingente grande de pessoas de classe média, sobretudo do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, viesse aqui se estabelecer. Estava definitivamente mudado o rumo da história da Capital de todos os catarinenses.

Alain Corbin, na sua obra O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental, diz que a vilegiatura marinha e a organização dos balneários acabaram por extinguir práticas espontâneas, tais como a organização de piqueniques e o peixe comprado e assado na praia.<sup>237</sup> Por aqui também não se deu de forma diferente. Há praias, com nível de primeiro mundo, que não são servidas por transporte coletivo. Só se chega a elas através de condução própria. Isso já elitiza bastante uma praia. As manifestações espontâneas cedem lugar a práticas estabelecidas. Em certas situações, chega-se a privatizar o mar e a praia.

---

<sup>236</sup>Ibidem. p. 50-53

<sup>237</sup>CORBIN, A. Op. cit. p. 296

Não está concluída, com toda certeza, a pesquisa sobre o banho de mar na Ilha de Santa Catarina. Está apenas lançada uma primeira luz sobre um assunto sobre o qual ainda não tínhamos nada escrito. Valeu a pena? Fernando Pessoa diz que "tudo vale a pena se a alma não é pequena". Foi gratificante ter ficado tantos meses pesquisando e escrevendo sobre este elemento, o mar, que me é tão caro, e que sempre me esteve tão próximo.

É importantíssimo termos presente que de fato o banho de mar, o veraneio, o turismo e tudo que veio no seu rastro, provocou uma mudança bastante grande na Capital catarinense. O habitante da cidade, que antes se contentava em permanecer no perímetro urbano, passou a procurar as praias, e a cada vez mais se afastar do centro. Esta demanda da praia fez com que o cidadão entrasse em contato mais direto com o interiorano que antes só era visto nas feiras e no Mercado Público. Isto fez com que a cidade penetrasse no interior levando consigo, como sói acontecer, sua "malfazeja sina".

A especulação imobiliária tirou o sossego, a morada, o lugar de recreio e de trabalho do pescador. Tirou-o da pesca e da roça e colocou-o como vigilante e chacareiro do "pessoal da cidade". As suas embarcações deixaram de pescar para levar turistas a passeio, passando, na maioria das vezes, de proprietários a zeladores das embarcações. O ilhéu do interior deixou de ser tão dependente da "bondade" do tempo e do mar para ser dependente da cidade e de seu habitante, deixou de plantar cebola verde para ir comprá-la no Mercado Público.

O banho de mar, que passou a ser chique quando começou a ser praticado pela elite, acabou por se estender a todas as camadas sociais, e se tornar um hábito comum de quase todos os ilhéus. É difícil o ilhéu que não tenha a sua praia preferida dentre as 42 praias da ilha, e a freqüente assiduamente, ao menos no verão. Ver alguém tomando banho de mar fora da temporada já faz o ilhéu dizer na hora: "É

gente de fora!". O ritual do banho de mar continua para o ilhéu, como nos primórdios do Hotel Balneário de Canasvieiras, de dezembro a março.

A ocupação das praias, como aqui foi dito, deu-se a partir do perímetro urbano - Praia de Fora, estendeu-se ao continente próximo, depois para as praias das baías Norte e Sul - Sambaqui, Cacupé, Ribeirão da Ilha e por fim, após a abertura de estradas estaduais no interior da Ilha, estendeu-se às praias oceânicas - Canasvieiras, Ponta da Canas, Ingleses, Lagoa, etc., sendo que, estas últimas, por terem sua ocupação em época posterior a desta pesquisa, não foram exploradas suficientemente, haja vista que o período se tornaria demasiadamente longo.

Dentro de uma perspectiva histórica que aborda "novos problemas", analisar a mudança dos sentimentos em relação ao mar na Ilha de Santa Catarina, e a constituição, inicialmente, de um espaço de sociabilidade das elites e posteriormente a relativa popularização deste espaço, nos faz perceber a importância para a história da construção de valores, divulgados pelos meios de comunicação. Ao historicizar os sentimentos, estamos apontando suas possibilidades de mudança, tirando-os da categoria de "naturais".

Além disso, ao perceber a mudança na relação com o público e o privado estamos demonstrando como questões consideradas da esfera privada podem tornar-se públicas e vice-versa, tornando menos rígidos estes conceitos e ao mesmo tempo alertando para a interferência, cada vez maior em nossos dias, do setor público nas esferas da vida privada, em sua maior parte, reivindicada por setores desta mesma esfera.

**"A alma é divina e a obra é imperfeita.  
Este padrão signala ao vento e aos céus  
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:  
O por-fazer é só com Deus"**

**Fernando Pessoa**

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### 1. Fontes primárias

#### 1.1. Periódicos - Acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina

##### A. Jornais

O Estado - Florianópolis, 1917 a 1953 ( janeiro e fevereiro)

A Época - Florianópolis, 1911 a 1921

A Pátria - Florianópolis, 1933, 1935 ( janeiro e fevereiro)

Terra Livre - Florianópolis, 1918 (dez), 1919 ( janeiro, fevereiro)

O Dia - Florianópolis, 1901, 1903 a 1906, 1908 a 1910, 1917, 1918 ( janeiro fevereiro)

A Semana - Florianópolis - 1928 a 1931

Diário da Tarde - Florianópolis, 1936 a 1938 ( janeiro e fevereiro)

O Estado ( 4a. época)- Florianópolis, 1902 ( janeiro e fevereiro)

O Novo Íris - Florianópolis, 1850-1851

Gazeta Catharinense - 1908 a 1910 ( janeiro e fevereiro)

O Clarão - Florianópolis - 1911 a 1918

Sul Americano - Florianópolis - 1900 a 1904 ( janeiro e fevereiro)

Folha Nova - Florianópolis, 1929 ( janeiro)

A Gazeta - Florianópolis - 1940 ( janeiro)

Folha do Comércio - Florianópolis, 1911 a 1915 ( janeiro e fevereiro)

República - Florianópolis, 1895, 1919, 1921 ( janeiro e fevereiro)

A Capital - Florianópolis - 1920, 1921

## B. Outros

Palavra ( órgão literário) 1888

Anuário Barriga Verde para 1920

Anuário Catarinense para 1929

Revista Atualidades - 1946

### 1.2. Mensagens Oficiais do Governo do Estado e Códigos de Posturas - Acervo do Arquivo Público de Santa Catarina

\*Mensagem Anual do Governador Celso Ramos à Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina em 15 de abril de 1961

\*Código de Posturas da Câmara Municipal da Cidade do Desterro de 22.10.1888.

### 1.3. Obras Literárias, Estudos e Documentos - Acervo particular e da Biblioteca Pública de Santa Catarina

D'Eça, Othon da Gama. Homens e Algas, 3a. edição. Florianópolis: FCC: Fundação Banco do Brasil: Editora da UFSC, 1992.

FIGUEIREDO, Juvêncio de Araújo. Poesias - Edição comemorativa do centenário. Florianópolis: 1966

LAGO, Paulo Fernando et alli. O Turismo em Santa Catarina. Publicação Codesul, Florianópolis, 1970.

PESSOA, Fernando. Obra Poética ( volume único); org. Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar. 1994

RIBAS, Antônio de Lara. Florianópolis e o Turismo. Rio de Janeiro, 1960.

SCHUTEL, Duarte Paranhos. A Massambu. Florianópolis: Ed. da UFSC - Movimento INL. 1988

VÁRZEA, Virgílio. A Canção das Gaivotas. Org. Lauro Junkes, Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1985.

### 1.3. Entrevistas informais

Alcides Abreu

Carlos Humberto Pederneiras Corrêa

Marisa Ramos

Nereu do Vale Pereira

Timóteo Ferreira Filho

## 2. Bibliografia

ANDRADE, Djanira M. Martins. Hercílio Luz: uma ponte integrando Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981

ARAÚJO, Hermetes Reis de. A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira república. São Paulo: PUC, 1989. Dissertação ( Mestrado em História). Pontificia Universidade Católica de São Paulo, 1989.

ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. A Vocação do Prazer: A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ARENDT, Hannah. A condição humana. 5a. edição, revista, trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: 1991

BENJAMIN, Walter. Paris, Capital do Século XIX. In: COHN, Gabriel (org). Walter Benjamin: Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ed. Ática, 1985

BOPRÉ, Maria Regina. Por terras e águas de Santa Catarina no século XVIII com o Barão de Böhn. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Florianópolis: 1988-89.

- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Os açorianos. Separata do Vol. II dos Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1950.
- História de Santa Catarina. 2a. edição. Rio de Janeiro: Ed. Laudes, 1970.
- Nossa Senhora do Desterro, vol.I - Notícia; Vol. II - Memória. 2a. edição. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1979
- CHEREM, Rosângela Miranda. Caminhos para muitos possíveis: Desterro no final do Império. Dissertação de Mestrado ( História). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.
- CORBIN, Alain. O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental( trad. Paulo Neves). São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- Saberes e odores. O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. Trad. Ligia Watanabe. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- CORRÊA, Carlos Humberto. Um Estado entre duas Repúblicas: A Revolução de 30 e a Política de Santa Catarina até 35. Florianópolis: Ed. da UFSC/ Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.
- Militares e civis num governo sem rumo: o governo provisório revolucionário de Desterro - 1893-1894. Florianópolis: Ed. da UFSC, Ed. Lunardelli, 1990.
- COSTA, Jurandir Freire. Ordem Médica e Norma Familiar. 2a. edição. Rio de Janeiro: ed. Graal, 1983.
- DA MATTA, Roberto. A Casa & a Rua. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- DONZELOT, Jacques. A polícia das famílias; trad. de M.T.C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1980.
- DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e Cultura Popular. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar Editor Ltda, 1990.

HABERMAS, Jürgen. Mudança Estrutural da Esfera Pública: Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Trad. Flávio Kothe. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1984.

KUPKA, Roselane Neckel. Tensões e imagens do viver urbano em Florianópolis - 1910-1930. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993, Dissertação de Mestrado ( História)

LEITE, Míriam Moreira (Org.). A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: Hucitec; Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

MEIRINHO, Jali. A República em Santa Catarina de 1889 a 1900. Florianópolis: Ed. da UFSC, Ed. Lunardelli, 1982.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: Uma questão de classe - papéis sociais femininos na sociedade de Desterro/Florianópolis - 1880/1920. São Paulo: Universidade de São Paul, 1992.

PERROT, Michele et alli. História da Vida Privada v. 4. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

PIAZZA, Walter Fernando. O Brigadeiro José da Silva Paes: Estruturador do Brasil Meridional. Florianópolis: Ed. da UFSC; Rio Grande: Ed. da Fundação Universidade do Rio Grande; Florianópolis: FCC Edições, 1988.

----- ( Org.). Dicionário Político Catarinense. Florianópolis: Ed. da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985.

REGO, Márcia Souza. O nu e o vestido: uma etnografia da nudez na Praia do Pinho. Florianópolis: UFSC. Dissertação ( Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina, 1992.

SACHET, Celestino. A Literatura Catarinense. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. O Prazer Justificado: Lazer em São Paulo \_\_\_\_\_ ( 1969-1979). São Paulo: PUC- SP, 1988, (Dissertação) Mestrado em História.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1988.

SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

SOARES, Japonan (Org.). Estreito - Vida e Memória. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1990.

SOUZA, Gilda de Mello e. O Espírito das Roupas. A moda no século XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SILVA, Hélio. História da República (1889-1903). São Paulo: Nova Cultural, 1990.

VÁRZEA, Virgílio. Santa Catarina - A Ilha. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

VAZ, Nelson Popini. O Centro Histórico de Florianópolis Espaço Público do Ritual. Florianópolis: FCC/ Ed. da UFSC, 1991.

VEIGA, Eliane Veras da. Florianópolis: Memória Urbana. Florianópolis: Ed. da UFSC e Fundação Franklin Cascaes. 1993